

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

WENDRYLL JOSÉ BENTO TAVARES

**A DEFESA DE UM MODO ROMANO DE LUTAR: VEGÉCIO E A
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA *EPITOMA REI MILITARIS*
(SÉC. IV D.C.)**

Goiânia

2014

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Wendryll José Bento Tavares		
E-mail:	historiawendryll@gmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? ☒ Sim ☐ Não			
Vínculo empregatício do autor			
Agência de fomento:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	Sigla:	
País:	Brasil	UF:	GO CNPJ:
Título:	A Defesa de um Modo Romano de Lutar: Vegécio e a Construção de Identidades na <i>Epitoma Rei Militaris</i>		
Palavras-chave:	Antiguidade Tardia, História Militar, Manuais Militares, Vegécio, Exército		
Título em outra língua:	The Defense of a Roman Way of Warfare: Vegetius and the Identities Construction in <i>Epitoma rei militaris</i> (fourth century)		
Palavras-chave em outra língua:	Late Antiquity, Military History, Military Manuals, Vegetius and Army		
Área de concentração:	Culturas, Fronteiras e Identidades		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	24/04/2014		
Programa de Pós-Graduação:	História		
Orientador (a):	Luciane Munhoz de Omena		
E-mail:			
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

WENDRYLL JOSÉ BENTO TAVARES

**A DEFESA DE UM MODO ROMANO DE LUTAR: VEGÉCIO E A
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA *EPITOMA REI MILITARIS*
(SÉC. IV D.C.)**

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e
Identidades

Linha de Pesquisa: História, Memória e
Imaginários Sociais

Orientadora: Professora Doutora Luciane
Munhoz de Omena

Goiânia

2014.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

GPT/BC/UFG

Tavares, Wendryll José Bento.

T231d A Defesa um Modo Romano de Lutar [manuscrito] : Vegécio e a Construção de Identidades na *Epitoma rei militaris* (Séc. IV d.C.) / Wendryll José Bento Tavares. - 2014.

xv, 147 f. : il., figs.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciane Munhoz de Omena

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2014.

Bibliografia.

Apêndices.

1. Roma – História antiga 2. Roma – História militar

3. Identidades militares romanas 4. Antiguidade tardia

I. Título.

CDU: 930.85:355.01

WENDRYLL JOSÉ BENTO TAVARES

**A DEFESA DE UM MODO ROMANO DE LUTAR: VEGÉCIO E A
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA *EPITOMA REI MILITARIS*
(SÉC. IV D.C)**

Dissertação defendida no curso de Mestrado em História na Universidade Federal de Goiás,
para obtenção do grau de Mestre, aprovada em __/__/ 2014, pela Banca Examinadora
constituída pelos seguintes professores:

Professora Doutora Luciane Munhoz de Omena - UFG

Presidente

Professora Doutora Lyvia Vasconcelos Baptista - UFRN

Membro

Professora Ana Teresa Marques Gonçalves - UFG

Membro

Professora Doutora Armênia Maria de Souza - UFG

Suplente

Professora Doutora Margarida Maria de Carvalho - UNESP/Franca

Suplente

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E

DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐
Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Wendryll José Bento Tavares		
E-mail:	historiawendryll@gmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? ☒ Sim ☐ Não			
Vínculo empregatício do autor	Não		
Agência de fomento:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	Sigla:	
País:	Brasil	UF:	GO
		CNPJ:	
Título:	A Defesa de um Modo Romano de Lutar: Vegécio e a Construção de Identidades na <i>Epitoma rei militaris</i> (Séc. IV d.C.)		
Palavras-chave:	Antiguidade Tardia, História Militar, Manuais Militares, Vegécio, Exército		
Título em outra língua:	The Defense of a Roman Way of Warfare: Vegetius and the Identities Construction in <i>Epitoma rei militaris</i> (fourth century)		

Palavras-chave em outra língua:		Late Antiquity, Military History, Military Manuals, Vegetius and Army
Área de concentração:	Cultura, Fronteira e Identidades	
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	04/04/2014	
Programa de Pós-Graduação:	História	
Orientador (a):	Luciane Munhoz de Omena	
E-mail:		
Co-orientador (a): *		
E-mail:		

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

_____ Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do (a) autor (a)

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Ana Teresa Marques Gonçalves, por ter acreditado neste trabalho e por ter me dado o suporte necessário para que a escrita dessa dissertação fosse possível. Sem as suas orientações e livros o presente trabalho não seria possível.

Agradeço imensamente à Professora Doutora Luciane Munhoz de Omena, em primeiro lugar pela leitura atenta e ajuda na elaboração da dissertação, e em segundo lugar por toda ajuda institucional.

À Professora Doutora Margarida Maria de Carvalho pela leitura atenta na Qualificação e por toda a atenção prestada a mim e sua orientanda de Doutorado Bruna Campos pelas valiosas informações prestadas.

À Professora Doutora Lyvia Vasconcelos Baptista pela disposição de vir a Goiânia e pela leitura atenta deste trabalho.

À Professora Doutora Armênia Maria de Souza, a quem devo muito das lições humanas e acadêmicas aprendidas nesta Universidade.

Aos amigos que fiz na graduação (e até antes), pois, estamos na mesma caminhada a um bom tempo e espero que continuemos: Hugo David, Lorena Cândida Martins e Johnny Taliateli. Além de amigos são críticos que me fazem melhorar.

Aos amigos que fiz nos últimos anos e que também foram essenciais em minha trajetória: Daniela Cristina, Flávio Justino, Mariana Romero, João Neto, Cleuza Teixeira, Gilberto Noronha, Rodrigo Santos e Mariana Carrijo.

A Thiago Eustáquio, Marcelo Miguel e Samuel Nunes, que além de colegas da área de História Antiga se tornaram excelentes amigos.

Aos meus professores de graduação que me ensinaram a gostar desta profissão e por me divertirem em suas excelentes aulas. Um agradecimento especial aos seguintes professores: David Maciel, Noé Sandes Freire, Dulce Oliveira, Heloisa Capel e Cristina de Cássia.

À Kátia Lúcia, Márcio Telles e Morgado por todas as lições aprendidas sobre História, Arqueologia e amizade durante os anos de convivência.

Agradeço a CAPES pelo financiamento dessa pesquisa através da Bolsa de Demanda Social.

Agradeço a minha mãe, Elisângela Cristina e minha irmã, Emilly Cristina, pela paciência que tiveram comigo durante os momentos de escrita e por me apoiarem nos vários momentos de incerteza.

Agradeço a meu pai, Jefferson Bento, sua esposa, Adriana Rocha, e minhas irmãs, Ana Clara e Maria Fernanda, pelo estímulo e pelo suporte em vários momentos.

Agradeço à Tia Suze, ao Tio Júlio, à Cinthia e ao Juninho por me possibilitarem um ambiente tão agradável em sua casa e por todo carinho que tiveram comigo desde minha infância.

Aos meus familiares por parte materna, um agradecimento especial ao meu Tio Fábio e minha Avó Carmem.

Aos amigos do Jiu-Jitsu, já que durante muitos momentos esta foi minha grande diversão. Ao Sensei Thiago Makishi e família, Vitor Fernando, Paulo, Osemar Junior, Marcos Vinicius, Wendell, Washington, Leó, Renato, Rafael, Rafinha, Phillips, Wardem Wildem, Santiago e Alan.

Aos amigos Roberta, Wellington, Aluiz, Jovanil, André, Cláudio, Yuri e Fernanda.

Aos meus professores de Ensino Médio: Wesley, Mirelli, PC, Paulo Sérgio, Tutorides e especialmente Américo Couto, por me estimularem a prosseguir na busca de um sonho.

Aos meus avós, Elon, Clodione, Carmem e Domingas, especialmente esta última que se tornou uma figura essencial em minha vida desde meu nascimento e que me ajudou nas escolhas mais importantes e difíceis de minha existência.

À minha namorada Ana Clara Fernandes, que tem sido fundamental para que eu prossiga minha trajetória profissional e pessoal. Muito obrigado por todo o companheirismo, carinho e paciência dispensados a mim nos últimos anos.

RESUMO

Este trabalho de dissertação tem como objetivo propor um estudo das identidades militares romanas no final do século IV d.C a partir da definição de um modo romano de lutar. Para isso utilizamos a *Epitoma rei militaris* escrita por Flávio Vegécio Renato, obra que se enquadra dentro do grupo de fontes denominadas manuais militares. Procedemos a uma análise dos elementos teóricos e tipológicos da fonte, da organização militar romana no período histórico estudado e a uma problematização do conceito de modo romano de lutar.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia, História Militar, Manuais Militares, Vegécio e Exército.

ABSTRACT

This dissertation work aims to propose a study of the Roman military identities at the end of fourth century from the definition of a Roman way of warfare. For this we use the *Epitoma rei militaris* of Flavius Vegetius Renatus. We conducted an analysis of theoretical and typhological elements of the work, the Roman military organization during this period and finally, we seek to problematize the Roman way of warfare.

Keywords: Late Antiquity, Military History, Military Manuals, Vegetius and Army.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	03
RESUMO.....	05
ABSTRACT.....	06
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - APONTAMENTOS TIPOLÓGICOS E TEÓRICOS ACERCA DA <i>EPITOMA REI MILITARIS</i> DE FLÁVIO VEGÉCIO RENATO.....	21
1.1. Biografia do Autor.....	21
1.2. A obra: uma breve datação.....	28
1.3. Uma pequena História do Documento e apresentação da fonte.....	37
1.4. Delimitação tipológica da fonte.....	40
1.5. A construção de identidades na <i>Epitoma rei militaris</i>	47
CAPÍTULO 2- SOA O <i>CLASSICUM</i> ! OS EXÉRCITOS ROMANOS NO SÉCULO IV.....	59
2.1. O cenário político-militar romano na segunda metade do IV século: de Graciano a Teodósio I.....	59
2.2. O aparelho militar romano no final do IV século: uma máquina em mudança.....	70
2.3. A concepção de guerra na <i>Epitoma rei militaris</i>	81
CAPÍTULO 3- A DEFESA DE UM MODO ROMANO DE LUTAR NA <i>EPITOMA REI MILITARIS</i>	89
3.1. Do Modelo Ocidental de Guerra ao Modo Romano de Lutar.....	89
3.2. Treinamento e Disciplina Militar.....	96
3.3. A Legião	106
3.4. O Funcionamento do Exército.....	115
3.5. Utilização da <i>Poliorcética</i>	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	136
ANEXOS.....	147

INTRODUÇÃO

- Os Romanos construíram cidades inteiras - continuou Galaad - lugares tão vastos, Derfel, que levaria uma manhã inteira atravessando a cidade de um lado ao outro e todos os seus passos assentariam em pedras em bom estado. E nesses dias se podia andar durante semanas e ainda estaria dentro do território de Roma, sujeito à lei de Roma e ouvindo a língua de Roma. Agora, olhe para isto. - Fez um gesto com a mão indicando a noite. - Só escuridão. E esta escuridão está se espalhando, Derfel (CORNWELL, 2005, p.170).

A fala acima pertence ao romance *O Rei do Inverno*, publicado em 1995 por Bernard Cornwell e traduzido no Brasil em 2001. Desde então 20 outras edições da obra foram lançadas até o final de 2012. Nesta obra, integrante das *Crônicas de Arthur*, Derfel protagoniza uma história em um mundo em transformação no qual cristianismo e paganismo estão em permanente confronto, assim como existe um quadro de permanentes incursões de povos como os francos e os saxões no território que antes era romano. O escravo de origem saxã que vivia na casa de Merlin e se tornou um fiel guerreiro de Arthur participa de várias campanhas, como a malfada expedição à Armórica, local em que Galaad e Derfel protagonizaram o diálogo mencionado acima. Mais do que ilustrar o cenário na Ilha da Bretanha no final do IV e início do V século, as palavras de Galaad nos mostram como, ainda hoje, existe a noção de que tal período histórico representou a entrada numa época de escuridão. O início da "Idade das Trevas" tem um impacto significativo entre o grande público na contemporaneidade, haja visto que essa obra vendeu mais de 4 milhões de exemplares e foi traduzida em 17 idiomas.

Esse cenário, seja nas diversas produções cinematográficas como *Átila*, o *Huno* (2001) ou *Rei Arthur* (2004), seja na literatura com as *Crônicas de Artur* ou *Crônicas Saxônicas*, nos inquietava desde os tempos de escola. Sempre gostamos também de ler e assistir obras em que a guerra fosse tratada. Nosso primeiro contato com um documento militar se deu ainda em nossa adolescência quando lemos a famosa obra *A Arte da Guerra* de Sun-Tzu. Jogos de tabuleiro como *War*, videogames como *Shadow of Rome*, quadrinhos como *300*, animes e mangás como *Samurai X* faziam nosso interesse aumentar para o fenômeno bélico.

Cronologicamente escolhemos estudar o período conhecido historiograficamente como "Antiguidade Tardia". Este conceito começou a se desenvolver no começo do século XX e, como ressalta Norberto Luiz Guarinello, "alcançou o estatuto de ortodoxia nos últimos trinta anos, sobretudo após a publicação do livro *O Mundo da Antiguidade Tardia*, do norte-americano Peter Brown, em 1976" (GUARINELLO, 2013, p. 161-162). Significou uma grande mudança de perspectiva em

que foi dada uma maior ênfase às integrações culturais. Contudo, tal conceito ainda suscita debates acalorados entre os pesquisadores que estudam o arco cronológico situado entre os séculos III e VII d.C. e que tendem a se dividirem entre os defensores da Antiguidade Tardia e os defensores da denominação Baixo Império. Antes de nos posicionarmos em relação às nossas preferências teóricas, se faz necessário que apresentemos alguns dos mais importantes teóricos das duas vertentes.

O pesquisador Jean Michel Carrié nos dá uma boa ideia dos pontos de desacordo entre as duas correntes. Enquanto os estudiosos partidários da segunda explicação para o fim do mundo antigo defendem noções de ruptura e crise como chaves explicativas, os adeptos da Antiguidade Tardia procuram as continuidades, restaurações, redirecionamentos e renascimentos, principalmente entre os séculos IV e V (CARRIÉ, 1999, p. 09). Este autor opta por utilizar o termo Antiguidade Tardia como um "período possuidor de sua própria identidade, de sua irredutível singularidade, que se deve estudar por ele próprio" (CARRIÉ, 1999, p. 25). A ideia de mutação é o que caracteriza o período entre os séculos II e VIII, um trânsito entre os mundos clássico e medieval.

Santo Mazzarino em sua obra *O Fim do Mundo Antigo*, publicada originalmente em 1959, procura estudar os conceitos de “decadência” e “morte de Roma” a partir do século II a.C. até a segunda metade do século XX. Paralelamente, o autor tenta oferecer uma “interpretação moderna da ruína do mundo antigo, através da crítica e da discussão das diversas soluções e hipóteses” (MAZZARINO, 1991, p. 09). Durante seu estudo, que compreende mais ou menos vinte e dois séculos, Mazzarino analisa autores como Políbio, Lucrécio, Cícero, Santo Agostinho, Löwenklav, Hugo Grotius, Gibbon, Burckhardt, Otto Seeck e Mikhail Rostovzev¹. Mazzarino pensa o conceito de decadência a partir da necessidade humana de fazer prognósticos acerca do futuro a partir do momento em que os homens se viam entre o velho e o novo. O conceito de decadência “em certo sentido coincide com o de culpa coletiva” (MAZZARINO, 1991, p. 14). O autor mostra ainda que diversas foram as definições de decadência do Império Romano durante esses vinte e dois séculos e, após apresentá-las, ele tece algumas conclusões. A principal delas para nossos objetivos é a de que devemos:

¹ Para um estudo da ideia de decadência na *Epitoma rei militaris*, ler a dissertação de Marcello Paniz Giacomoni, "Ecos de uma tradição: a ideia de decadência na obra *Epitoma Rei Militaris*, de *Flavius Vegetius Renatus* (GIACOMONI, 2011).

recusar o termo decadência no que diz respeito à literatura e à arte do baixo império: podemos, por certa *pruderie*, evitar o termo no que diz respeito a outros fenômenos da vida nesse período; mas não é lícito condenar sem apelação os historiadores que insistem na crise do império em termos políticos e sociais (MAZZARINO, 1991, p. 220).

Outra obra importante para a definição desse novo período histórico é *O Mundo da Antiguidade Tardia* de Peter Brown. Esta obra é fundamental porque o autor define um novo período histórico (uma nova forma), denominado Antiguidade Tardia que começaria no ano 200 d.C. e se estenderia até o século oitavo. Este período se caracterizaria não por uma dissolução de metade do Império Romano, mas pela mudança religiosa e pelo debate cultural. O termo decadência deveria ser substituído, segundo Brown, por revolução cultural e religiosa (BROWN, 1971).

Um outro pesquisador que se insere no estudo das transformações estruturais entre os séculos IV e V no Império Romano e que possui uma análise bastante interessante é Peter J. Heather. Ao pensar a situação militar romana, primeiramente no quarto século, o autor busca desconstruir a tese de que o exército romano estava esperando enfraquecido pelos bárbaros. As forças imperiais realizavam campanhas de “propósito punitivo, que além de serem boas para a moral militar permitiam que as tropas pilhassem” (HEATHER, 2010, p. 230). Para consolidarem sua dominação, os Imperadores chegavam mesmo a estabelecer parcerias com alguns grupos bárbaros. Uma outra característica desse momento é que de tempos em tempos:

Imperadores deveriam usar sua superioridade militar para tomar ações drásticas. Além de combater estruturas políticas perigosas do outro lado das fronteiras, os Imperadores deveriam assegurar que nenhuma região além das fronteiras ficasse superlotada (HEATHER, 2010, p. 231).

Todas as benesses e privilégios diplomáticos dados aos governantes bárbaros ajudaram a concentrar poder nas mãos de um novo tipo de “rei”. A natureza do poder político mudou e um “elemento hereditário muito mais forte invadiu a política” (HEATHER, 2010, p. 235). Além disso, no campo econômico, houve um crescimento populacional que não foi acompanhado pelas estruturas políticas romanas. A política imperial e as preferências econômicas estimularam “uma série de reações que tornaram vizinhos fracos em sociedades muito mais capazes de resistir ou até mesmo de lutarem contra o imperialismo em exercício” (HEATHER, 2010, p. 242).

Um autor que defende a utilização do conceito de Antiguidade Tardia a partir dos aspectos políticos e institucionais, assim como Heather, é Renan Frighetto. Em *Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras numa Época de*

Transformações, este autor define a Antiguidade Tardia como "*uma nova antiguidade*" (FRIGHETTO, 2012, p. 179). Um momento em que o Império Romano sofreu um processo paulatino de divisão interna que culminou na sua fragmentação. Diversos fatores contribuíram para esse processo, como regionalização dos poderes políticos, fortalecimento das aristocracias de origens romana e autóctones e a presença de tribos bárbaras nos limites do Império.

Entre os defensores da utilização de Baixo Império podemos destacar primeiramente Michael Grant. Em sua obra *Roma: A Queda do Império*, publicada originalmente em 1976, este autor defende que houve realmente uma queda do Império Romano. Para que este fosse derrubado, dois tipos de processos foram de capital importância: "as invasões provenientes do exterior e as fragilidades suscitadas no seu interior" (GRANT, 2009, p. 11). O autor cataloga treze problemas – identificados principalmente com o processo de fragilidades no interior do Império – que levaram Roma à paralisia final. Interessante na análise de Grant é notar como todos esses problemas possuem em comum a questão da desunião, seja dos ricos contra o Estado, dos aliados ou dos generais contra o Exército. Na visão do autor, ao chegar o dia em que as diferenças se tornaram irreconciliáveis e violentas, toda a sociedade foi posta em risco e foi "o que aconteceu aos romanos antigos. E foi por isso que Roma caiu" (GRANT, 2009, p. 12). O grande problema da leitura de Grant em nossa opinião é pensar que houvesse antes do século III um período de união entre ricos e Estados, dos aliados ou mesmo dos generais com o Exército. Rebeliões, tentativas de usurpação ou guerras civis aconteceram durante o Principado também.

Bryan Ward-Perkins defende a existência de uma decadência do Império a partir do princípio da violência inerente às invasões bárbaras. Para ele, "a chegada dos povos germânicos foi muito desagradável para a população romana, e os efeitos a longo prazo do processo de dissolução do Império foram dramáticos" (WARD-PERKINS, 2005, p. 10). Na opinião deste autor até mesmo em regiões que passaram em relativa paz para o controle germânico havia devastação e invasão. Na análise de Ward-Perkins, a acomodação pacífica dos germânicos é uma explicação limitada e que não corresponde ao que ocorreu verdadeiramente na metade ocidental do Império. Utilizando de testemunhos, como os de Severino e Eugipo, Ward-Perkins defende que "o quinto século testemunhou uma profunda crise militar e política, causada pelo ganho de poder e riqueza pelos invasores bárbaros" (WARD-PERKINS, 2005, p. 183). A Antiguidade Tardia seria um conceito inválido porque se centraria somente na análise

de elementos restritos à religião, além disso eliminaria “toda crise e todo o declínio” (WARD-PERKINS, 2005, p. 183). Pensamos que a utilização do termo acomodação é inadequado na medida em que mascara os diversos conflitos existentes na relação dos romanos com seus vizinhos. Todavia, Ward-Perkins concentra todo o problema ao século V e se esquece que as relações entre os romanos e os povos além de suas fronteiras eram muito anteriores.

Um outro autor que critica a noção de Antiguidade Tardia e que enfatiza a importância bárbara para o fim do mundo romano é Arther Ferrill. Segundo as palavras deste estudioso “a queda de Roma no Ocidente foi mais que um processo – foi também um acontecimento, ocorrido um tanto subitamente” (FERRILL, 1986, p. 141). Em sua visão, são as decisões estratégicas que produzem resultados positivos ou negativos, além disso, existe a importância de personagens como Honório e Estilício, que tiveram responsabilidades diretas nessa queda. Contudo, o que mais contribuiu para a derrocada do Império Ocidental foi a deterioração do exército estacionado no Ocidente. Um exército que até o século IV era pequeno, mas devido à instrução e à disciplina tinha “uma superioridade ímpar na formação cerrada, taticamente eficaz” (FERRILL, 1986, p. 149). Entre os anos de 378 e 410, o exército se desorganizou e Ferrill aponta que com “a barbarização, o exército ocidental perdeu sua superioridade tática, e Roma caiu ante a investida dos bárbaros” (FERRILL, 1986, p. 149).

Um autor que tem uma visão parecida do período é Wolfgang Liebeschuetz. Para esse autor ocorreu um processo durante o século V que levou à transformação dos exércitos regulares que “se tornaram menos importantes se comparados com os federados” (LIEBESCHUETZ, 2002, p. 267). Ele coloca como protagonista do processo a barbarização, transformação dos exércitos romanos em exércitos bárbaros especialmente com a “instituição dos *bucellarii* representou uma ‘privatização’ limitada de parte da função do Estado de providenciar uma força de defesa e suporte” (LIEBESCHUETZ, 2002, p. 275). Assim como criticamos Ward-Perkins por concentrar suas atenções somente ao final do processo, pensamos que Ferril e Liebeschuetz pensam as transformações do exército de uma perspectiva muito rígida. Acreditamos que o exército romano era uma máquina em constante mudança desde seu surgimento mas muito mais do que um período de declínio militar, os séculos IV e V foram momentos de mudanças na própria forma de se fazer guerra.

Apresentadas as duas correntes, nos posicionamos a favor da utilização do conceito de Antiguidade Tardia por uma série de razões encontradas na leitura de nossa

fonte e pela análise do contexto militar do período. Em primeiro lugar, adotamos essa conceituação porque ao lermos a obra escrita por Vegécio percebemos como este autor busca toda sua justificação no passado republicano e do Principado. Não existe por parte de Vegécio uma tentativa de ruptura com o passado romano, mas sim uma tentativa de reutilização deste. O que validava os conhecimentos de Vegécio era o fato de ele utilizar os conhecimentos transmitidos por autores como Frontino, Catão-o-Antigo, Cornélio Celso e Paterno. Além disso, optamos pela utilização do conceito de Antiguidade Tardia porque não pensamos o exército romano do IV século como uma instituição em decadência. Preferimos pensá-lo como uma máquina apropriada ao seu próprio tempo, com seus problemas estruturais como todas as máquinas militares.

Claramente a temática de nosso trabalho pode ser identificada como sendo de cunho militar. Para entendermos o tipo de abordagem utilizada nessa pesquisa é preciso que façamos uma pergunta fundamental: que é a guerra? Uma das respostas mais conhecidas é a dada por Carl von Clausewitz no *Da Guerra*: "a guerra não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas, uma realização destas por outros meios" (CLAUSEWITZ, 2010, p. 27). Na concepção do oficial prussiano, a guerra nada mais era do que uma forma de conseguir a submissão do outro através do uso da violência. Durante muito tempo esta resposta tipicamente pragmática foi amplamente aceita entre os estudiosos do fenômeno militar, contudo, com o transcorrer do século XX, começou um processo gradual de contestação do paradigma clausewitziano.

Entre os estudiosos que contestaram a resposta clausewitziana, John Keegan se destacou por afirmar que a guerra era anterior à existência de Estados, diplomacia e estratégia. A guerra como a continuação da política por outros meios era uma fórmula em que Clausewitz expressava as suas próprias condições históricas. Para Keegan, Clausewitz falhava porque não era capaz de entender o quanto tal concepção estava enraizada em sua própria cultura e tomava uma definição de guerra historicamente localizada como algo universal. Para Keegan, a guerra "abarca muito mais que a política, que é sempre uma expressão da cultura, com frequência um determinante de formas culturais e, em algumas sociedades, é a própria cultura" (KEEGAN, 1995, p. 28). Victor Davies Hanson, ao pensar o fenômeno bélico na Antiguidade, corrobora a perspectiva de Keegan, ao pensar a guerra como parte da natureza humana, sendo o guia dos conflitos bélicos imutável (HANSON, 2010, p. 03).

Tal tendência a mirar em aspectos outros da guerra que não aqueles relacionados à política se tornou cada vez mais forte durante a segunda metade do século XX. Donald Kagan, ao falar dos realistas e neorrealistas², descarta que os estados buscam sempre poder para realizar objetivos práticos e tangíveis, pois para ele "a gama de objetivos que movem um povo a lutar guerra é mais extenso e não é sempre tão prático" (KAGAN, 1996, p. 07). Seguindo esse caminho apontado pela historiografia é que nos desdobramos sobre outros aspectos que não os aspectos políticos, apesar de reconhecermos a importância deles para a contextualização das fontes, o que fazemos no segundo capítulo. Nos aproximamos mais de uma História Cultural, que assim como definiu Roger Chartier: "tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 2002, p. 17).

Adotamos neste trabalho perspectiva de que os homens são animais culturais e que a guerra é um dos seus produtos culturais. A potencialidade humana para a violência pode ser observada nas diversas guerras empreendidas por diferentes povos espalhados pelo globo terrestre. Os polinésios, os zulus e os samurais estudados por John Keegan em *Uma História da Guerra* são exemplos de como a lógica clausewitziana é uma perspectiva sem grande dinâmica. O campo de batalha não é mais só o local em que a razão é determinante, mas é também o local de manifestação da cultura, definida por Keegan como "grande carregamento de crenças, valores, associações, mitos, tabus, imperativos, costumes, tradições, maneiras e modos de pensar, discurso e expressão artística que lastreia toda a sociedade" (KEEGAN, 1995, p. 64). Não se trata da continuação da política por outros meios, mas da perpetuação da cultura através de seus próprios meios, isto é, a guerra como cultura.

O presente trabalho se insere exatamente nesse conturbado período de transição, mais especificamente durante o governo de Teodósio I, entre os anos de 379 e 393³. A obra que analisamos, a *Epitoma rei militaris*, foi escrita por Flávio Vegécio Renato durante o governo de Teodósio I. A obra é dividida em quatro livros que têm por objetivo ajudar o Imperador com os desafios militares daquele período após a derrota romana em Adrianópolis. Tal fonte se insere no grupo dos diversos manuais militares,

² Duas escolas dos cientistas políticos modernos que estudam relações internacionais. Os primeiros pensam que todos os estados e nações procuram mais poder do que podem ter. Os segundos pensam que o comportamento dos estados de forma mais dominadora no âmbito das relações internacionais se dá por uma questão de segurança (KAGAN, 1996: 07).

³ As controvérsias sobre a datação da obra são apresentadas no primeiro capítulo de nosso trabalho.

grupo de fontes que tipologicamente ainda não foi bem definido entre os pesquisadores. O autor foi provavelmente um hispânico que exerceu diversos cargos importantes dentro do Império e que tinha acesso direto ao governante, já que foi este que, após ler o primeiro livro da obra, pediu que Vegécio continuasse a escrever sobre os assuntos militares.

Neste trabalho, buscamos identificar como o exército romano era construído na *Épitoma rei militaris*. Vegécio buscava respostas para os problemas do aparelho militar romano que havia sofrido um grande golpe material e principalmente simbólico após as sucessivas derrotas em grande escala, como a expedição fracassada de Juliano na Pérsia e a Batalha de Adrianópolis. Uma questão em particular nos inquietava e se tornou o objeto deste trabalho: foi a forma como o autor buscava construir identidades romanas na obra para fornecer respostas às carências de orientação daquele momento.

O conceito de identidades é de capital importância em nosso trabalho porque foi a partir dele que conseguimos analisar a fonte. Pensamos identidades nesta pesquisa como uma maneira de situar pessoas em relação a grupos que possuem características comuns, como religião, idade, etnia, status social. Neste caso específico, tratamos das identidades bélicas relacionadas aos romanos e por consequência aos bárbaros, já que acreditamos que identidades são construídas em comparação com seus opostos. A identidade aqui não é entendida como algo imposto, como um processo exógeno e sim como algo compartilhado discursivamente. Se faz necessário que o indivíduo se sinta pertencente a um grupo e que ele elabore isto discursivamente (como no caso de Vegécio). Como nos mostra Richard Miles, na Introdução da obra *Constructing Identities in Late Antiquity*, mais do que um grupo de características essenciais, as identidades precisam ser atribuídas e reconhecidas enquanto tal (MILES, 1999, p. 05).

Outro conceito que é muito caro à presente dissertação é o de fricção militar. Tal conceito foi desenvolvido por Carl von Clausewitz no *Da Guerra* para ajudar no entendimento da natureza da guerra. Para ele, a fricção é basicamente "o que torna difícil tudo o que parece fácil" (CLAUSEWITZ, 2010, p. 86). Em uma situação de guerra até mesmo a coisa mais simples se torna complicada, as dificuldades se acumulam e um objetivo simples como chegar de um ponto a outro é atrapalhado por diversas contingências, como uma região montanhosa ou os animais de transporte exaustos. Se pensarmos o caso de Vegécio em que se tenta construir um exército romano forte o caso se repete, já que para estruturar essa máquina militar "ideal"

projetada na *Epitoma rei militaris* muitas dificuldades existiam. O número cada vez menor de soldados, as dificuldades financeiras e de logística, os mais variados terrenos que dificultavam a luta em formação cerrada e os estratagemas inimigos são exemplos das dificuldades de se colocar em prática as ideias de Vegécio para a força militar romana. Por outro lado, essa dificuldade de distinguir "a guerra real da que se pode ler nos livros" (CLAUSEWITZ, 2010, p. 84) nos obriga a mirar em outras direções e, exatamente por isso, fazemos uso de uma abordagem mais próxima à História Cultural e utilizamos o conceito de identidades em nosso trabalho.

O conceito que dá título ao trabalho, modo romano de lutar, surgiu de nossa tentativa de pensar como as identidades romanas eram produzidas na *Epitoma rei militaris*. Quando começamos a pesquisa pensávamos em problematizar o Modelo Ocidental de Guerra, ou seja, "uma prática específica de guerra ocidental, uma base comum e uma maneira de lutar contínua que fizeram dos europeus os soldados mais mortais da história da civilização" (HANSON, 2004, p. 19). Contudo, devido à fraqueza desse grande modelo explicativo que engloba de gregos antigos até norte-americanos contemporâneos, acreditamos que fosse mais viável desenvolvermos um conceito que pudesse responder às inquietações que tínhamos ao ler as fontes. Por isso preferimos utilizar o modo romano de lutar, uma maneira especificamente romana de combater que se transformou durante toda a existência do exército romano. O que tem de ficar bem claro é que não pretendemos formular um modelo explicativo que abrange toda a história militar romana, mas sim buscar chaves interpretativas para o entendimento da *Epitoma rei militaris*. Esse modo especificamente romano de lutar pode ser entendido a partir de quatro elementos constitutivos: treinamento e disciplina das tropas, utilização da legião, organização durante a campanha e uso da *poliorcética*. Todas as identidades encontradas na *Epitoma rei militaris* formam um modo romano de lutar que contrasta ao de outros povos para Vegécio.

A primeira hipótese deste trabalho se relaciona à própria análise dos manuais militares, pois achamos que estes tinham uma função pragmática de fazer o passado acontecer novamente. Ao contrário de autores que pensavam que a *Epitoma rei militaris* era somente um manifesto aristocrático⁴ contra a barbarização do exército, pensamos que o seu autor buscava uma melhora efetiva do corpo bélico romano.

⁴ C. D. Gordon argumenta que Vegécio representou somente um ponto de contraste entre o estado em crise em que ele vivia e o passado romano glorioso (GORDON, 1974, p. 49). Santo Mazzarino corrobora desta leitura e nos diz que as "gastas propostas de Vegécio não constituíam, portanto, soluções, mas argumentos para os queixumes literários a respeito da decadência" (MAZZARINO, 1991, p. 60).

Todavia, ao se analisar manuais militares deve-se prestar atenção ao que Clausewitz chamava de fricção militar. Devido às dificuldades de se analisar a aplicação das teorias de Vegécio do ponto estritamente prático é que nos desdobramos sobre outros problemas. Uma outra hipótese surgida deste problema é que em Vegécio encontramos uma espécie de abertura identitária a fim de que os problemas militares, principalmente com relação ao recrutamento, fossem resolvidos. Nossa hipótese principal, todavia, é que essa abertura era limitada e podemos identificar em Vegécio a definição do que chamamos de um "modo romano de lutar", que diferenciava os romanos e permitia que eles fossem militarmente fortes.

Para problematizarmos as hipóteses apresentadas acima, dividimos nosso trabalho em três capítulos por uma questão de organização e inteligibilidade. De forma geral, o primeiro capítulo, intitulado "*Apontamentos tipológicos e teóricos acerca da Epitoma rei militaris de Flávio Vegécio Renato*" é voltado para a definição de uma abordagem metodológica em relação à *Epitoma rei militaris*. Fazemos uma breve apresentação do autor e da obra para depois nos desdobrarmos sobre as possibilidades tipológicas e teóricas oferecidas pela fonte. O enquadramento da obra como um manual militar e as peculiaridades desse tipo de fonte são importantíssimas em nosso trajeto, assim como uma definição conceitual de identidades, pois toda nossa análise documental deste trabalho estará condicionada e guiada pelas (im)possibilidades de nossa fonte.

No segundo capítulo desta dissertação, "*Soa o Classicum! Os Exércitos Romanos no Século IV*", nos preocupamos com a contextualização das questões militares relativas à segunda metade do século IV. Escolhemos como marcos temporais o governo de Juliano e a morte de Teodósio I. Notamos em nossas leituras de fontes e da historiografia que apesar do fato dos exércitos romanos sofrerem muitas mudanças estruturais no século IV, a derrota na Pérsia representou uma mudança definitiva nas hostes romanas, que agora não tinham mais a vantagem militar em batalhas em grande escala para com seus inimigos (seguiu-se Adrianópolis, *Ad Salices*, até o saque de Roma). A morte do Imperador Teodósio I foi escolhida como outro marco porque define o fim do governo do soberano a quem Vegécio endereçou sua obra. Além disso, apresentamos um estudo sobre a transformação do exército romano durante o IV século. Por último, apresentamos algumas reflexões para pensarmos a paz entre os romanos e principalmente na *Epitoma rei militaris*. Pensamos que esses dois capítulos nos oferecem o suporte necessário para iniciarmos a análise do "modo romano de lutar".

O terceiro capítulo, intitulado "*A Defesa de um Modo Romano de Lutar: Vegécio e as Identidades na Guerra*", é mais voltado para a análise documental mais densa. Aqui delineamos o que definimos de "modo romano de lutar" em quatro partes, que acreditamos serem constituintes do exército projetado por Vegécio e que nos ajudam a entender como as identidades romanas eram construídas durante aquele período histórico. Num primeiro momento, nos ocupamos do itinerário que nos levou à utilização do modo romano de lutar em detrimento do modelo ocidental de guerra. A segunda parte se ocupa do treinamento e do ganho de disciplina dos soldados, fundamental para um exército forte. A terceira parte versa sobre a legião, a forma eminentemente romana de lutar em que a infantaria pesada se define como elemento de superioridade bélica. A quarta parte aborda a logística militar tão peculiar aos romanos e a forma como os romanos devem se organizar em campo de batalha. Por último, analisamos a arte do cerco, parte fundamental da guerra entre os romanos. Todos esses elementos juntos formavam a tríade fundamental para Vegécio na constituição do exército romano: treino das armas, disciplina dos acampamentos e experiência do exército.

Intentamos com o trabalho que se segue, portanto, empreender um estudo acerca da *Epitoma rei militaris* e como Vegécio buscava construir algumas identidades romanas importantes para a construção de um exército capaz de garantir a integridade do território e de postular vitórias bélicas.

CAPÍTULO I

APONTAMENTOS TIPOLOGICOS E TEÓRICOS ACERCA DA *EPITOMA REI MILITARIS* DE FLÁVIO VEGÉCIO RENATO

No presente capítulo, nos desdobramos sobre cinco tópicos. Enquanto no primeiro apresentamos um pequeno estudo acerca da biografia de Flávio Vegécio Renato, no segundo voltamos nossa atenção para a datação da *Epitoma rei militaris*. A seguir, apresentamos uma breve história do documento. Em um quarto momento, colocamos a delimitação tipológica da obra em destaque e, por último, expomos conceitualmente nossa abordagem da documentação com algumas análises do Livro I da obra de Vegécio. O que une os diversos tópicos deste capítulo é a busca pelo estabelecimento de limites quanto à análise documental e às possibilidades abertas para o estudo da *Epitoma rei militaris*.

1.1. Biografia do autor

Quem foi Flávio Vegécio Renato ? Tudo o que podemos saber deste personagem está condicionado às informações que podemos extrair das obras escritas por ele: *Epitoma rei militaris* e *Digesta Artis Mulomedicinae*⁵. O primeiro problema a ser resolvido ao se tratar deste indivíduo remete ao seu próprio nome. Nos últimos anos a denominação de Publio Flavio Vegecio Renato, imposta por A. Önnersfors⁶ (1995) em sua edição crítica da obra, fez com que esta escolha se tornasse tendência entre os especialistas no autor, contudo, atualmente já é possível mirar em outras direções. David Paniagua Aguilar em sua edição crítica da *Epitoma rei militaris* afirma: "apesar da fortuna desta denominação, não é demais prestar atenção a questão porque existem dados que merecem ser revisados" (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p. 09).

Entre os manuscritos mais antigos que chegaram até nós, o autor aparece com a nomenclatura de Flavio Vegecio Renato, como aparece na edição feita por João

⁵ Segundo João Gouveia Monteiro esta obra é "um tratado veterinário sobre doenças de cavalos e de gado assinado por um tal 'P. Vegeti Renati' que a generalidade dos estudiosos identifica como o compilador da *Epitoma*, dada a semelhança do nome do autor e os paralelos verbais e linguísticos já apontados em 1888 por C. Schöner" (MONTEIRO, 2009: 87).

⁶ Ressaltamos a importância de trabalhos de filologia para pensarmos questões ligadas à biografia do autor, datação e transmissão da *Epitoma rei militaris*.

Gouveia Monteiro: "[...] Flávio Vegécio Renato"⁷ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, Pref.). Segundo Monteiro, o testemunho mais antigo da *Epitoma rei militaris* que nos chegou (Ms. *Vaticanus Reginenses* 2077) o apresenta como P. Vegati Renati (genitivo) e todas as fontes medievais apresentam a nomenclatura de "Fl. Vegeti Renati ou Fl. Vegati Renati" (também no genitivo). Todavia, nos manuscritos *Institutiones grammaticae* de Prisciano do século VI⁸, o autor aparece como "Renatus" precedido de outro nome, como "Vegetius", "Vegetus" ou "Vigitus". João-o-Lídio, autor que viveu no VI século, o cita como "Renatus" (MONTEIRO, 2009, p. 87).

Essa miríade de nomenclaturas levou muitos autores a tratarem a *Epitoma rei militaris* e a *Digesta Artis Mulomedicinae* como produtos de mãos diferentes. Apesar desta tendência, nos estudos mais contemporâneos os pesquisadores têm optado por pensar as duas obras como frutos do mesmo autor. A. Önnfors, um filólogo sueco, "propôs que o nome completo de Vegécio fora na realidade Publio Flavio Vegecio Renato e que o P. (abreviatura de Publio) caiu em desuso ou foi perdido de alguma forma no início do processo de transmissão e cópia da *Epitoma*" (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p. 11).

Ao tratar do *praenomen* "Flavius", Phillipe Richardot nos relata que tal denominação foi imposta no Império Romano por Constantino após sua vitória sobre Licínio (RICHARDOT, 2002). Depois daquele momento todos os oficiais e funcionários de maior escalão usavam esta designação que acabou por se tornar um título honorífico. Provavelmente, o prestígio que acompanhava o nome tenha feito Vegécio optar por colocar tal nome, já que talvez isto facilitasse a recepção de seu trabalho entre o seu público. Aponta para esta hipótese o fato de que, no período em que Vegécio escreveu, o uso de *praenomen* estivesse quase extinto, sendo poucos senadores e *curiales* responsáveis por manter este costume.

Quanto ao *cognomen* "Renatus", isso costuma ser indicativo de crença no Cristianismo⁹. Richardot indica que "Renatus", o nascido novamente, é um topônimo cristão. A crença de Vegécio pode ser indicada por diversas passagens da *Epitoma rei militaris*, como por exemplo na seguinte passagem: "[os soldados] também juram por Deus, por Cristo e pelo Espírito Santo e pela majestade do imperador, a qual, a seguir de

⁷ "[*Flavii Vegeti Renati*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, Pref.).

⁸ Todas as datas referidas no corpo do texto são do período depois de Cristo, menos quando explicitamos o contrário.

⁹ A obra é de um autor cristão, contudo, não encontramos nenhuma intenção proselitista ou evangelizadora no transcorrer do texto, talvez Vegécio tivesse uma postura comedida e fosse aquilo que Santo Mazzarino chamou de formalmente cristão (MAZZARINO, 1991).

Deus, deve ser estimada e honrada pelo gênero humano"¹⁰ (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*. II, V).

Naquilo que toca no *nomen* do autor, é possível extrair diversos dados fundamentais acerca da vida do mesmo. Na sua origem o gentílico é uma derivação do nome *Vegetus*, que é encontrado em um epigrama atribuído a Sêneca. Após "a aquisição de cidadania romana por parte de um *Vegetus* seu nome havia gerado um gentílico com o sufixo característico em *-ius*, dando lugar a *Vegetius*" (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p. 14). Esta forma, assim como todas as outras de seu tronco comum, sugere que este nome é caracteristicamente ocidental e predominante nas província da Hispânia e da Gália Narbonense¹¹.

Nos manuscritos da *Epitoma rei militaris*, aparecem na apresentação da obra as seguintes palavras: "O Compêndio da Arte Militar de Flávio Vegécio Renato, *uir illustris comes*, em número de quatro livros, começa em hora feliz"¹² (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*. I, Pref.). O tratamento de *uir illustris* foi criado no ano de 372 e era dado aos homens que ocupavam os cargos mais altos da administração imperial. Na *Notitia Dignitatum*¹³, este tratamento aparece reservado aos "seis prefeitos do pretório, aos oito *magistri militum*, aos dois *praepositi sacri cubiculi*, aos dois *magistri officiorum*, aos dois *quaestores*, aos dois *comes sacrarum largitionum*, aos dois *comites rerum priuatarum* e aos quatro *comites domesticorum*" (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p. 17). Apenas 28 pessoas em todo o Império¹⁴ recebiam tal tratamento, o que significava que Vegécio tinha certa proximidade com o Imperador, o que é possível notar em diversas passagens, como no exemplo em que Vegécio faz referência à ordem do Imperador para que ele realize seu trabalho de compilação:

Na verdade, Vossa Serenidade, ó Imperador Invicto, deseja ensinamentos antigos dos livros com uma vontade mais forte do que uma mente terrena pode conceber, uma vez que ela ultrapassa a própria antiguidade por feitos recentes. Portanto, como me fosse ordenado resumir o mais possível por escrito, para Vossa Majestade, certos assuntos, não tanto para os ensinar como para os relembrar, a

¹⁰ "[Iurant autem per Deum et Christum et Sanctum Spiritum et per maiestatem imperatoris, quae secundum Deum generi humano diligenda est et colenda]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, V).

¹¹ Embora o *nomen Vegetius* seja indicativo da região de origem de nosso autor, não é possível afirmar peremptoriamente que ele seja hispânico.

¹² "[Flavii Vegeti Renati uiri illustris comitis epitoma rei militaris libri numero quattuor incipiunt feliciter]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, Pref.).

¹³ Documento de grande importância militar porque mostra a organização dos exércitos ocidentais e orientais dentro do Império Romano. Nela encontramos uma descrição de diversos cargos militares e civis entre os anos de 395 e 427.

¹⁴ Nos referimos ao Império em suas duas partes: Ocidental e Oriental.

dedicação entrou muitas vezes em conflito com a timidez¹⁵ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, Pref.).

Ao analisar as diferentes tradições manuscritas medievais, Schöner chegou a conclusão de que Vegécio fosse um *comes sacrarum largitionum*¹⁶, o que significava que ele era um dos chefes da finança imperial. Isso ganha sentido se observarmos os comentários que Vegécio faz ao tratar do treinamento dos soldados em preferência à contratação de mercenários: "[...] sabe-se que é mais barato treinar os seus soldados nas armas do que contratar estrangeiros a soldo"¹⁷ (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII). Outras passagens que mostram de forma clara essa capacidade de olhar para assuntos financeiros estão no segundo livro. A primeira se refere à necessidade de reorganizar e disciplinar os exércitos: "Pois uma vez que um exército organizado, seja cuidadosa seja negligentemente, tem as mesmas despesas, é útil não só para os tempos presentes como para os tempos futuros [...]"¹⁸ (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*. II, III). A segunda se refere ao dispêndio necessário para formar soldados fortes: "Com efeito, o engenho consegue o que quer que seja se não se negarem as despesas adequadas"¹⁹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, II, XVIII).

Uma voz dissonante nesse sentido é a de Walter Goffart. Para este autor, Vegécio não necessitava de um cargo administrativo para fazer tais observações, pois segundo Goffart: "Pode ser mais plausível (com base na obra *Digesta Artis Mulomedicinae*) que seu ofício fosse o de responsável pelos estábulos sagrados" (GOFFART, 1977, p. 89). Na leitura deste autor, embora a *Digesta Artis Mulomedicinae* não ofereça dados da carreira de nosso personagem, ela fornece informações biográficas que nos ajudam a chegar à conclusão de que ele fosse um homem que viajou por todo o Império, que conhecia diversos povos, como persas, armênios e sármatas, que era tolerante à acomodação bárbara e principalmente que

¹⁵ "[Verum tranquillitas tua imperator inuicte, altiore consilio quam mens poterat terrena concipere ex libris antiqua desiderat, cum ipsam antiquitatem factis recentibus antecedit. Igitur cum haec litteris breuiter comprehendere maiestati uestrae non tam discenda quam recognoscenda praeciperer, certauit saepius deuotio cum pudore]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, Pref.).

¹⁶ Segundo Paniagua Aguilar, as funções do *comes sacrarum largitionum* consistiam "na supervisão da arrecadação dos impostos indiretos, tais como as tarifas, a cobrança de impostos pagos em metal precioso para costear os *donatia* que eram concedidos ao exército e a administração e gestão dos depósitos mineiros, pedreiras e fábricas têxteis" (PANIAGUA AGUILAR, 2006: 19).

¹⁷ "[Vilius enim constat erudire armis suos quam alienos mercede conducere]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII).

¹⁸ "[Nam cum easdem expensas faciat et diligentur et neglegenter exercitus ordinatus, non solum praesentibus sed etiam futuris saeculis proficit]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, II).

¹⁹ "[Quiduis enim efficit sollertia si competentes non denegentur expensae]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XVIII).

estava sempre envolvido com os cuidados com equinos e bovinos. Além disso, a provável origem hispânica de Vegécio aparece novamente, já que a Hispânia e a Gália eram os grandes centros de criação de cavalos na região ocidental do Império (MILNER, 1996: XXXIV).

Outros indícios indicam a ligação de Vegécio com a província da Hispânia. O primeiro é o grande interesse que Vegécio tem em relação à figura de Sertório²⁰. Este personagem aparece como modelo ao se falar do recrutamento dos soldados: "a força da autoridade e o fundamento do povo romano baseiam-se numa primeira avaliação no momento do recrutamento. [...] tarefa que, entre os antigos, se reconhece ter sido louvada ante de mais em Sertório"²¹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, VII). Além dessas qualidades no recrutamento, Sertório era reconhecido pela forma como treinava seus soldados, pois somente com muito treino, as tropas de Pompeu²² poderiam estar à sua altura:

Salústio lembra, sobre a prática de Gneu Pompeu Magno, que 'ele rivalizava com os ágeis no salto, com os velozes na corrida, com os fortes na luta'. Com efeito, nem ele poderia ter estado à altura de Sertório se ele próprio e os seus soldados não tivessem se preparado, por meio de exercícios frequentes, para os combates²³ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, IX).

Outro ponto de grande interesse de Vegécio é a tomada de Numância por Cipião, o Africano²⁴. Durante duas passagens (I, XV; III, X;) esse fato é rememorado sendo que em uma delas o termo *hispanienses* é empregado para tratar dos Numantinos: "Cipião Africano aceitou frequentemente exércitos *hispanienses* que tinham sido

²⁰ Quinto Sertório (126-73 a.C.) foi um general romano proscrito por Sila que se exilou na região da Hispânia e organizou um exército local extremamente competente, capaz de intimidar os enviados de Roma. Na obra *Vidas Paralelas* de Plutarco, Sertório é comparado a Eumenes de Cardia, pois "ambos nasceram para comandar e dados a guerra por estratégias; ambos foram exilados de suas próprias terras, comandaram soldados estrangeiros e suas mortes experimentaram uma fortuna áspere e injusta" (PLUTARCO. *Vidas Paralelas*, VIII, I-VI).

²¹ "[Vires regni et Romani nominis fundamentum in prima dilectus examinatione consistunt [...] quod apud ueteres inter tam uaria genera uirtutum in Sertorio praecipue constat esse laudatum]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, VII).

²² Gnaeus Pompeius Magnus (106-48 a.C.) foi um importante político e militar do final do período Republicano. Participou de inúmeras operações militares, como a guerra com os Piratas, a campanha contra Sertório e as operações que findaram a Revolta de Espártaco. Cônsul por três oportunidades, foi um dos triunviros, ao lado de Julio César e Crasso.

²³ "[De exercitio Gnaei Pompei Magni Sallustius memorat 'cum alacribus saltu, cum uelocibus cursu, cum ualidis uecte certabat'. Neque enim ille aliter potuisset par esse Sertorio nisi seque et milites frequentibus exercitiis praeparasset ad proelia]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, IX).

²⁴ Publius Cornelius Scipio Africanus (236-183 a.C.) foi um grande general romano que comandou os exércitos romanos durante a Segunda Guerra Púnica, sendo rememorado como o homem que conseguiu vencer Aníbal na Batalha de Zama e, por isso, recebeu a alcunha de "Africano". Após a morte de seu pai e seu tio, Cipião foi enviado em 211 a.C. para a região da *Hispania* para lutar contra as forças dos irmãos de Aníbal.

vencidos sob o comando de outros generais"²⁵ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, III, X). A passagem que explicita de forma mais forte a singularidade do tratamento de Vegécio à Hispânia está inserida no momento em que alguns estereótipos são mostrados ao se falar dos *hispanienses*. Vegécio os coloca em um grau de importância que é dificilmente identificável entre os autores romanos:

Na verdade, nós vemos que o povo romano submeteu todo o mundo por meio de nenhuma outra razão a não ser pelo treino das armas, pela disciplina dos acampamentos e pela experiência do exército. Na verdade, o que teria valido a escassez romana contra a multidão dos Gauleses? O que teria podido ousar a baixa estatura romana face à elevada estatura dos Germanos? É manifesto que os Hispanos foram superiores aos nossos, não só pelo número, mas também pelas forças dos corpos; nos sempre fomos inferiores às manhas e às riquezas dos Africanos. Ninguém duvidou de que nós fomos vencidos pelas artes e pelo engenho dos Gregos²⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, I).

A princípio pode existir alguma dúvida sobre o pertencimento de Vegécio à parte ocidental ou oriental do Império. David Paniagua Aguilar cita a fonte *De magistribus* de Juan Lido em que este coloca Vegécio ao lado de Celso, Paterno, Catilina, Frontino e Catão como escritor romano. Todos esses personagens eram da parte ocidental (salvo o caso de Catilina que nos é totalmente desconhecido). Vegécio também cita apenas autores de origem ocidental, sendo que a única exceção explícita está no Livro I, em que Vegécio faz referência a "Homero, ao declarar que Tideu, embora fosse mais pequeno de corpo, era contudo mais forte nas armas"²⁷ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, V). A seleção que Vegécio fez, inclusive utilizando documentos imperiais, pode ser vista no Livro I em que o autor explicita suas principais fontes de informação:

Esta necessidade obrigou-me, consultados os autores, a dizer o mais fielmente possível neste opúsculo aquelas coisas que o célebre Catão-o-Censor escreveu sobre o sistema militar, aquilo que Cornélio Celso e Frontino pensaram que devia ser exposto, aquilo que Paterno, um defensor zelosíssimo do direito militar, redigiu em livros, aquilo que foi estabelecido pelas constituições de Augusto, de Trajano e de Adriano. Com efeito, eu não me arrego nenhuma autoridade, apenas

²⁵ "[Scipio Africanus sub aliis imperatoribus Hispanienses exercitus frequenter uictos accepit]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, X).

²⁶ "[Nulla enim alia re uidemus populum Romanum orbem subegisse terrarum nisi armorum exercitio, disciplina castrorum usuque militae. Quid enim aduersus Gallorum multitudinem paucitas Romana ualuisset? Quid aduersus Germanorum proceritatem breuitas potuisset audere? Hispanos quidem non tantum numero sed et uiribus corporum nostris praestitisse manifestum est; Afrorum dolis atque diuitiis semper impares fuimus; Graecorum artibus prudentiaque nos uinci nemo dubitauit]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, I).

²⁷ "[Et ipso Homero teste non fallimur, qui Tydeum minorem quidem corpore sed fortiolem armis fuisse significat]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, V).

organizo sob a forma de resumos as matérias daqueles que acima referi e que se encontram dispersas²⁸ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

Para David Paniagua Aguilar, existe um elemento fundamental para determinar o Ocidente como local de pertencimento de Vegécio: a formação cultural. Esta formação se manifestava principalmente no domínio da língua em que ele escrevia. Isso é perceptível devido à "base de aplicação dos preceitos de retórica e dos princípios que regem a gramática e o conhecimento profundo dos clássicos literários romanos e em particular de Virgílio²⁹" (PANIAGUA AGUILAR, 2006: 23).

Peter Heather, em *La Caída del Imperio Romano*, faz um estudo, a partir das cartas de Símaco, da forma como eram educados os aristocratas na segunda metade do século IV e início do século V. A pedra fundamental em que estava assentado o sistema era o intenso estudo de um pequeno número de textos literários com o acompanhamento de um guia especializado, o gramático. Este profissional mantinha seu pupilo ocupado durante pelo menos sete anos (a partir do momento em que o garoto alcançasse oito anos de idade) com a leitura de quatro autores: "Virgílio, Cícero, Salústio e Terêncio" (HEATHER, 2006, p. 36).

Depois do término desta fase, o jovem passava a estudar com um *retor*, que possibilitava uma análise de uma gama de textos maior, com uma leitura junto ao aluno de linha por linha e em que cada mudança da linguagem era devidamente identificada e debatida³⁰. Os textos considerados canônicos eram tomados como padrões de qualidade linguística e os jovens eram obrigados a aprender este padrão. Além de ser uma forma de manter a linguagem dentro de um círculo fechado, esta forma de educação permitia que um aristocrata fosse reconhecido quando se comunicasse. Além da capacidade da oratória, a gramática era importante também como introdução à lógica formal. Os textos literários serviam também como *exempla* do comportamento humano, a partir dos quais

²⁸ "[*Haec necessitas compulit euolutis autoribus ea me in hoc opusculo fidelissime dicere quae Cato ille Censorius de disciplina militari scripsit, quae Cornelius Celsus, quae Frontinus perstringenda duxerunt, quae Paternus, diligentissimus iuris militaris assertor, in libros redegit, quae Augusti et Traiani Adrianique constitutionibus cauta sunt. Nihil enim mihi auctoritatis assumo sed horum quos supra rettuli quae dispersa sunt velut in ordinem epitomata conscribo*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

²⁹ Paniagua Aguilar nos fala inclusive de um virgilianismo que foi estudado por D. Comparetti na obra *Virgilio nel Medio Evo*, ou seja, sentimento estético-cultural dos séculos IV e V. Para Paniagua Aguilar: "Com Virgílio como fundamento central da educação nas escolas de gramática e retórica no Ocidente Latino, quem recebia uma educação deste tipo assumia Virgílio e sua obra como modelo principal e como 'o autor que reunia em si mesmo todos os ideais de ciência e de cultura que eram próprios daquele tempo'" (PANIAGUA AGUILAR, 2006: 24-25).

³⁰ Um exercício característico do qual Heather (2006) nos fala consistia em expressar algum sucesso cotidiano no estilo de algum dos autores "canônicos".

era possível saber o que devia ou não ser feito. Em síntese, "o que esta educação fazia era conceder a seus beneficiários a capacidade de dirigir o resto da humanidade" (HEATHER, 2006, p. 38).

O estudo do textos antigos implicava também que esses homens poderiam fazer novas edições e comentários dos autores antigos. Heather nos fala da obra que Símaco escreveu sobre a *História Natural* de Plínio e era normal que os copistas medievais reproduzissem os comentários feitos por esses homens durante a transcrição dos textos. Vegécio claramente se enquadra neste cenário, pois (como vemos no subcapítulo dedicado ao estudo tipológico da obra) faz uma seleção de ideias dos textos militares romanos anteriores. Podemos identificar em Vegécio um "expoente dos defensores da cultura tradicional romana [...] que o aproximam de Símaco, Pretextato, Avieno, Macrobio, Servio, etc" (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p. 25). Isso é notável na seleção de autores do período republicano e imperial que Vegécio utilizou para produzir sua narrativa.

2.2. A obra: uma breve datação

Ao tratarmos especificamente da obra *Epitoma rei militaris*, a primeira questão que emerge se liga à forma como ela aparece referenciada. A grafia *De Re Militari* é, segundo João Gouveia Monteiro, a mais antiga que aparece referenciada e é a mais usada na tradição manuscrita medieval, em latim ou em vernáculo. Contudo, a partir dos estudos de Michael Reeve, o uso da forma *Epitoma rei militaris* foi difundido entre os estudiosos da fonte, pois "os manuscritos mais autorizados chamam-lhe *Epitoma rei militaris*³¹ (ou *Epitoma institutorum rei militaris*), o que justifica a escolha de Reeve e a nossa também" (MONTEIRO, 2009, p. 92). No corpo de nosso trabalho daremos preferência ao uso da grafia *Epitoma rei militaris*, que embora possa parecer repetitivo, está em consonância com os trabalhos mais sérios acerca desta documentação publicados recentemente.

Após a definição da grafia da obra que utilizamos neste trabalho, faz-se necessário delimitar o espaço temporal de produção da mesma. Já sabemos que muito provavelmente Vegécio escreveu o relato na parte ocidental do Império e que o autor

³¹ Questões que relacionam a grafia com a tipologia da fonte são discutidas mais à frente no trabalho.

era possivelmente um hispânico. Como já mostramos, tais dados são todos aventados e não podemos afirmar de forma peremptória tais informações. Assim também acontece com a datação do período de produção da narrativa. O que podemos estabelecer é o *terminus post quem* e *terminus ante quem* da obra, respectivamente 383 e 450³².

A primeira data nos é conhecida por uma citação que podemos encontrar dentro do próprio texto de Vegécio, em que é feita uma referência a Graciano, Imperador assassinado no ano de 383 por Andagrácio, um general de Magno Máximo: "Na verdade, desde a fundação de Roma até a época do divino Graciano, o exército de infantaria era protegido não só por catafractas mas também por capacetes"³³ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX). O *terminus ante quem* nos é fornecido pela própria transmissão da *Epitoma*. Nos manuscritos da família ε aparece indicado o nome de Flávio Eutrópio, o copista, com a anotação de que foi uma cópia direta de um exemplar único, com o lugar onde foi copiado e a data consular em que a cópia foi realizada (ano de 450), ou seja, durante o sétimo consulado de Valentiano Augusto e o primeiro de Abieno (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p. 29). Uma outra linha de autores, representados por V. Sirago e A. Chastagnol, defende que a obra não pode ter sido escrita após 440, já que neste período a pirataria começou a ameaçar o Império Ocidental, o que contradiz a própria fonte: "[...] chegou a altura de falar sobre a guerra naval; acerca das artes deste tipo de guerra pouco deve ser dito, pois, já há muito tempo pacificado o mar, é um combate terrestre aquele que se trava com os povos bárbaros"³⁴ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXXI). Temos estabelecido um período de aproximadamente 67 anos para a produção da obra.

Após o estabelecimento das datas limites da produção, qualquer tentativa mais exata de recorte temporal se torna problemática. O Imperador a quem Vegécio dedicou sua obra pode ser qualquer um da lista de nomes daqueles que governaram o Império Ocidental entre os dois limites temporais de produção da obra: Valentiano II (375-392), Teodósio I (379-395), Honório (393-423), Teodósio II (408-450) ou Valentiano III (425-455). Essa questão é de tal modo complicada que nos últimos três

³² Entre os especialistas se estabeleceu como tendência situar a produção da *Mulomedicina* em um período anterior à produção da *Epitoma*, devido principalmente ao fato da ausência do título honorífico de Flávio nos manuscritos que nos transmitiram a obra.

³³ "[Ab urbe enim condita usque ad tempus diui Gratiani et catafractis et galeis muniebatur pedestris exercitus]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX).

³⁴ "[terrestris proelii rationibus absolutis naualis belli residua, ut opinor, est portio; de cuius artibus ideo pauciora dicenda sunt quia iam dudum pacato mari cum barbaris nationibus agitur terrestre certamen]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXXI).

séculos não se chegou nem perto de um consenso sobre o provável Imperador interlocutor de Vegécio.

O que podemos afirmar é que durante toda a Idade Média e até pelo menos o século XVIII, foi mantida a tradição que identificava o Imperador contemporâneo de Vegécio com Valentiano II. Como David Paniagua Aguilar nos mostra, G. Stewech em uma edição de 1585, P. Schrijver em 1606, Webel em 1670, N. Schwebel em 1767 e Nisard em 1849 inseriram a dedicatória a tal Imperador em suas edições. Todavia, "quando se determinou que esta atribuição era uma adição de um copista tardio, ela perdeu toda a credibilidade e foi descartada" (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p. 31). Muito dessa escolha é devido à ausência de referências na fonte ao saque da cidade de Roma no ano de 410.

Durante o século XVIII, a figura proeminente de Edward Gibbon começou a contestar a datação da *Epitoma* e apontou a figura de Teodósio I como o provável Imperador a quem Vegécio dedicou sua obra. Ao falar do cenário encontrado por este Imperador durante o início de seu governo:

a luxúria efeminada, que infectou as maneiras das cortes e das cidades, instilou um veneno secreto e destrutivo em direção aos campos da legião; e sua degeneração foi observada pela caneta de um escritor militar que tinha estudado os antigos e genuínos princípios da disciplina romana. As importantes e justas afirmações de Vegécio que a infantaria era invariavelmente equipada com armadura defensiva, da fundação da cidade até o governo de Graciano (GIBBON, 2001, p. 1122).

Como nos avisa Walter Goffart, Gibbon "não ofereceu razões para esta sagaz conclusão" (GOFFART, 1977, p. 70). Somente no próximo século, com a publicação da edição crítica de Karl Lang no ano de 1869, é que se estabeleceu um cenário de mudança na datação do documento e passou-se a cogitar a hipótese da datação da obra para o governo de Teodósio I.

A publicação de um artigo de Otto Seeck, seis anos após a publicação da edição de Karl Lang, modificou novamente o cenário. Como nos diz T. D. Barnes,

[...] Seeck identificou o Imperador a quem a obra foi dedicada como Valentiano III e datou o trabalho firmemente entre 430 e 435, com a subsequente aprovação de Karl Lang que editou duas vezes o *De re militari* para Teubner " (BARNES, 1979, p. 254)

A incompatibilidade de datação ao período do governo de Teodósio I girava em torno de três argumentos. O primeiro era devido ao elogio feito ao Imperador em razão de sua capacidade como arqueiro, cavaleiro, corredor e na sua destreza na

armatura (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XXVI), o que seria incompatível com sua idade, um homem em torno dos quarenta anos. O segundo se relacionava ao fato de que o Imperador a quem foi dedicada a *Epitoma* ser reconhecido como um grande fundador de cidades³⁵ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Prefácio), o que condiz com a reputação de Valentiano III e exclui a figura de Teodósio. O último argumento usado por Seeck era o de que durante o período de produção da obra existia uma frota patrulhando as águas do Danúbio³⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XLVI), o que seria mais compatível com o período de governo de Valentiano III.

Esta hipótese se tornou a grande tendência no final do século XIX e só começou a ser contestada em 1914 com a publicação de um artigo de Christoph Schoener. As divergências continuaram e trabalhos de referência como os de Pauly-Wissowa, o *Oxford Classical Dictionary* e o *Prosography of the Later Roman Empire* adotaram uma datação do final do IV século, com "S. Mazzarino e V. Sirago introduzindo parcialmente novos argumentos neste sentido" (BARNES, 1979, p. 254).

Uma nova guinada a respeito da datação da obra somente foi ocorrer alguns anos depois, mais precisamente durante os anos 1960 e 1970. A. H. M. Jones, L. Varady, C. D. Gordon, E. Birley³⁷ e principalmente Walter Goffart, reacenderam o debate. O último inclusive rebateu diversos argumentos que corroborariam para uma datação mais próxima a Teodósio I, como a desqualificação da referência de alguns manuscritos dedicados a Teodósio e a diferença de postos militares citados por Vegécio e os que aparecem na *Notitia Dignitatum*. Para defender uma datação mais aproximada de Valentiano III, Goffart utilizou os argumentos de Seeck, reforçados "pela análise de duas passagens do Livro I que, juntas, implicam que Vegécio escreveu após o início do século V" (GOFFART, 1977, p. 80):

Na verdade, desde a fundação de Roma até a época do divino Graciano, o exército de infantaria era protegido não só por catafractas

³⁵ "[Ab illis enim uel paucae uel singulae, a pietate tua innumerabiles urbes ita iugi labore perfectae sunt ut non tam humana manu conditae quam diuino nutu videantur enatae]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.)

"[Com efeito, as poucas ou raras cidades que foram concluídas por outros e as inumeráveis cidades que foram acabadas pela tua piedade por meio de um trabalho tão contínuo parecem fundadas não tanto por mão humana como nascidas da vontade divina]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.).

³⁶ "[De lusoriis, quae in Danubio agrarias cotidianis tutantur excubiis, reticendum puto, quia artis amplius in his frequentior usus invenit quam uetus doctrina monstrauerat]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XLVI).

"[Sobre os navios de patrulha que vigiam, em missões diárias, os postos avançados no Danúbio, penso dever calar-me porque seu uso mais frequente nos tempos atuais conduziu a uma maior sabedoria do que aquilo que a doutrina antiga tinha revelado]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XLVI).

³⁷ E. Birley desafiou todas as leituras até então e concluiu que a obra foi escrita após 442, depois da paz com os Vândalos (BIRLEY, 1982 apud PANIAGUA AGUILAR, 2006: 35).

mas também por capacetes. Mas porque, instaladas a incúria e a preguiça, o exercício no campo acabou, aquelas armas que os soldados raramente utilizavam começaram a parecer um fardo; e assim, pedem ao imperador para devolverem em primeiro lugar as catafractas e, depois, os capacetes³⁸ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX).

Na visão de Goffart, houve um intervalo de duração não especificado após o governo de Graciano em que a cavalaria floresceu, o treinamento de campo diminuiu e a infantaria começou a abandonar suas armaduras. Se seguiu um terceiro período em que a infantaria foi dizimada por arqueiros góticos e muitas cidades foram destruídas. Para este autor, Vegécio escreveu neste momento após esses grandes desastres, que de uma forma ou outra nos remetem sempre ao saque de 410, em um período em que o exército ainda não foi rearmado.

A segunda passagem escolhida por Goffart traça um paralelo entre o presente de Vegécio e o período das Guerras Púnicas. A segunda passagem suplementa a primeira ao constatar um intervalo de tempo de duas décadas após Graciano, o que nos leva aos anos 400, quando " outro Aníbal na forma de Alarico, o Godo começou a fazer saques na Itália" (GOFFART, 1977, p. 82):

Mas a segurança proporcionada por um longo período de paz conduziu os homens, em parte, ao prazer do ócio e, em parte, às carreiras civis. Assim, o cuidado com o treino militar foi, em primeiro lugar, encarado de uma forma mais negligente, depois abandonado, e, por último, há muito tempo que caiu no esquecimento, conforme se sabe. E que ninguém se admire que isto tenha acontecido na época precedente, sabendo-se que, depois da Primeira Guerra Púnica, se seguiu uma paz de mais de vinte anos, que adormeceu pelo ócio e pela desabitação das armas os Romanos que tinham vencido em toda a parte, de tal forma que, durante a Segunda Guerra Púnica, eles não puderam estar à altura de Aníbal. E assim, depois de tantos cônsules, de tantos generais e de tantos exércitos perdidos, só alcançaram de novo a vitória quando conseguiram aprender a prática e o treino militares³⁹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII).

Como Vegécio possivelmente pertencesse à parte ocidental do Império, resta-nos pensar em dois nomes para prováveis Imperadores: Honório (393-423) e

³⁸ "[Ab urbe enim condita usque ad tempus diui Gratiani et catafractis et galeis muniebatur pedestris exercitus. Sed cum campestris exercitatio interveniente negligentia desidiaque cessaret, gravia videri arma coeperunt quae raro milites induebant; itaque ab imperatore postulant primo catafractas, deinde cassides se refundere]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX).

³⁹ "[Sed longae securitas pacis homines partim ad delectationem otii, partim ad ciuilia transduxit officia. Ita cura exercitii militaris primo negligentius agi, postea dissimulari, ad postremum olim in oblivionem perducta cognoscitur. Nec aliquis hoc superiore aetate accidisse miretur, cum post primum Punicum bellum viginti et quod excurrit annorum pax ita Romanos illos ubique uictores otio et armorum desuetudine eneruauerit ut secundo Punico bello Hannibali pares esse non possent. Tot itaque consulibus, tot ducibus, tot exercitibus amissis, tunc demum ad uictoriam pervenerunt cum usum exercitiumque militare condiscere potuerunt]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII).

Valentiano III (425-445). O primeiro nome é excluído principalmente devido ao fato de que Honório viveu num período em que não se pode falar de longa paz, o Imperador referido viveu em um momento distante no tempo de qualquer problema bélico, em um período de reparação. Com todos esses elementos, "a conclusão de que Vegécio endereçou o *De re militari* para Valentiano III parece indubitável" (GOFFART, 1977, p. 84).

Essa proposta de datação não foi a escolhida pela maioria dos filólogos e historiadores especializados na fonte. A proposta que situa cronologicamente a obra durante o governo de Teodósio I foi escolhida pela maior parte dos estudiosos do tema. A esta aderiram "C. Schöner, M. Schanz, S. Mazzarino, V. Sirago, A. R. Neumann, F. Paschoud, A. Chastagnol, [...] T. D. Barnes, G. Sabbah, A. Marcone, D. Baatz e R. Bockius, Ph. Richardot, M. Reeve e M. Formisano" (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p. 35-36). Os principais argumentos deste grupo estão sintetizados em alguns pontos por João Gouveia Monteiro (2009, p. 94-95):

- 1) o período cronológico é bem plausível, devido a: a) referência indireta à Batalha de Adrianópolis⁴⁰ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XI); b) Roma aparece citada como cidade inviolável, como, por exemplo, no prefácio do Livro IV⁴¹; c) os Vândalos não são nomeados por Vegécio; d) o tratadista aponta Hunos e Alanos como uma "nação"⁴² (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, Pref.); e) e durante o período de escrita de Vegécio não havia nenhuma guerra naval em curso, o que seria difícil após 419;

⁴⁰ "[Haec et ueteres declinarunt et superiore uel nostra aetate cum Romani duces per imperitiam non cauissent, ne quid amplius dicam, exercitus perdiderunt]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XI).

"[Os antigos evitaram isto, mas, no nosso tempo e no passado recente, uma vez que os generais romanos não o acautelaram, eles, por falta de perícia, e para nada mais dizer, desgraçaram os seus exércitos]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XI).

⁴¹ "[Sed dispositionibus uestrae clementiae quantum profecerit murorum elaborata constructio Roma documentum est, quae salutem ciuium Capitolinae arcis defensione seruauit ut gloriosius postea totius orbis possideret imperium]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.).

"[Mas o quanto são úteis as decisões de Vossa Clemência no que diz respeito à construção cuidadosa de muralhas comprova-se pelo exemplo passado de Roma, que salvou a vida de cidadãos por meio da defesa da cidadela do Capitólio para que possuísse depois, de uma forma mais gloriosa, o Império de todo o Mundo]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.).

⁴² "[quae Hunnorum Alanorumque natio uelit imitari si possit]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, Ep.).

"[que as nações dos Hunos e dos Alanos gostariam de conseguir imitar]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, Ep.).

- 2) a prática de recrutar camponeses (*coloni*) ainda era comum no contexto de Vegécio⁴³ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III), mas isto se tornou impraticável no início do século V;
- 3) os jogos gladiatoriais não foram alvo de denúncia, mas de elogio de Vegécio⁴⁴ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XI), o que não faria sentido após o fechamento das escolas por Honório em 399;
- 4) Ravena é citada por Vegécio apenas como sede da velha frota augustana oriental⁴⁵ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXXI) e não como sede do Império Romano do Ocidente;
- 5) Vegécio admira o grande número de cidades fundadas pelo Imperador e sabemos que Teodósio foi um grande construtor de cidades⁴⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.);
- 6) Teodósio I é o único Imperador que podemos ter que apresenta grande interesse pela história da República.

Como contraponto a este grupo de pesquisadores, Michael B. Charles publicou uma tese de doutorado que defendia o período de escrita da obra como o governo de Valentiano III (425-455). Os argumentos de Charles são sintetizados por Marcello Paniz Giacomani em sua dissertação de mestrado publicada em 2011 (GIACOMANI, 2011, p. 26-29):

⁴³ "[De qua parte numquam credo potuisse dubitari aptiorem armis rusticam plebem]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III).

"[Sobre este ponto, creio que nunca pôde duvidar-se de que o povo dos campos era mais apto para as armas]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III).

⁴⁴ "[Palorum enim usus non solum militibus sed etiam gladiatoribus plurimum prodest, nec umquam aut campus inuictum armis uirum probavit nisi qui diligenter exercitatus docebatur ad palum]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XI).

"[Com efeito, o treino contra os postes é extremamente útil não só aos soldados como também aos gladiadores: nunca a arena ou o campo de batalha revelam um homem invencível nas armas, salvo aquele que, cuidadosamente exercitado, foi instruído no poste]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XI).

⁴⁵ "[Apud Misenum igitur et Ravennam singulae legiones cum classibus stabant ne longius a tutela urbis abscederent et cum ratio postulasset sine mora, sine circuitu ad omnes mundi partes navigio pervenirent]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXXI).

"[Portanto, legiões isoladas estavam com suas frotas tanto em Miseno, como em Ravena; não se afastavam demasiado da guarda da cidade de Roma e, se a situação o exigisse, chegavam navegando sem demora e sem desvio a todas as partes do Mundo]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXXI).

⁴⁶ "[Ab urbe enim condita usque ad tempus diui Gratiani et catafractis et galeis muniebatur pedestris exercitus]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.).

"[Na verdade, desde a fundação de Roma até a época do divino Graciano, o exército de infantaria era protegido não só por catafractas mas também por capacetes]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.).

- 1) o termo *diuus* aparece em diversas fontes do século IV e V para designar Imperadores de outros períodos históricos e não somente o Imperador anterior.
- 2) a citação em que hunos e alanos aparecem como um mesmo grupo não passa de mero artifício retórico, enquanto que as influências das práticas de cavalaria hunas na cavalaria romana⁴⁷ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX) nos levam a pensar em grande convivência entre esses povos;
- 3) As menções às diversas províncias e povos no Império são artifícios retóricos para salientar o fato de que os romanos não necessitam de ajuda de mercenários estrangeiros;
- 4) Os elogios às qualidades físicas do Imperador seriam mais plausíveis com um jovem como Valentiano III do que com um homem de quarenta anos como Teodósio I;
- 5) A falta de referências às grandes façanhas militares de Teodósio I na obra;
- 6) A provável admiração de Teodósio I pela história da República Romana não revela nada, já que era obrigação do governante buscar os ensinamentos do passado;
- 7) O grande número de lamentações quanto à barbarização do exército fariam mais sentido durante o século V, quando os tratados de *foedus* e desastres militares eram constantes;
- 8) A lamentação sobre a perda de prática na construção de acampamentos fortificados⁴⁸ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXI) só faria sentido após o início do século V;
- 9) Se o mar estava pacificado, por que seriam necessários 16 capítulos que se remetem às práticas navais do passado?;

⁴⁷"[Sed in hac parte antiqua penitus consuetudo deleta est; nam licet, exemplo Gothorum et Alanorum Hunnorumque, equitum arma profecerint, pedites constat esse nudatos]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX).

"[A este respeito, o costume antigo foi completamente apagado; pois ainda que, a exemplo dos Godos, dos Alanos e dos Hunos, as armas dos cavaleiros tenham melhorado, sabemos contudo que os peões ficaram desguarnecidos]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX).

⁴⁸"[Sed huius rei scientia prorsus intercidit; nemo enim iam diu ductis fossis praefixisque sudibus castra constituit]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXI).

"[No entanto, o conhecimento desta arte extinguiu-se por completo, pois há já muito tempo que ninguém constrói um acampamento rasgando fossos e cravando estacas]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXI).

10) Existe a referência ao grande risco que as cidades sofrem⁴⁹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX) e algumas passagens (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.⁵⁰; IV, IX⁵¹; IV, XXVI⁵²) sugerem inclusive que Roma não era inviolável.

Quanto à questão da datação da obra, nos alinhamos ao grupo que defende que Vegécio escreveu durante o governo de Teodósio I e dedicou sua obra a este Imperador. Pensamos que entre os inúmeros argumentos apresentados em favor das duas hipóteses, nos parece bem plausível que se caso a obra de Vegécio fosse escrita após o ano de 410, os eventos ligados ao saque de Roma teriam de ter destaque na narrativa do autor, tendo-se em conta a dimensão da incursão de Alarico no imaginário romano. Acreditamos também que o grande número de elogios à figura do Imperador tenha relação com um *topos* literário ao se escrever esse tipo de trabalho. Certas qualidades indubitavelmente possuem muita relação com a figura de Teodósio, enquanto outras, embora indiquem para outro governante, não o excluem. As referências ao recrutamento de *coloni* e, principalmente, a existência de jogos gladiatoriais parecem delimitar mais finamente a obra cronologicamente. Outros dados acrescentados por David Paniagua Aguilar (2006, p. 78-79), como os paralelismos entre

⁴⁹"[*Sic detectis pectoribus et capitibus congressi contra Gothos milites nostri multitudine sagittariorum saepe deleti sunt; nec post tot clades, quae usque ad tantarum urbium excidia pervenerunt, cuiquam curae fuit vel galeas pedestribus reddere*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX).

"[Desde modo, desguarnecidos os peitos e as cabeças, os nossos soldados, enviados contra os Godos, foram muitas vezes aniquilados pelo grande número de arqueiros; e mesmo depois de tantas derrotas, que resultaram na destruição de tantas cidades, não foi sequer motivo de preocupação para ninguém devolver as catafractas e os capacetes aos soldados de infantaria]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX).

⁵⁰"[*Sed dispositionibus uestrae clementiae quantum profecerit murorum elaborata constructio Roma documentum est, quae salutem ciuium Capitolinae arcis defensione seruauit ut gloriosus postea totius orbis possideret imperium*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.).

"[Mas o quanto são úteis as decisões de Vossa Clemência no que diz respeito à construção cuidadosa de muralhas comprova-se pelo exemplo passado de Roma, que salvou a vida dos cidadãos por meio da defesa do Capitólio para que possuísse depois, de uma forma mais gloriosa, o império de todo o mundo]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.).

⁵¹"[*Nam in obsidione Capitolii corruptis iugi ac longa fatigatione tormentis, cum nervorum copia defecisset, matronae abscisos crines uiris suis optulere pugnantibus, reparatisque machinis aduersariorum impetum reppulerunt*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, IX).

"[Com efeito, no cerco do Capitólio, danificados os engenhos de torção por um serviço contínuo e longo, tendo acabado a provisão de tendões, as matronas cortaram os cabelos para os entregarem aos seus homens que combatiam, posto o que, reparadas as máquinas, estes repeliram o ataque dos adversários]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, IX).

⁵²"[*Nam ingressi Capitolinam arcem Galli Romanum nomen eruerant nisi clamore anserum excitatus Mallius restitisset*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXVI)

"[Com efeito, os Gauleses, entrados na cidadela do Capitólio, teriam arrasado o nome de Roma se Málio, prevenido pelo alarido dos gansos, não lhes tivesse feito frente]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXVI).

a *Epitoma rei militaris* e outros documentos, como o discurso poético de Claudiano *De quarto consulatu Honorii* pronunciado no ano de 398, ou um edito imperial do ano de 400, nos levam a tais conclusões.

1.3. Uma pequena História do Documento e apresentação da fonte

Encerrado o momento de discussão acerca da datação da obra, passemos a um pequeno estudo da transmissão da *Epitoma rei militaris* até os nossos dias. João Gouveia Monteiro mostrou como durante os séculos foram se acumulando os manuscritos da fonte. Se no ano de 1885, por ocasião da primeira edição da Teubner organizada por Carl Lang, se contavam 100 manuscritos, no ano de 2009 os manuscritos integrais do texto latino acumulavam-se ao número de 226. Esse número considera somente os textos em latim, pois se levarmos em conta "todos os manuscritos latinos (integrais ou não) e as traduções para língua vernácula, então o total ascende, como já prevenira Schrader, a mais de 320 manuscritos, com datas entre os séculos VII e XIX" (MONTEIRO, 2009: 109).

O primeiro rastro da obra, como já mostrado anteriormente, é dado pela cópia feita por Flávio Eutrópio no ano de 450. Ao que tudo indica houve grande ressonância da obra no Império do Oriente, sendo possível detectar citações da *Epitoma rei militaris* em textos de Prisciano de Cesareia, um autor grego chamado Maurício e Leão VI (886-912). O ponto mais baixo de frequência da obra se deu entre a deposição de Rômulo Augusto e o fim do século VII.

A importância da *Epitoma rei militaris* no período medieval é flagrante e leva muitos autores a dizerem que ela era "sem dúvida, um dos textos mais populares a sobreviverem da Antiguidade para a Europa Medieval" (WHETHAM, 2009, p. 120). David Whetham, ao tentar medir a popularidade do texto, narra que por volta de 1300 havia mais manuscritos da *Epitoma* do que dos textos de César, Tito Lívio, Valério Máximo e Frontino, ficando atrás dos manuscritos de Cícero, Ovídio e Virgílio. Charles R. Shrader nos informa que, do ponto de vista militar, o documento estudado foi o texto mais importante para servir de guia para a prática militar (SCHRADER, 1981, p. 168). Walter Goffart denuncia que a obra "foi a bíblia da guerra durante a Idade Média - o equivalente para os soldados da Regra de São Bento" (GOFFART, 1977, p. 65).

Durante o século XIII, teve início um grande número de traduções da *Epitoma* para o vernáculo. São contadas seis traduções em anglo-normando, em francês e em italiano. Na passagem do século XIII até o século XV, o francês ultrapassa o anglo-normando em traduções e em 77 traduções desse período 44 estão em francês. Outras línguas como o inglês, castelhano, alemão e judaico-alemão também possuem traduções e é bem provável que tenha sido feita uma tradução portuguesa encomendada pelo infante D. Pedro, regente de Portugal, entre os anos de 1439 e 1448 (MONTEIRO, 2009).

Com a invenção da imprensa, a obra de Vegécio passou a ser bastante editada. A primeira edição impressa foi publicada por N. Ketelaer e G. De Leempt na cidade de Utrecht entre os anos de 1473-1474. Um ano depois a *Epitoma* foi publicada em Paris e em Colônia sob edição de Louis Symonel e Nicolas Gotz respectivamente. O número de edições da obra se multiplicou na Europa durante os séculos seguintes, contudo, "todas as edições posteriores ao século XV derivam da edição de Giovanni Sulpizio da Veroli" (REEVE, 2004, p. 11).

Com o advento do século XIX e a publicação da *Epitoma* na coleção Teubner em 1869, temos uma grande mudança na própria interpretação da fonte. Karl Lang, o editor desta edição, com a ajuda de W. N. de Rieu, ofereceu pela primeira vez um texto crítico da obra. A obra de Vegécio era interrogada a partir da filologia moderna e esta edição se tornou a obra de maior referência para os estudiosos de Vegécio (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p. 97).

No final do século passado apareceram trabalhos monumentais sob a forma de edições críticas e traduções da *Epitoma*. Em 1993, N. P. Milner forneceu aos estudiosos do tema uma versão em língua inglesa com uma excelente introdução. A edição crítica de Alf Önnfors publicada pela Teubner em 1995 se tornou uma edição crítica de referência para o manejo e leitura do texto de Vegécio. Três anos depois Michael Reeve publicou na coleção *Oxford Classical Texts* uma edição com um grande estudo da tradição manuscrita da obra e substituiu a obra de Önnfors como trabalho de referência (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p.97-98). A edição da fonte de David Paniagua Aguilar foi muito importante para nosso trabalho devido às preciosas informações encontradas no estudo introdutório. Uma das edições que adotamos e que se encontra em português foi publicada em conjunto pelos professores João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga no ano de 2009, baseada na tradução feita por Michael

Reeve, apesar de não ser a única tradução para o português da *Epitoma*, pois é conhecida a tradução assinada por Adriaan De Man.

Quanto à organização da *Epitoma rei militaris*, podemos dizer que esta obra foi formatada por Vegécio em quatro livros divididos segundo o próprio autor da seguinte maneira:

O primeiro livro ensina a seleção dos jovens, de que lugares ou que tipo de soldados devem ser aprovados, ou por meio de que exercícios devem ser treinados.

O segundo livro contém a tradição do antigo exército, segundo a qual um exército pedestre pode ser constituído.

O terceiro livro expõe todos os tipos de artes que parecem necessárias ao combate terrestre.

O quarto livro enumera todas as máquinas com as quais as cidades ou são atacadas ou são defendidas; e ainda acrescenta os preceitos da guerra naval⁵³ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. Pref.).

Sabemos que Vegécio escreveu um primeiro livro com 28 capítulos dedicado à questão da seleção e treinamento dos recrutas e o consagrou ao Imperador que aprovou o texto e mandou que o autor continuasse o trabalho:

Portanto, como me fosse ordenado resumir o mais possível por escrito, para Vossa Majestade, certos assuntos, não tanto para os ensinar como para os relembrar, a dedicação entrou muitas vezes em conflito com a timidez⁵⁴. [...] Pois eu, como um modesto servidor, apresentei recentemente um livrinho acerca do recrutamento e do treino dos jovens, e, apesar disso, escapei sem censura; não receio, por isso, cumprir a ordem de empreender uma obra que, quando era espontânea, surgiu sem punição⁵⁵ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, Pref.).

O segundo livro, dedicado à organização e à diferenciação da legião segundo o critério dos antigos é composto de 25 capítulos. No terceiro livro, Vegécio nos mostra como deveria funcionar o exército em campanha, segundo as próprias

⁵³ "[Primus liber electionem edocet iuniorum, ex quibus locis vel quales milites probandi sint aut quibus armorum exercitiis imbuendi.

Secundus liber veteris militae continet morem, ad quem pedestris institui possit exercitus.

Tertius liber omnia artium genera quae terrestri proelio necessaria videntur exponit.]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. Pref.).

Quartus liber universas machinas quibus vel oppugnantur ciuitates vel defenduntur enumerat; naualis quoque belli praecepta subnectit]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. Pref.).

⁵⁴ "[Igitur cum haec litteris breviter comprehendere maiestati vestrae non tam discenda quam recognoscenda praeciperer, certauit saepius deuotio cum pudore]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, Pref.).

⁵⁵ "[Nam libellum de dilectu atque exercitio tironum dudum tamquam famulus optuli, non tamen culpatus abscessi; nec formido iussum adgredi opus cum spontaneum cessit inpune]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, Pref.).

palavras do autor, ele faz soar o *classicum*⁵⁶. Além disso, neste livro são apresentadas 32 máximas estratégicas e táticas para a condução da guerra. No último livro, existe uma divisão em duas temáticas: 30 capítulos são voltados à *poliorcetica*, ou seja, a arte do cerco a cidades, e 16 capítulos voltados para as especificidades da guerra naval.

1.4. Delimitação tipológica da fonte

David Paniagua Aguilar, em *El Panorama Literario Técnico-Científico en Roma (Siclos I-II D.C.)*, aventou a possibilidade da existência de uma literatura técnico-científica em Roma, definida assim pelo autor:

conjunto de obras de conteúdo suscetível de ser considerado técnico ou científico, em termos modernos, embora prescindindo de utilizar os conceitos de técnico e científico como elementos de discriminação interna, já que tal distinção deve ser evitada (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p. 31).

Na concepção de Paniagua Aguilar, existia um conjunto de escritos em que o princípio informativo e didático estava em primeira ordem. Na percepção de Luíza Monteiro de Castro Silva Dutra, em sua Dissertação de Mestrado intitulada *Do General, de Onassandro: Tradução e estudo*, estes trabalhos tinham o papel de "formar os homens que ocupavam ou ocupariam os cargos mais altos do Império Romano" (DUTRA, 2010, p. 24). Não se esperava que esses homens tivessem um conhecimento aprofundado sobre estratégias militares, mas era necessário que eles tivessem o mínimo de conhecimentos sobre diversos assuntos, como tática, estratégia e arquitetura.

No campo especificamente militar, podemos dizer que entre os romanos e entre o homem antigo em geral não existia qualquer tipo de escola militar, por isso pelos padrões atuais todos os comandantes romanos seriam considerados amadores. As carreiras militares destes homens estavam muitas vezes mais relacionadas a fatores hereditários e políticos. Adrian Goldsworthy, em *Generais Romanos*, ao estudar a formação do general romano nos diz que "alguns generais romanos consideravam-se supostamente preparados para o exercício de altos comandos, porque tinham lido essas

⁵⁶ Segundo João Gouveia Monteiro: "o *classicum* correspondia ao som lançado no ar pelos instrumentos de metal, sinalizando o agrupamento das tropas e o apelo ao combate" (MONTEIRO: 2009: 438). Ou seja, Vegécio vai nos falar de ações práticas durante as expedições militares.

obras, embora tal nunca tenha sido considerado a melhor forma de aprender" (GOLDSWORTHY, 2009, p. 17). Esses textos técnicos ofereciam o mínimo de informações a um general recém designado pelo Imperador.

O problema dessa categorização é que ela não consegue demarcar os limites desta literatura técnico-científica em relação a outros gêneros como a história. Em decorrência dessa dificuldade e também pelo fato de toda a construção deste conceito ser feito mirando noções modernas de técnica e ciência, preferimos não adotá-lo.

Outra possibilidade é dada por João Gouveia Monteiro. Ao estudar os autores que escreveram sobre assuntos militares no mundo romano, ele nos mostra que estes poderiam ser divididos em três grandes grupos: os generalistas, como Tito Lívio, Políbio, César e Plutarco, que escreviam sobre vários temas, sendo o tema militar um entre eles; os especialistas, como Frontino, Onassandro, Enéias-o-Tático e Vegécio, que se concentravam nos assuntos militares; e os historiadores dos povos bárbaros, como Procópio, Jordanes e Gregório de Tours, que falavam de assuntos militares relacionados aos bárbaros (MONTEIRO, 2009, p. 18). Outras fontes não devem ser desconsideradas, como os códigos jurídicos, as biografias e até algumas vidas de santos, mas dentro do modelo criado por Monteiro, estes três grupos nos fornecem grandes possibilidades no estudo da História Militar na Antiguidade.

A *Epitoma rei militaris* é colocada dentro do grupo de obras produzidas por especialistas. Não obstante estar localizada dentro deste grupo, ela se coloca como um manual militar, um tipo de fonte que tem seu nome advindo da estrutura tópica da obra e da tradição romana de produzir manuais. Este tipo de fonte procura ensinar pelo relato do passado, contudo de uma forma diferente do relato histórico. Adotando as idéias dadas por Raul Vitor Rodrigues Peixoto, em sua Dissertação de Mestrado intitulada *As Obras de Polieno e Frontino: Proposta de uma Tipologia dos Manuais Militares Romanos no Principado*, acreditamos que a relação que “o manual militar engendra com o passado é ativa e não passiva” (PEIXOTO, 2011, p. 50). Os manuais militares tinham a intenção de recriar os feitos vitoriosos do passado e não “fazer o passado apenas conhecido, mas fazer o passado presente e útil para vencer novamente” (PEIXOTO, 2011, p. 65).

A relação do manual militar com o passado se dava, sobretudo, de uma maneira pragmática⁵⁷. Dois aspectos presentes na *Epitoma rei militaris* nos mostram isto: a ausência de longos trechos e a divisão de assuntos por índices. Ao se referir à obra, Vegécio sempre a chama de *libellus* que segundo o *Oxford Dictionary of latim* pode significar pequeno trabalho escrito para publicação, um livro usado para notas ou registros, uma notícia exibida em público ou um programa para o entretenimento. A separação em assuntos é muito evidente, como podemos observar no índice do livro II:

- Começam os capítulos do livro segundo
- I. Em quantos ramos se divide a arte militar
 - II. Qual a diferença entre legiões e tropas auxiliares.
 - III. Qual a causa da decadência das legiões.
 - IV. Quantas legiões é que os antigos levavam para a guerra.
 - V. Como é constituída uma legião.
 - VI. Quantas coortes há numa legião e quantos soldados há numa coorte.
 - VII. Títulos e graus dos oficiais de uma legião.
 - VIII. Títulos daqueles que comandavam as antigas centúrias.
 - IX. Sobre o cargo do prefeito da legião.
 - X. Sobre o cargo do prefeito do acampamento.
 - XI. Sobre o cargo do prefeito dos engenheiros
 - XII. Sobre o cargo de tribuno dos soldados
 - XIII. Sobre as centúrias e as insígnias da infantaria.
 - XIV. Como são armados os *triarii* e os centuriões.
 - XV. Como se dispõe a legião em linha de batalha.
 - XVI. Como são armados os *triarii* e os centuriões.
 - XVII. Iniciado o combate, a infantaria pesada apresenta-se como se fosse um muro.
 - XVIII. Os nomes e os graus dos soldados devem ser escritos na parte interior dos escudos.
 - XIX. Além da robustez física, deve ter-se em conta, na escolha dos recrutas, a aptidão para contar e para fazer anotações por escrito.
 - XX. Os soldados devem depositar junto das insígnias metade do seu soldo como poupança.
 - XXI. Na legião, as promoções são feitas de forma a que os que são promovidos transitem por todas as coortes.
 - XXII. Qual é a diferença entre tocadores de *tuba*, de *cornu* e de *classicum*.
 - XXIII. Sobre o treino dos soldados.
 - XXIV. Exemplos de incentivo ao exercício militar retirados de outras artes.
 - XXV. Enumeração de ferramentas e máquinas da legião. (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II).⁵⁸

⁵⁷ Como nos mostra o próprio Raul Peixoto ao pensar os manuais militares escritos por Frontino e Polieno, muitas vezes os fatos relatados não parecem muito plausíveis, mas o que importa recordar é a situação e não a veracidade das ações (PEIXOTO, 2011, p. 47-48).

⁵⁸ [*Incipiunt capitula libri secundi*

I. *In quot genera diuidatur res militaris*

II. *Quid inter legiones et auxilia intersit*

III. *Quae causa exharuiri fecerit legiones*

III. *Quotenas legiones antiqui ad bellum duxerint*

Os dois aspectos acima tratados ficam claros nas palavras de Vegécio no início do livro I:

Por conseguinte, tentamos mostrar por partes e capítulos qual o costume antigo sobre a escolha e o treino dos recrutas. Não que para ti, Imperador Invicto, estes assuntos pareçam desconhecidos, mas para que tu reconheças aquelas matérias que outrora os fundadores do Império Romano conservaram e que tu tens à tua disposição de livre vontade, em prol do bem-estar da República, e para que encontres neste pequeno livrinho o que quer que seja que tu acreditas que deve ser procurado sobre os temas mais importantes e sempre necessários⁵⁹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, Pref.).

Além desses aspectos, outra característica que nos leva a pensar no caráter pragmático da *Epitoma rei militares* é o suporte de publicação da obra em *codex*. Sabemos que entre os séculos IV e V se imprimiu no território romano a troca do *volumen*, o rolo de tradição helenística, pelo *codex*, o códice de tradição romana. Os textos de caráter mais técnico foram em grande parte publicados em códice. A razão dessa preferência é explicada por Guglielmo Cavallo, em *Livros y público a fines de la Antigüedad*:

o códice permitia encontrar mais rapidamente uma passagem, algo que não era secundário em literaturas de 'referência' como a das Escrituras (e na realidade os primeiros a difundir o códice no mundo greco-romano tinham sido os cristãos) mas também a jurídica, pilares uma e outra da formação tardoantiga; sua forma mais manejável se

V. Quemadmodum legio constituatur

VI. Quot cohortes in una sint legione, item quot milites in una cohorte sint

VII. Nomina et gradus principiorum legionis

VIII. Nomina eorum qui antiquos ordines duxerunt

VIII. De officio praefecti legionis

X. De officio praefecti castrorum

XI. De officio praefecti fabrorum

XII. De officio tribuni militum

XIII. De centuriis atque vexillis peditum

XIII. De turmis equitum legionariorum

XV. Quemadmodum legionum acies instruantur

XVI. Quemadmodum triarii uel centuriones armentur

XVII. Commissa pugna grauem armaturam stare pro muro

XVIII. Nomina militum et gradus in scutis eorum auersis scribenda

XVIII. Praeter corporis robur notarum uel computandi artem in tironibus eligendam

XX. Donatiui partem dimidiam debent apud signa milites sequestrare seruandam

XXI. In legione ita fieri promotiones ut per omnes cohortes transeant qui promouentur

XII. Quid inter tubicines et cornicines et classicum intersit

XXIII. De exercitatione militum

XXIII. Exempla adhortationum exercitii militaris de aliis artibus tracta

XXV. Enumeratio ferramentorum uel machinarum legionis]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, Pref.).

⁵⁹"[De dilectu igitur atque exercitatione tironum per quosdam gradus et titulos antiquam consuetudinem conamur ostendere, non quo tibi, imperator inuicte, ista uideantur incognita, sed ut quae sponte pro rei publicae salute disponis agnoscas olim custodisse Romani imperii conditores et in hoc paruo libello quicquid de maximis rebus semperque necessariis requirendum credis inuenias]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, Pref.)

adaptava melhor à leitura, ao transporte durante a viagem e uso escolar (CAVALLO, 1995, p. 111).

Do ponto de vista militar, o fato da obra estar em códice facilitava muito a consulta do general. Ele não precisaria procurar em vários pergaminhos para encontrar o *exemplum* que ele estivesse precisando. Ele olharia o índice e selecionaria a informação que ele estivesse à busca. Essa economia de tempo seria essencial para o comandante durante a preparação para a batalha ou durante um cerco. Outra vantagem deste tipo de suporte é o pouco espaço que ele demandaria, pois durante campanhas militares, o comandante poderia levar a *Epitoma rei militares* consigo, sem o grande volume feito pelos pergaminhos.

Acreditamos, porém, que somente as definições da obra como uma escrita especialista e um manual militar sejam ineficientes para tratar da especificidade da obra analisada e sua busca ou não por restaurar o passado. No mundo romano, a questão militar (*res militaris*) foi observada de duas perspectivas diferentes que mostravam faces distintas do objeto de ação. “A primeira se centrou no aspecto formativo e preceptivo, melhor dizendo, na *ars militaris* propriamente dita, enquanto que a segunda se centrou na *disciplina militaris*” (PANIAGUA AGUILAR, 2010, p. 205). Se na *ars militaris* devem ser levados em conta todos os elementos precisos para que a ação militar seja bem sucedida – estratégia, tática, engenharia bélica, adestramento e exercício, formação militar, higiene –, na *disciplina militaris*, o que tem importância é a correta execução de ordens dadas pelas autoridades e a definição de um “código de comportamento na esfera militar que regula as relações entre os distintos membros e hierarquias militares” (PANIAGUA AGUILAR, 2010, p. 206).

Além dessa diferenciação em dois grandes grupos da *res militaris*, David Paniagua Aguilar fornece também uma outra classificação em subgêneros da *ars militaris*: poliorcética, engenharia militar, tática, coleções de estratagemas e logística (PANIAGUA AGUILAR, 2007, p. 02). Dentro deste universo, a obra de Vegécio é colocada no interior do grupo da *ars militaris*, especificamente no grupo de logística, pois o autor romano buscava refletir e tratar de todos os aspectos preparatórios para o conflito e também da intendência do exército.

Nota-se que existem aspectos de outros grupos na obra de Vegécio, como poliorcética e engenharia militar, mas devido ao caráter compilatório e resumido com que ele trata de diversos assuntos, a *Epitoma rei militaris* foi enquadrada como um

trabalho de logística. O objetivo de Vegécio (como já explicitado) é mostrar através de um trabalho diligente e fiel as matérias que estão dispersas em diversos autores e que ensinam a disciplina das armas em benefício dos Romanos. Ou seja, ele busca fornecer elementos do passado que ajudem a modificar a estrutura do exército romano com objetivo preceptivo.

Podemos notar essas pretensões de recriar o passado na obra em várias passagens em que Vegécio toma o pretérito como reservatório de *exempla* para transformar o exército romano numa força vitoriosa. Além disso, Vegécio se arroga pouca ou nenhuma autoridade pelo trabalho realizado, ressaltando sempre que sua obra é uma compilação daquilo que foi encontrado em vários autores. Todas essas características podem ser notadas no presente trecho:

[...] Portanto, devemos recuperar o antigo costume, a partir dos livros de História ou de outros. Mas estes narram somente as façanhas e as peripécias das guerras, deixando de lado como conhecidos estes assuntos que nós agora investigamos. [...] Esta necessidade obrigou-me, consultados os autores, a dizer o mais fielmente possível neste opúsculo aquelas coisas que o célebre Catão-o-Censor escreveu sobre o sistema militar, aquilo que Cornélio Celso e Frontino pensaram que devia ser exposto, aquilo que Paterno, um defensor zelosíssimo do direito militar, redigiu em livros, aquilo que foi estabelecido pelas constituições de Augusto, de Trajano e de Adriano. Com efeito, eu não me arrego nenhuma autoridade, apenas organizo sob a forma de resumos as matérias daqueles que acima referi e que se encontram dispersas⁶⁰ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

Na nossa visão, para entendermos como Vegécio faz uso do passado em seu manual é preciso recorrer a duas categorias estudadas por Reinhart Koselleck: espaço de experiência e horizonte de expectativa. Para ele "todas as histórias⁶¹ foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem" (KOSELLECK, 2006, p. 306). A experiência, para ele, é o passado que pode ser lembrado, não só como experiência própria, mas também como experiência alheia. Em

⁶⁰ "[De historiis ergo uel libris nobis antiqua consuetudo repetenda est. Sed illi res gestas et euentus tantum scripsere bellorum, ista quae nunc quaerimus tamquam nota linquentes. Lacedaemonii quidem et Athenienses aliique Graecorum in libros rettulere complura quae tactica uocant, sed nos disciplinam militarem populi Romani debemus inquirere, qui ex parvissimis finibus imperium suum paene solis regionibus et mundi ipsius fine distendit. Haec necessitas compulit euolutis auctoribus ea me in hoc opusculo fidelissime dicere quae Cato ille Censorius de disciplina militari scripsit, quae Cornelius Celsus, quae Frontinus perstringenda duxerunt, quae Paternus, diligentissimus iuris militaris assertor, in libros redegit, quae Augusti et Traiani Adrianique constitutionibus cauta sunt. Nihil enim mihi auctoritatis assumo se horum quos supra rettuli quae dispersa sunt velut in ordinem epitomata conscribo]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

⁶¹ Que fique claro que não entendemos história aqui como um gênero específico, mas sim como qualquer narrativa produzida ao longo do tempo.

Vegécio isto fica muito claro, quando ele não se arroga autoridade e diz que apenas resumiu as matérias de outros autores (Catão-o-Censor, Cornélio Celso, Frontino, Paterno, Homero) e constituições (de Augusto, Trajano e Adriano).

Esse espaço de experiência utilizado por Vegécio é interessante porque muitos estratos de tempo estão simultaneamente presentes, apesar da grande distância temporal existente entre as diferentes obras. Homero e Frontino são colocados como contemporâneos na escrita de Vegécio, unificados sob a premissa de que "devemos recuperar o antigo costume, a partir dos livros de História ou de outros"⁶² (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII). Ele mobiliza esta experiência para tentar oferecer ao Imperador, "em prol do bem-estar da República [...] neste pequeno livrinho o que quer que seja que tu [Imperador] acreditas que deve ser procurado sobre os temas mais importantes e sempre necessários"⁶³ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I).

Percebemos que Vegécio se enquadra no *topos* que Reinhart Koselleck chamou de *Historia magistra vitae*. Segundo este teórico, tal expressão foi cunhada por Cícero e tinha como função dar à história um sentido de instrução para a vida. Na percepção de Koselleck, Cícero "se serve da história como coleção de exemplos -*plena exemplorum est historia* [a história é cheia de exemplos] - a fim de que seja possível instruir por meio dela" (KOSELLECK, 2006, p. 43).

Isso não é só uma característica da *Epitoma rei militaris* e sim do pensamento militar grego e romano. John Lendon, na Introdução de sua obra *Soldiers and Ghosts*, ao tratar da inovação militar no mundo antigo, nos diz que a maioria dos

trabalhos técnico-militares que sobreviveram da Antiguidade miram não em direção ao futuro ou aos métodos contemporâneos, mas em direção ao passado; se o autor recolhe estratégias históricas para o uso dos generais contemporâneos, ele se baseia num tratado geral da arte da estratégia em exemplos de séculos passados (LENDON, 2005, p. 11).

Para este autor, essa seria uma característica eminentemente antiga, a tentativa de inovação pela recriação do que foi feito anteriormente. Seguindo esta linha, podemos afirmar que Vegécio buscava sim o retorno do uso do exército romano como os "antigos fizeram". Como já observado, a relação temporal estabelecida no manual militar com o passado se dava de forma a buscar a vitória pelo retorno do passado, pelo

⁶² "[De historiis ergo uel libris nobis antiqua consuetudo repetenda est]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

⁶³ "[... sed ut quae sponte pro rei publicae salute disponis agnoscas olim custodisse Romani imperii conditores et in hoc paruo libello quicquid de maximis rebus semperque necessariis requirendum credis inuenias]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, Pref.)

re-acontecimento do pretérito. Se tratava de mobilizar o espaço de experiência para conseguir encontrar possibilidades de iluminar o horizonte de expectativas. Esse espaço de experiência era composto de várias camadas de tempo, como é possível observar na *Epitoma rei militaris* em vários *exempla* de momentos cronologicamente muito distantes. Isto seria mobilizar o *topos* da *Historia magistra vitae*. Essa era uma característica do gênero dos manuais militares que tinha como especificidade essa relação particular com o tempo de pragmatismo⁶⁴.

Como apontado, esses manuais possuíam suas particularidades e por isso eram divididos em vários grupos que fazem com que a análise da fonte seja particularizada. Dentro destas divisões, a *Epitoma rei militaris* se enquadra no grupo de trabalhos voltados à *ars militaris*, ou seja, trabalhos que possuem em seu corpo todos os elementos necessários para a boa preparação e condução da guerra, sem esquecer questões relacionadas à *disciplina militaris*. Devido a essas características, não podemos estudar tal fonte como um conjunto de fatos históricos "verdadeiros" no sentido rankiano, mas, por outro lado, podemos refletir, por exemplo, sobre as seleções e construções feitas por Vegécio para defender alguns elementos de identificações romanas com e na guerra.

1.5. A construção de identidades na *Epitoma rei militaris*

Após situarmos tipologicamente a *Epitoma rei militaris* e estabelecermos os limites na análise da fonte, passamos a defender um tipo de análise que seja condizente com as possibilidades oferecidas pela obra. Para tal, o conceito de identidades será de vital importância em nossa análise a partir do presente momento, pois é a partir dele que podemos pensar em como Vegécio representava o que ele pensava ser o exército romano ideal para o seu tempo e, principalmente, a partir desse conceito podemos pensar na nossa principal hipótese de trabalho: a existência nesse autor de uma defesa de um modo romano de lutar, ou seja, identidades romanas que assimilavam elementos não-romanos, mas que estabeleciam limites para essa aceitação.

⁶⁴ Outra possibilidade de análise é aquela apresentada por Marcello Paniz Giacomoni: "Creio ser possível inserir a obra de *Vegetius* em pelo menos três estruturas literárias: a retórica, a polemologia [prisma escolhido por nós] e os compêndios e epítomes" (GIACOMONI, 2011, p. 58).

Para pensarmos essas relações identitárias na *Epitoma rei militaris* é preciso primeiramente considerar a figura de seu autor⁶⁵. Vegécio era provavelmente um membro da aristocracia próxima ao Imperador Teodósio I. Possivelmente ele era de uma das regiões "celtizadas" do Império (Gália Transalpina, Gália Cisalpina, Nórica e Hispânia) devido ao uso do gentílico Vegécio (41, 8% das ocorrências deste nome se davam na região da Hispânia). Apesar desse sentimento de pertencimento ao mundo romano, pensamos que essa identidade romana pretendida por Vegécio não era excludente e estava "baseada num grau de adesão não-usual a uma comunidade política e religiosa com valores e *mores* comuns" (WOOLF, apud: WALLACE-HADRILL, 2008, p. 12). Por exemplo, ao falar dos antigos costumes na guerra, ele cita como referência lacedemônios, atenienses e outros gregos: "Na verdade, os lacedemônios, os atenienses e outros gregos expuseram muitas matérias em livros a que dão o nome de *tactica*⁶⁶ [...]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII). Ao relatar que os lacedemônios, os atenienses e outros gregos devem ser levados em consideração, isto significa que elementos destes povos devem ser assimilados para que a vitória em campo de batalha seja alcançada.

As próprias questões de cidadania romana nos parecem um tanto quanto complicadas de definir na obra e no contexto histórico em que a obra foi produzida. Depois do ano de 212, "Caracala estendeu a cidadania romana para a grande parte da população do Império, removendo muitas das distinções entre tropas de cidadãos e não-cidadãos" (GOLDSWORTHY, 2007, p. 167). Depois daquele momento ficou muito mais difícil discriminar o que era romano do que era bárbaro e mesmo as tropas em que os bárbaros eram maioria - as tropas auxiliares - passaram a ter em seus corpos grande número de cidadãos romanos.

A preocupação de Vegécio em nossa leitura não estava em polarizar romanos e não-romanos, mas sim em buscar saídas para os problemas bélicos daquele momento. Como o próprio autor lembra: "[...] a segurança proporcionada por um longo período de paz conduziu os homens, em parte, ao prazer do ócio e, em parte, às carreiras civis⁶⁷" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII). Esta opção do autor da *Epitoma rei militaris* está ligada às mudanças militares romanas entre o terceiro e quarto séculos,

⁶⁵ Para maiores esclarecimentos, deve-se retornar ao estudo da biografia do autor que fizemos no primeiro sub-capítulo do trabalho.

⁶⁶ "[Lacedaemonii quidem et Athenienses alique Graecorum in libros rettulere complura quae tactica uocant]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

⁶⁷ "[Sed longae securitas pacis homines partim ad delectationem otii, partiam ad ciuilia transduxit officia]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII).

pois, "enquanto o número de tropas gerais dentro dos exércitos tinha provavelmente aumentado, o tamanho das unidades individuais, especialmente as legiões, diminuiu" (GOLDSWORTHY, 2007, p. 167). Isso aconteceu devido à divisão entre tropas de exército de campo, os *comitatenses*, e as tropas colocadas nas áreas de fronteira, os *limitanei*. Enquanto os exércitos de campo cuidavam da segurança do Imperador e travavam guerra caso necessário, as tropas de fronteiras cuidavam da proteção interna, principalmente da proteção contra bandidos e assaltos e da defesa dos magistrados.

Temos de reconhecer, nesse percurso, a dificuldade de se tratar de identidade(s). Andrew Wallace-Hadrill ao tratar do conceito nos avisa:

identidade étnica não é de forma alguma fácil de definir e cobre uma combinação de vários fatores - terra em comum, descendência, linguagem, costumes, religião, nome e história - mas, sobretudo, o pré-requisito é o auto-pertencimento e desejo de identificar os participantes como entidade, uma condição não satisfeita pela imposição de identidade de fora, ou no passado ou por nós mesmos agora. Podemos expressar isto ao dizer, com Jonathan Hall, que identidade étnica, e identidades em geral são 'discursivamente construídas', criadas pelo discurso dos próprios participantes (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 9).

Identidade aqui é compartilhamento de ideias que geram pertencimento a um grupo. Como explana Greg Woolf, em *Rome: an Empire's Story*, não existia uma cultura imperial única, mas havia hábitos e atitudes que eram compartilhados pelos romanos, como é o caso da alimentação e das casas de banho (WOOLF, 2012, p. 222-223). Esse ponto de vista é partilhado por Janet Huskinson, que diz que pessoas que partilham de uma cultura comum "dividem uma série de suposições e experiências, e estas são expressas pela recorrência a práticas comuns ou pelo emprego de representações aceitas de identidade mútua" (HUSKINSON, 2005, p. 05).

Na elaboração de Huskinson, as pessoas experimentavam no II e III século, identidades em diferentes formas e muitas destas formas poderiam ser descritas como romanas. Neste sentido é que ela nos fala e ajuda a conceituar identidades como uma "forma de colocar pessoas - indivíduos e comunidades - dentro de um contexto cultural particular, que pode envolver diferentes modos de definição como gênero, raça, idade, status social, trabalho ou religião" (HUSKINSON, 2005, p. 10). Ao tratar dos romanos do II e III século, Huskinson completa e nos diz que o sentimento de pertencimento à cultura romana não se dava de uma forma monolítica - e isto ela nos mostra na análise

de um mosaico - mas de várias maneiras, sendo comum a existência de várias culturas em coexistência, o que impossibilita a existência de uma identidade única⁶⁸.

Considerar a inexistência de identidades únicas é importante porque nos leva a problematizar parte da historiografia que estudou Vegécio e a fonte *Epitoma rei militaris*. Autores como Santo Mazzarino e C. D. Gordon pensam que as propostas de Vegécio não constituíam "soluções, mas argumentos para os queixumes literários a respeito da decadência" (MAZZARINO, 1991, p. 60). Nesta perspectiva Vegécio possui como único objetivo de sua obra diminuir os efeitos da barbarização do exército romano, ou seja, busca excluir os elementos bárbaros dos corpos militares romanos. Para eles, Vegécio era um ponto de contraste entre o estado em crise e o passado glorioso.

Toda essa concepção de que a *Epitoma rei militaris* era uma obra de oposição à barbarização contém, contudo, dois problemas. O primeiro é o de não levar em consideração os aspectos tipológicos desta fonte, pois esse tipo de obra não pode ser analisado como um trabalho de um aristocrata fazendo objeções à situação política do mundo em que ele vive. A própria relação dela com o passado faz com que a pensemos de forma peculiar. O segundo problema é que essa concepção toma como certa a tese de uma barbarização e vitória das identidades bárbaras sobre as identidades romanas.

O que podemos observar é que muitos estudos publicados nos últimos anos nos levam a repensar essa tese. Um autor fundamental na problematização dessa tese é Peter J. Heather. Para ele, não houve uma mudança de uma guerra ofensiva dos Imperadores romanos para uma guerra defensiva contra os assaltos bárbaros. Além de não esperar os assaltos atrás das fronteiras, outros elementos como a construção de fortes, a diplomacia e as campanhas tinham como objetivo a submissão dos principais líderes bárbaros. O que é mais importante é que os Imperadores, a fim de evitar rivalidades internas de diferentes líderes bárbaros, buscavam duas soluções: o uso da força para expulsar alguns grupos ou "permitir que grupos bárbaros em particular fossem recebidos em solo romano sob termos estritos" (HEATHER, 2010, p. 232).

⁶⁸ Não negamos a existência de outras formas de se pensar o conceito de identidade, como os casos apresentados por Stuart Hall em *A Identidade na Pós-Modernidade* (identidade iluminista, sociológica e pós-moderna) (HALL, 2006), mas o utilizamos da presente forma porque este nasce do espaço de experiências e horizonte de expectativas do final do século XX e início do século XXI, período em que vivemos e que nos leva às indagações do presente trabalho e se adequa ao nosso objeto de estudo.

A presença destes grupos "bárbaros" e principalmente germânica é atestada entre os romanos desde o século I. Estes traziam os germanos para aumentar o número de *numeri*, um grupo de tropas auxiliares formado principalmente por bárbaros. Em sentido estrito a "palavra *numerus* se aplica a uma tropa formada por soldados não romanos que conservaram suas características étnicas (língua, uniforme, armamento)" (LE BOHEC, 2008, p. 38). A partir do governo de Constantino, havia regimentos de tropas imperiais formados por germânicos e os próprios Imperadores se rodeavam de oficiais germânicos. Muitas vezes estes homens assumiam tarefas ligadas à administração, como foi o caso de Arbogasto e Estilício. Teodósio I permitiu que "tribos germânicas completas residissem em território imperial como unidades separadas, autônomas, aliadas ou federadas, empenhadas em servir no Exército Romano, embora sob o comando dos seus próprios chefes" (GRANT, 2009, p. 121).

Todos esses fatos nos mostram que muito mais do que se deparar com um elemento totalmente estranho, os romanos estavam em constante contato com os "bárbaros" e esse contato tornava difícil discriminar o que era romano do que era bárbaro. Um exemplo de assimilação de elementos bárbaros nos exércitos romanos se dava, por exemplo, pelo uso do *gladius hispanienses* por parte das legiões romanas. Essa dificuldade em rastrear aspectos dicotômicos entre bárbaros e romanos nos leva a pensar que esta preocupação em identificar os romanos nos séculos IV e V não primava somente por esse critério.

Nos parece que outras identidades se tornaram mais importantes para Vegécio do que a dicotomia romano e bárbaro. Ao nos falar na montagem de um exército romano poderoso, a primeira característica importante era a localização dos povos com relação ao sol:

Na verdade, ainda que se reconheça que, em todos os lugares, nascem quer homens covardes, quer corajosos, contudo não só uma nação é superior a outra na guerra, mas também a zona terrestre influencia a robustez, não apenas dos corpos, como também dos espíritos; eu não omitirei, neste passo, aqueles aspectos que foram reconhecidos por homens cultíssimos. Dizem que todas as nações que são vizinhas do sol, ressequidas pelo calor excessivo, têm, na verdade, mais inteligência, mas têm menos sangue e, por causa disso, não têm a firmeza e a confiança de lutar corpo-a-corpo porque receiam as feridas, uma vez que sabem que têm pouco sangue. Pelo contrário, os povos setentrionais, afastados dos ardores do sol e, na verdade, irreflectidos, tendo contudo sangue em abundância, estão prontíssimos para a guerra. Portanto, devem ser escolhidos nas regiões temperadas os recrutas cuja abundância de sangue basta para desprezar os ferimentos e a morte, mas também aos quais não falte a prudência, que não só conserva a disciplina no acampamento mas que também não é

de menos utilidade às decisões no combate⁶⁹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, I).

Ao dizer que os recrutas escolhidos nas regiões temperadas são mais aptos para a guerra, Vegécio parece defender que essa identidade é fundamental para que um jovem seja recrutado. Contudo, mais à frente, ele nos diz que "[...] em todo o tipo de conflitos, não aproveita tanto a quantidade quanto a coragem⁷⁰" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII). Isto retoma a primeira frase da citação acima em que se fala da existência de homens covardes e corajosos em todos os lugares. Existe uma maior possibilidade de que os jovens das regiões temperadas sejam mais aproveitáveis para o Estado romano, mas parece existir a pressuposição de que nas regiões vizinhas do sol e nas regiões setentrionais também existam excelentes recrutas.

Ao se posicionar sobre se pensa os recrutas da cidade ou do campo mais úteis, Vegécio afirma que:

Sobre este ponto, creio que nunca pôde duvidar-se de que o povo dos campos era mais apto para as armas, povo que se cria ao ar livre e no trabalho, suportando o sol e desprezando a sombra, desconhecendo os banhos e ignorante dos prazeres, de espírito simples e satisfeito com pouco, com os membros endurecidos e capazes de tolerar todo o tipo de trabalho e para quem manejar o ferro, abrir um fosso ou carregar um fardo são hábitos da vida no campo⁷¹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III).

Contudo:

a necessidade por vezes exige que também habitantes das cidades sejam recrutados; estes, assim que tenham dado o nome para o serviço militar, devem aprender bem a trabalhar, a manobrar, a carregar pesos e a suportar o sol e o pó, devem adoptar uma alimentação parca e simples e devem acampar ora ao ar livre, ora em tendas. Só então, devem ser treinados no uso das armas e, se surgir uma campanha mais longa, devem ser destacados o mais tempo possível em postos avançados nos campos e devem ser mantidos longe das sedução da

⁶⁹ "[Constat quidem in omnibus locis et ignavos et strenuos nasci. Sed tamen et gens gentem praecedit in bello et plaga caeli ad robur non tantum corporum sed etiam animorum plurimum ualet; quo loco ea, quae a doctissimis hominibus conprobata sunt, non omittamus. Omnes nationes, quae uicinae sunt soli, nimio calore siccitas, amplius quidem sapere, sed minus habere sanguinis dicunt ac propterea constantiam ac fiduciam comminus non habere pugnandi, quia metuunt uulnera qui exiguum sanguinem se habere nouerunt. Contra septentrionales populi, remoti a solis ardoribus, inconsultiores quidem, sed tamen largo sanguine redundantes, sunt ad bella promptissimi. Tirones igitur de temperatioribus legendi sunt plagis, quibus et copia sanguinis suppetat ad uulnerum mortisque contemptum et non possit deesse prudentia, quae et modestiam seruat in castris et non parum prodest in dimicatione consiliis]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, I).

⁷⁰ "[In omni enim conflictu non tam prodest multitudo quam uirtus]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

⁷¹ "[De qua parte numquam credo potuisse dubitari aptiorem armis rusticam plebem, quae sub diuo t in labore nutritur, solis patiens, umbrae neglens, balnearum nescia, deliciarum ignara, simplicis animi, paruo contenta, duratis ad omnem laborum tolerantiam membris, cui gestare ferrum, fossam ducere, onus ferre consuetudo de rure est]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III).

cidade, para que, deste modo, a robustez impregne não só os seus corpos mas também os seus espíritos⁷² (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III).

Os recrutas do campo são na opinião de Vegécio os mais indicados para serem treinados e se tornarem soldados romanos, isso porque, para ele, as cidades são fontes de prazeres e luxos. Na leitura de Vegécio, três meios foram fundamentais para que os romanos tivessem submetido outros povos: "Na verdade, nós vemos que o povo romano submeteu todo o mundo por meio de nenhuma outra razão a não ser pelo treino das armas, pela disciplina dos acampamentos e pela experiência do exército"⁷³ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, I). Este é um núcleo identitário importante que percebemos como defendido na *Epitoma rei militaris*⁷⁴. Existiam dentro deste núcleo características perceptíveis para se identificar um jovem com capacidade para se tornar um soldado:

Portanto, o adolescente que deve ser destinado ao trabalho de Marte deve ter olhos vigilantes, cabeça erguida, peito largo, ombros musculados, braços fortes, dedos bem longos, estômago pequeno, ancas bastante estreitas, pernas e pés despojados de gorduras e fortalecidos pela dureza dos músculos. Quando se reconhecerem estes sinais num recruta, não se deve procurar muito uma elevada estatura. Com efeito, é mais útil que os soldados sejam fortes do que altos⁷⁵ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VI).

Para ilustrar tais pressupostos, Vegécio recorria a *exempla* do passado (como é o caso de Cincinato⁷⁶ durante a República):

Nem se deve negar que, depois da fundação da sua cidade, os Romanos dela sempre partiram para a guerra. Mas, nesse tempo, não estavam enfraquecidos por nenhuns prazeres, por nenhuns luxos; a

⁷² "[Interdum tamen necessitas exigit etiam urbanos ad arma compelli, qui ubi nomen dedere militiae, primum laborare, decurrere, portare pondus et solem pulueremque ferre condiscant, parco uictu utantur et rustico, interdum sub diuo interdum sub papilionibus commerentur. Tunc demum ad usum erudiantur armorum, et, si longior expeditio emergit, in agrariis plurimum detinendi sunt proculque habendi a ciuitatis inlecebris, ut eo modo et corporibus eorum robur accedat et animis]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III)

⁷³ "[Nulla enim alia re uidemus populum Romanum orbem subegisse terrarum nisi armorum exercitio, disciplina castrorum usuque militiae]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, I).

⁷⁴ Mais à frente vemos a importância desse núcleo identitário.

⁷⁵ "[Sit ergo adulescens Martio operi deputandus uigilantibus oculis, erecta ceruice, lato pectore, umeris musculosis, ualentibus brachiis, digitis longioribus, uentre modicus, exilior clunibus, suris et pedibus non superflua carne distentis sed neruorum duritia collectis. Cum haec in tirone signa deprehenderis, proceritatem non magno opere desideres. Utilius est enim fortes milites esse quam grandes]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VI).

⁷⁶ Lucius Quintius Cincinnatus (519-430 a.C.) foi um importante aristocrata romano que exerceu os cargos de Cônsul e Ditador. Era reconhecido pelos romanos por suas qualidades cívicas, como nos mostra Tito Lívio: "Quintius Cincinnatus foi chamado do cultivo de sua terra, feito ditador e colocado para comandar a guerra contra os equestres" (TITO LÍVIO. *História de Roma*. III, Pref.).

juventude lavava o suor acumulado na corrida e nos exercícios de campo nadando no Tibre; ao mesmo tempo guerreira e agricultora, trocava somente de tipo de armas; de tal forma isto é verdade que se sabe que a ditadura foi oferecida a Quíncio Cincinato enquanto este lavrava⁷⁷ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III).

Outros personagens também são colocados na obra como exemplos de virtudes importantes para as identidades romanas militares. Tideu⁷⁸ é lembrado ao se falar que os homens que treinam em armas devem ser fortes. Interessante é que a figura de Tideu remonta a um passado mítico, muito distante do tempo em que Cincinato e Vegécio viveram:

Portanto, se a necessidade o exige, convém ter em consideração não tanto o critério da estatura, mas sim o da força. E nós não estamos errados, pois assim o testemunha o próprio Homero, ao declarar que Tideu, embora fosse mais pequeno de corpo, era contudo mais forte nas armas⁷⁹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, V).

Essa recorrência a períodos históricos muito diversos dentro da mesma obra nos leva a pensar no uso de diferentes estereótipos dentro do corpo do texto. Muito mais do que tentar criar uma identidade fixa e excludente, tal recorrência a diferentes momentos da história romana nos levam a pensar que Vegécio estava tentando reconciliar diferentes relatos que chegaram como fonte até ele. Para Greg Woolf, tais estereótipos "foram desenvolvidos e mantidos (ou modificados) porque eles serviam a um propósito nas estratégias comunicativas e persuasivas daqueles que continuavam a empregá-los" (WOOLF, 2011, p. 262). Mais do que uma identidade excludente, Vegécio tinha o propósito de utilizar o maior número de exemplos possíveis para tentar dar uma resposta ao problema do recrutamento.

Um bom soldado, na visão de Vegécio, era aquele que tivesse bons costumes. Sua origem seria importante, mas não determinante para ser um bom soldado. Nas palavras do próprio autor: "Na verdade, a juventude, a quem a defesa das províncias e a quem a sorte das guerras devem ser confiadas, deve ser excelente não só

⁷⁷ "[Nec infitiandum est post urbem conditam Romanos ex ciuitate profectos semper ad bellum; sed tunc nullis deliciis frangebantur, (sudorem cursu et campestri exercitio collectum iuuentus natans abluebat in Tiberi) idem bellator, idem agricola, genera tantum mutabat armorum; quod usque adeo uerum est, ut aranti Quintio Cincinnato dictaturam constet oblatam]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III).

⁷⁸ Tideu era filho do Eneu e Calidonte e um dos principais personagens da célebre Guerra dos Sete Contra Tebas.

⁷⁹ "[Si ergo necessitas exigit, non tam staturae rationem conuenit habere quam uirium. Et ipso Homero teste non fallitur, qui Tydeum minorem quidem corpore sed fortiroem armis fuisse significat]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, V).

pelo nascimento, se a abundância o permitir, mas também pelos costumes⁸⁰ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VII). Como nos mostra Wallace-Hadrill ao nos dizer sobre o que os romanos pensavam que os diferenciavam, sua "superioridade estava na moralidade" (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 34). O que denota superioridade militar entre os romanos é o "complexo padrão de tradições que eles chamam de *mores*" (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 34).

Nesse sentido, nos posicionamos ao lado de Peter Heather, no trabalho *The Barbarian in Late Antiquity: image, reality and transformation*. Neste artigo, o autor argumenta que a imagem do bárbaro no IV século servia "mais para sublinhar o que era bom e importante em ser romano" (HEATHER, 1999, p. 236). A figura do bárbaro era definida pela sua incapacidade de controlar as paixões carnis através do exercício do pensamento, ou seja, sua irracionalidade segundo padrões estoicos. Muito mais do que um grupo definido de homens e mulheres, os bárbaros eram aqueles que não conheciam ou ignoravam a literatura clássica, as leis romanas escritas que garantiam ordem à sociedade e a ordem cristã do *cosmos*.

Poderíamos nos deparar, por exemplo, com a noção de *humanitas* que discriminaria o comportamento romano da *ferocitas* selvagem dos bárbaros, mas o termo não aparece nenhuma vez na *Epitoma rei militaris*, o que mais uma vez nos indica que seu autor não pensava a construção da identidade militar romana em contraposição ao elemento bárbaro. Pensamos que não havia um núcleo étnico primordial entre os romanos, que os diferenciassem de outros povos, mas como já dito, eram conceitos como *romanitas* que definiam os romanos. Como expõe Peter Heather:

[...] era através da educação - ficcionalmente pelo menos -, possível para todos, que muitos provinciais tinham se graduado do barbarismo para a *romanitas* no IV século e qualquer indivíduo bárbaro poderia, através da virtude, ascender acima do estado geral da sociedade que o produziu (HEATHER, 1999, p. 241).

Eram as qualidades que transformavam um sujeito qualquer em romano. Ao voltarmos nossos olhos para a *Epitoma rei militaris*, as qualidades fundamentais para se formar bons soldados eram a *honestas* e a *uerecundia*: "Com efeito, a *honestas* gera um soldado excelente, e a *uerecundia*, na medida em que o proíbe de fugir, faz dele um

⁸⁰ "[Iuuentus enim, cui defensio prouinciarum, cui bellorum est committenda fortuna, et genere, si copia suppetat, et moribus debet excellere]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VII).

vencedor⁸¹" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VII). Segundo o *Oxford Latin Dictionary*, a primeira denotava não só a honra mas também a retidão moral, a integridade e a decência, enquanto a segunda denotava uma atitude de limitação, modéstia ou um senso de vergonha ante o que é grosseiro ou indecente.

A possibilidade de adquirir as qualidades romanas era encerrada com o início do treinamento. Após o recrutamento e o início do treinamento, o processo se tornava finalmente excludente. Temos então uma bifurcação nas identidades militares apresentadas por Vegécio: na fase do recrutamento temos uma tentativa de conseguir um maior número possível de jovens para iniciarem o treinamento: na fase do treinamento percebemos que existe uma tentativa de selecionar ao máximo o número de soldados dentro dos quadros dos exércitos romanos. Isto é perceptível na *Epitoma rei militaris* quando seu autor fala de quais soldados devem receber as picadas distintivas⁸²:

O recruta escolhido não deve ser imediatamente marcado com as picadas distintivas, mas deve ser testado primeiro no treino militar, para que possa perceber se, na verdade, está apto para tamanha função. Parece que devem ser requeridas nele não só a velocidade, mas também a robustez e, ainda, se vale a pena aprender a arte das armas, se ele tem confiança para ser militar. Com efeito, embora pelo seu aspecto a maior parte pareça suscetível de ser aprovada, a experiência do treino revela-a contudo como inadequada. Portanto, devem ser rejeitados os menos úteis e devem ser escolhidos para o lugar deles os mais capazes. Na verdade, em todo o tipo de conflitos, não aproveita tanto a quantidade quanto a *uirtus*⁸³ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

O que temos é a exigência de que certas habilidades sejam assimiladas no treinamento, tais como a velocidade, a robustez, a confiança e a *uirtus*. Essa *uirtus* dos futuros soldados deveria ser controlada pela disciplina para que a formação não se desfizesse em batalha. A disciplina era tão importante para o exército romano que foi inclusive divinizada, contando com altares nos acampamentos. Segundo Yann Le Bohec:

[disciplina] não significava somente uma obediência cega as ordens: essa atitude se dava mais como consequência. De fato, em *disciplina*

⁸¹ "[Honestas enim idoneum militem reddit, uerecundia, dum prohibet fugere, facit esse uictorem]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VII).

⁸² Aplicação de uma tatuagem no recruta que simbolizava seu pertencimento ao exército.

⁸³ "[Sed non statim punctis signorum scribendus est tiro dilectus, uerum ante exercitio pertemptandus, ut, utrum uere tanto operi aptus sit, possit agnosci. Et uelocitas in illo requiranda uidetur et robur, et utrum armorum disciplinam ediscere ualeat, utrum habeat confidentiam militarem. Plerique enim, quamuis non improbabilis uideantur in specie, tamen experimentis conprobantur indigni. Repudiandi ergo minus utiles et in locum eorum strenuissimi subrogandi sunt. In omni enim conflictu non tam prodest multitudo quam uirtus]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

se encontra a raiz *disc-o*, *-ere*; e esse verbo significa "aprender": no tema militar é necessário se formar, "aprender" todos os mistérios. Executar uma ordem, inclusive aquelas que pareçam absurdas, respeitar os superiores, tudo isso forma parte dos imperativos da profissão, tudo isso se ensina da mesma maneira que a manutenção das armas ou a construção de uma palhçada; o soldado que sabe o que deve saber porque o havia repetido mil vezes no campo de manobras tem confiança em si mesmo e em seus chefes (LE BOHEC, 2008, p. 144).

O ganho e a manutenção da disciplina se dava com variados exercícios: marcha, corrida, salto, nado e *armatura* são alguns exemplos tratados pelo autor. Além dos treinos, outro importante elemento de manutenção da disciplina se dava com as punições:

Além disso, a disciplina do treino militar foi conservada entre os nossos antepassados tão severamente que não só os mestres de armas eram remunerados com o dobro da anona, como também os soldados que tinham progredido pouco nesta aprendizagem eram obrigados a aceitar cevada em vez de trigo, e nem a anona lhes era restabelecida em trigo antes que tivessem mostrado, na presença do prefeito da legião, dos tribunos ou dos oficiais superiores, por meio de provas concretas, que eles preenchiam todos os requisitos exigidos pela arte militar⁸⁴ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XIII).

Todo esse edifício de ideias foi construído para que não houvesse a menor possibilidade que a incúria e a preguiça se instalassem no exército e também para criar uma padronização desses exércitos. Ao tratar dos tipos de armas que os antigos usavam e que deveriam ser retomadas, como o próprio Vegécio afirma: "instaladas a incúria e a preguiça, o exercício em campo acabou, aquelas armas que os soldados raramente utilizavam começaram a parecer um fardo⁸⁵" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX). As qualidades romanas são ensinadas e, sempre, reafirmadas para que não se corra o risco de sofrer o que os romanos do passado sofreram.

O treino é o divisor de águas entre a aceitação de diversos jovens nos exércitos e a exclusão via treinamento. Tal percepção de uma flexibilidade no recrutamento e um fechamento no que tange ao treinamento nos permite pensar que havia um cenário de negociação, entre a aceitação de Vegécio pela assimilação de diversos grupos no corpo dos exércitos e a exigência do mesmo na manutenção dos

⁸⁴ "[Ita autem seuere apud maiores exercitii disciplina seruata est, ut et doctores armorum duplis remunerarentur annonis et milites, qui parum in illa prolusione profecerant, pro frumento hordeum cogerentur accipere, nec ante eis in tritico redderetur annona, quam sub praesentia praefecti legionis, tribunorum uel principiorum experimentis datis ostendissent se omnia, quae erant in militari arte, conplere]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XIII).

⁸⁵ "[Sed cum campestris exercitatio interueniente neglegentia desidiaque cessaret, grauia uideri arma coeperunt quae raro milites induebant]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX).

mores no treinamento. Reafirmamos, então, o caráter inclusivo das identidades romanas construídas na obra. Tal particularidade identitária é que nos possibilita afirmar a singularidade da concepção de exército de Vegécio e nos ajuda a refletir sobre a importância de sua obra no cenário do final do século IV. Mas antes de nos adentrarmos na análise das identidades romanas militares defendidas por Vegécio (o que convencionamos chamar de "modo romano de lutar" segundo Vegécio), é preciso nos concentrar no contexto político-militar do final do século IV e na própria concepção de guerra encontrada na *Epitoma rei militaris*, típica daquele contexto histórico.

CAPÍTULO 2

SOA O *CLASSICUM*⁸⁶: OS EXÉRCITOS ROMANOS NO SÉCULO IV

No presente capítulo, preocupamo-nos com a contextualização das questões militares relevantes para nossa análise no período histórico estudado. Para tal, apresentamos, em primeiro lugar, o que chamamos de cenário político-militar romano na segunda metade do século IV, tendo como marcos os anos de 375 (ano de ascensão de Graciano) e 395 (ano da morte de Teodósio I) para que o leitor possa entender como esse período é singular. Em seguida, empreendemos um estudo para mostrar como o exército romano, que Teodósio I tinha em mãos, havia se transformado estruturalmente com o decorrer dos anos. Para encerrar esta parte de nosso trabalho, fazemos um estudo acerca da concepção de guerra encontrada na *Epitoma rei militaris*, que nos ajuda a entender como os romanos percebiam o fenômeno bélico.

2.1. O cenário político-militar romano na segunda metade do IV século: de Graciano até Teodósio I

A segunda metade do século IV representou um momento de grande inflexão do ponto de vista militar dentro do Império Romano. Embora os exércitos romanos fossem vitoriosos em grande parte de suas empreitadas - principalmente quando se trata de lutas em pequena escala -, esse período foi marcado pela dolorosa derrota romana na Batalha de Adrianópolis e seus desdobramentos durante o governo de Teodósio I.

Nosso método de escolha de nosso primeiro marco temporal fica evidente ao relermos a *Epitoma rei militaris*: "Na verdade, desde a fundação de Roma até à época do *diuus* Graciano, o exército de infantaria era protegido não só por catafractas mas também por capacetes⁸⁷" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX). Para Vegécio, o momento de ascensão de Graciano foi fundamental porque marcou o momento em que os godos por diversas vezes venceram os romanos. O ano de 395 foi o outro

⁸⁶ O som do *classicum* é produzido pelos *bucinatores*. Como relata João Gouveia Monteiro: "o *classicum* correspondia ao som lançado no ar pelos instrumentos de metal, sinalizando o agrupamento das tropas e o apelo ao combate" (MONTEIRO, 2009, p. 435).

⁸⁷ "[*Ab urbe enim condita usque ad tempus diui Gratiani et catafractis et galeis muniebatur pedestris exercitus*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XX).

marcador temporal porque define o ano de falecimento do Imperador a quem Vegécio endereçou sua obra.

No ano de 375, Valentiano e Valente dividiam o controle do Império. Contudo, o primeiro sofreu um ataque de nervos após receber uma delegação dos Quados. Zósimo nos relata os acontecimentos que levaram à morte daquele personagem: "[...] os quados enviaram embaixadores portando missivas insolentes ante as quais Valentiano se enfureceu; transportado pelo excesso de cólera a um estado próxima a demência, ao lhe pela boca um fluxo de sangue que lhe oprimiu os canais de voz [...]" (ZÓSIMO. *História Nova*. IV, 18). Em seu lugar, assumiu seu filho mais velho Graciano, que alguns anos antes tinha sido proclamado *Augusto*. O irmão mais novo, Valentiano II, que à época tinha apenas quatro anos, foi imediatamente proclamado *Augusto*. Pouco tempo depois, o Império estava dividido em três:

Valente continuou a controlar as províncias orientais, enquanto Valentiano II ficou responsável pela Itália e Norte da África. Ilíria pertencia também ao seu território, mas na prática esta região e as restantes regiões ocidentais eram controladas por Graciano" (GOLDSWORTHY, 2010, p. 314).

Foi nesse período que os problemas nas fronteiras danubianas do Império Romano se acirraram. Amiano Marcelino relata como se deu a chegada dos Godos nas margens do Danúbio em 376. Tudo começou com a movimentação dos Hunos⁸⁸, povos que eram caracterizados por Amiano da seguinte forma:

Embora tenham a forma de homens, muito feios todavia, eles são tão *asperí* em seu modo de vida que eles não têm necessidade de fogo ou comida saborosa, mas comem as raízes de plantas selvagens e carne meio crua de qualquer tipo de animal que eles colocam entre suas coxas e as costas de seus cavalos, o que aquece a carne. [...] eles não estão adaptados para batalhas a pé, mas estão sempre sobre seus cavalos, que são intrépidos, mas horríveis (AMIANO MARCELINO. *História*. XXXI, 2, 4-6).

O que podemos extrair desse discurso além da visão do exotismo dada por Amiano é a preferência hunica pela cavalaria. Peter Heather relata que a cavalaria desse povo era composta basicamente por cavaleiros com arcos, capazes de combater a uma distância segura dos inimigos e que ao romper a formação do adversário conseguiam usar o sabre de forma segura (HEATHER, 2006, p. 207). A diferença tecnológica fundamental desse povo residia no seu arco assimétrico de 130 centímetros que tinha uma potência maior que seu equivalente simétrico de 80 centímetros dos Escitas. Sabe-

⁸⁸ Zósimo chama os Hunos de Escitas reais em referência aos habitantes do outro lado do Danúbio citados por Heródoto (ZÓSIMO. *História Nova*. IV, 20).

se que o arco assimétrico huno poderia atravessar uma couraça sármata sem impedir o arqueiro de ficar a uma distância segura do alvo.

Esses povos surgidos das estepes do Oriente distante começaram a atacar os Alanos, povos descritos por Amiano como "similares aos hunos em alguns aspectos, mas menos selvagens em suas maneiras e hábitos de vida" (AMIANO MARCELINO. *História*. XXXI, 2, 21). Os Hunos forçaram os Alanos a se juntarem a eles de duas formas: pela força das armas ou por alianças. Os Hunos reforçados por forças alanas começaram a saquear o território em que os Godos viviam. Estes eram em sua maioria pastores e criadores de gado, camponeses e que também montavam muito bem.

Em 376, os Tervíngios⁸⁹ pediram para entrar nas terras imperiais em troca do fornecimento de auxiliares para a força militar romana. A resposta de Valente não foi imediata e enquanto esperavam a resposta, os Tervíngios eram mantidos em inércia devido ao prestígio de figuras como Alavivo e Fritigerno. Depois de alguns meses, em meio a grandes chuvas que faziam o nível de água aumentar, Valente consentiu com a entrada dos Tervíngios no território imperial. Fazia-se necessário que os Godos entregassem suas armas, mas devido ao fato dos oficiais se descuidarem "a maioria passou inadvertidamente com suas armas" (ZÓSIMO. *História Nova*. IV, 20, 4).

Para que balsas e pontes fossem construídas, as embarcações dos pescadores foram confiscadas. A ponte de pedra construída durante o governo de Constantino já havia ruído. A travessia durou vários dias e como é de praxe em operações de transporte de pessoas em grandes proporções, e aconteceram vários imprevistos que levaram as pessoas a atravessarem o rio a nado ou a se afogarem. Alessandro Barbero nos fala que Eunápio relata que vários grupos de Godos que não esperaram a autorização imperial foram dizimados pelas patrulhas romanas (BARBERO, 2010, p. 64).

Os fugitivos que chegavam à margem romana do Danúbio se amontoavam em acampamentos. Segundo as instruções de Valente, era preciso "transferi-los para regiões pouco populosas e distribuir para eles terras aptas ao cultivo, de modo que

⁸⁹ Segundo Peter Heather: "Entre os refugiados havia sem dúvida um grande número de indivíduos e de pequenos grupos familiares, mas a imensa maioria estava composta por godos distribuídos em duas massas compactas encabeçadas por seus correspondentes e dirigentes políticos bem definidos. Segundo minha estimativa mais exata, cada uma delas estava integrada por uns dez mil guerreiros. Um grupo, o dos greutungos, havia percorrido uma distância considerável desde as terras que se encontram ao leste do rio Dniéster, na atual Ucrânia, situadas a centenas de quilômetros do Danúbio. No outro grupo viajavam a maioria dos tervíngios de Atanarico, conduzidos agora por Alavivo e Fritigerno, que tinham se desligado do controle de seu antigo líder para viajar até o rio" (HEATHER, 2006, p. 194). Essa divisão em dois grandes grupos não é definitiva, pois sabe-se que entre os Tervíngios que pediram abrigo no Império existiam outros grupos de Godos.

pudessem se manter sozinhos" (BARBERO, 2010, p. 65). Todavia, isso demandava tempo e a ordem imperial era alimentar essas populações até que o poder central conseguisse encontrar um local apropriado para as famílias tervíngias. Existia também o fator da corrupção dos oficiais romanos, o que atrapalhava os planos imperiais. Sabe-se, por exemplo, que muitos generais romanos trocavam comida por escravos e que em alguns casos crianças eram utilizadas como moeda na compra de alimentos.

A transferência dos Godos só começou na primavera de 377, quando Lupicínio⁹⁰ e seus subordinados organizaram o deslocamento das famílias. O grupo dos Greutungos, liderados por Alateo e Safraco, "quando viram que nossos soldados [romanos] estavam ocupados em outro lugar e que os barcos que geralmente subiam e desciam o rio, vigiando a passagem, estavam inativos, passaram sobre o curso de água" (AMIANO MARCELINO. *História*. XXXI, 5,3). Os Greutungos se aproveitaram da insuficiência de contingente romano capaz de vigiar as margens do rio e de ajudar a transportar as famílias para cruzar o Danúbio para o atravessarem. O acampamento deles foi montado a uma distância considerável do de Fritigerno.

A primeira grande cidade encontrada pelo comboio liderado por Lupicínio foi Marcianópolis⁹¹. Contudo, não existia ali nenhuma estrutura preparada para receber aquelas milhares de vidas e a população local se recusou a receber os Godos devido ao medo daquela multidão. Foi nesse momento que os confrontos começaram e os romanos sofreram suas primeiras derrotas, já que o número de inimigos era bem superior. Do outro lado das muralhas, Lupicínio havia convidado Alavivo e Fritigerno para um jantar. Os acontecimentos que cercaram o festim são relatados por Amiano Marcelino:

Quando Lupicínio soube através de uma mensagem secreta o que tinha acontecido enquanto estava inclinado sobre uma pródiga mesa entre entretenimentos musicais, meio sonolento meio bêbado adivinhando como o êxito se daria, ele mandou matar todos os assistentes dos dois líderes, [...]. Quando o povo que estava ao redor das muralhas soube dessas notícias, com muita indignação, eles se uniram gradualmente para vingar seus chefes, que estavam detidos com o uso de força; proferiram muitas ameaças selvagens. Temendo ser tomado como refém, Fritigerno clamou que os godos lutariam e muitas vidas seriam perdidas, a menos que ele e seus companheiros fossem liberados para acalmar o povo, que ao pensar que seus líderes tinham sido mortos em um jantar pretensamente amigável, explodiam em agitação (AMIANO MARCELINO. *História*. XXXI, 5, 8).

⁹⁰ *Magister militum per Orientem*, ou seja, *Magister Militum* responsável pela parte Oriental do Império.

⁹¹ Atual Devnja, na Bulgária.

Diante de tal quadro, Lupicínio resolveu liberar Fritigerno, mas o desagrado deste diante de tal desrespeito somente serviu para incitar os Godos ao combate. Após uma reunião, os chefes bárbaros decidiram declarar guerra aos romanos. Os Tervíngios marcharam para a província da Cítia e todos os outros Godos, que atravessaram o Danúbio em 376, se juntaram a Fritigerno. Lupicínio conseguiu reunir grande parte das tropas possíveis na província da Trácia (*limitanei* em sua maior parte) e começou a perseguir os inimigos.

A primeira batalha entre os Godos liderados por Fritigerno e os Romanos liderados por Lupicínio aconteceu a aproximadamente quatorze quilômetros de Marcianópolis. Amiano Marcelino novamente narra os desdobramentos de tal embate:

Contra eles [godos], Lupicínio reuniu todos os soldados em uma velocidade desordenada e, avançando com mais pressa do que discrição, parou a nove milhas da cidade, pronto para iniciar a batalha. Ao ver esse cenário os bárbaros se apressaram de forma imprudente sobre as multidões de nossos homens, empurrando seus escudos nos corpos dos oponentes e atravessando com lanças e espadas aqueles que se opunham a eles. No meio da louca e sangrenta batalha, os tribunos de grande parte do exército pereceram com a perda dos estandartes, exceto pelo mal-agourado líder que tentou somente se salvar pela fuga, enquanto os outros estavam lutando[...]. Depois disso o inimigo colocou as armaduras romanas e se ordenou, devastando diversos locais sem oposição (AMIANO MARCELINO. *História*. XXXI, 5, 9).

A descrição de Marcelino nos dá ideia da vitória acachapante dos Godos sobre os Romanos. Aos oficiais romanos surgia uma grande dúvida a respeito dos oficiais godos a serviço do Império: eles permaneceriam fiéis ao Império? Suerido e Colias, dois comandantes de tropas a serviço de Valente, estavam dispostos a seguir as ordens do Imperador que os mandou de Adrianópolis para a Mesopotâmia. Apesar disso, os magistrados da cidade se recusaram a oferecer os recursos necessários para a viagem do grupo e teve início uma nova fase de combate com o assassinato de civis pelas ruas de Adrianópolis. Depois do combate, os homens de Suerido e Colias "recolheram as armas dos mortos, saíram da cidade e decidiram alcançar os rebeldes de Fritigerno" (BARBERO, 2010, p. 81).

Após a chegada do novo grupo, houve uma tentativa de invasão de Adrianópolis que não logrou êxito, principalmente devido à ausência de táticas de cerco entre os Godos. Como narra Amiano: "ele [Fritigerno] lembrou a eles [seus homens] que ele manteve a paz com as muralhas e que eles deveriam atacar e devastar as partes ricas e prósperas da província, que estavam sem protetores e que poderiam ser pilhadas

[...]" (AMIANO MARCELINO. *História*. XXXI, 6, 4). Teve início a fase de pilhagem da província da Trácia pelos Godos e do aumento de número dos bandos, já que uma parte considerável de habitantes daquela província não se sentia fiel a um governo que os deixou à mercê de "bárbaros".

Valente, ao saber do quadro na Trácia, enviou Victor (*magister equitum*) para a Pérsia para tentar restabelecer a paz. As tropas que estavam sendo reunidas na Mesopotâmia foram transferidas diretamente para a Trácia sob ordens de Trajano e Profuturo (AMIANO MARCELINO. *História*. XXXI, 7, 1). Para Amiano Marcelino esses dois comandantes não tinham as qualidades necessárias para enfrentar os inimigos godos e, ao invés de dividirem as tropas em pequenos grupos, preferiram se dirigir de uma vez para onde estavam acampados os inimigos. Fritigerno reuniu todos os bandos em um imenso comboio e seguiu para as regiões montanhosas da Trácia, onde parecia disponível a aceitar o chamado romano para o combate. As tropas imperiais não avançaram e os Godos continuaram a avançar rumo ao delta do Danúbio.

Durante o trajeto, os Godos acamparam em uma localidade que se chamava *ad Salices*⁹² (Campo dos Salgueiros). Do lado romano, Ricomere⁹³, general que liderava as tropas ocidentais, chegou para reforçar o efetivo romano. Trajano, Profuturo e Ricomere se reuniram e decidiram que deviam atacar a retaguarda inimiga assim que os Godos levantassem acampamento. A batalha durou quase até o entardecer e as perdas foram enormes tanto para os Godos, que recuavam para seu círculo de carroças, quanto para os Romanos, que voltaram para o acampamento. Apesar da parcial indefinição do vencedor, os Romanos começaram a temer os bárbaros que lutavam de igual para igual com eles, mesmo com a ajuda ocidental.

No começo de 378, os Godos estavam confinados à Trácia depois que o *dux*⁹⁴ Frigerido havia fortificado a linha entre a Trácia e os Balcãs ocidentais. Graciano caminhava para ajudar seu tio e Valente já havia chegado em Constantinopla. Após reorganizar os comandos das forças militares, Valente deixou Constantinopla rumo a Adrianópolis, cidade para onde os Godos avançavam e onde Sebastiano (substituto de Trajano) reunia várias tropas.

⁹² Situada em Dobruja, na atual Romênia.

⁹³ *Comes domesticorum*, ou seja, oficial que comandava os *protectores*, a guarda pessoal do Imperador a partir do século IV.

⁹⁴ O *dux* era um oficial de grande importância no exército romano durante a Antiguidade Tardia, pois ele estava à frente da guarnição de *limitanei* (GOLDSWORTHY, 2007, p. 545).

Em agosto daquele ano, Valente já tinha feito uma avaliação das forças do inimigo e havia decidido atacar o grupo de Godos liderados por Fritigerno. Graciano não se juntou ao seu tio a tempo porque ficou envolvido em uma pequena campanha contra os Alamanos. Valente consultou seus principais oficiais e ficou decidido que os Godos seriam atacados no dia 9 de agosto de 378.

Os romanos partiram para a planície, onde Fritigerno e seu bando se encontravam. Michael Kulikowski nos dá ideia de como os dois exércitos estavam organizados para a batalha:

formando uma linha em uma pequena elevação à frente de seu círculo de carroças, os guerreiros góticos estavam descansados e prontos para a batalha. Valente começou a dispor suas tropas em linha, com as unidades de cavalaria em cada flanco, e a infantaria agrupada no centro (KULIKOWSKI, 2008, p. 167).

Durante o processo de organização das forças militares, Valente enviou oficiais para negociarem a paz com Fritigerno. Durante o período de negociação, algo não saiu como o planejado. Ao que tudo indica, duas unidades dos *scholae palatine*, os *scutarii* de Cássio e os *sagittarii* de Bacúrio, avançaram sobre o inimigo. Esse movimento deixou as tropas romanas desorganizadas e a situação ficou ainda pior quando os seguidores de Alateo e Safraco se juntaram aos Godos.

Com a destruição do flanco esquerdo, as linhas romanas se comprimiram e os soldados ficaram em uma situação em que mal podiam desembainhar suas armas. Quase no entardecer, a infantaria romana se partiu e teve início o processo de fuga. Valente foi obrigado a se proteger com os *mattuari* e alguns oficiais intentaram usar as forças da reserva para recolocar os Romanos no combate, contudo, ao perceberem a gravidade da situação, fugiram. O destino de Valente naquele dia é duvidoso. Se para alguns ele morreu entre os soldados comuns após ser atingido por uma flecha, para outros sua morte teria ocorrido em uma aldeia próxima. Zósimo assim relata:

Quando o Imperador se refugiou junto com alguns poucos homens em uma aldeia que não estava fortificada, rodearam esta por todas as partes com madeira, colocaram fogo e queimaram todos que ali tinham se refugiado (ZÓSIMO. *História Nova*. IV, 24,3).

O número de mortos envolvidos naquela batalha é incerto, embora estimativas modernas nos levem a pensar o total de baixas entre 25 e 30 mil homens no total. Uma coisa que podemos afirmar é que tal derrota foi em termos de escala a pior desde o século III. Amiano chega a comparar a derrota de Adrianópolis com a derrota de Canas em que Aníbal venceu os romanos em 216 a.C (AMIANO MARCELINO.

História. XXXI, 13, 17). Apesar das pequenas vitórias em algumas expedições, os Romanos voltavam a perder batalhas maiores, como já havia acontecido com Juliano na Pérsia.

Essa grande vitória não proporcionou aos Godos nenhuma grande melhoria de suas condições a longo prazo. Eles tentaram assaltar Adrianópolis, mas Valente já tinha se prevenido anteriormente e foi possível expulsar os invasores da cidade. Com esse fracasso, Fritigerno levou seus homens até Constantinopla para pilhar uma das quatro maiores cidades romanas com a ajuda de grupos alanos e hunos. Amiano Marcelino nos diz que a segurança da cidade foi salva devido à ferocidade da cavalaria sarracena que a protegia. Esse autor relata um caso em particular que segundo ele mudou os rumos daquela invasão:

um homem com seu longo cabelo e quase pelado (a não ser pela roupa na cintura), proferindo gritos roucos e sombrios, correu com sua adaga para o meio do exército godo e depois de matar um homem colocou seus lábios na garganta do homem e bebeu o sangue que era derramado (AMIANO MARCELINO. *História*. XXXI, 16, 6).

Diante disso, os Godos desistiram de invadir Constantinopla e embora tivessem tido certo nível de cooperação até então, os diversos grupos godos se separaram. Entre a população do Império um grande medo havia se espalhado após os desdobramentos da batalha de Adrianópolis. Durante algum tempo, Graciano foi a maior autoridade imperial, pois Valentiano II era muito jovem ainda. A fragmentação dos Godos favoreceu a ascensão de Teodósio que venceu diversos pequenos grupos destes inimigos. Em 19 de janeiro de 379, Teodósio⁹⁵ (um militar natural da Galícia) que ocupava até então o cargo de *magister equitum*⁹⁶ foi escolhido para se tornar *Augusto* e ocupar o cargo que antes pertencia a Valente.

Uma das primeiras tarefas de Teodósio como Imperador foi a reorganização e a reconstrução dos exércitos. Imaginamos que foi neste cenário que a *Epitoma rei militaris* foi escrita, um mundo em que as forças militares romanas estavam destroçadas

⁹⁵ Teodósio era filho de Teodósio, o Velho, homem que tinha tido uma carreira militar proeminente na Britânia e na África durante o governo de Valentiano. Porém, no ano de 375, a figura de Teodósio tinha ficado muito perigosa para o Imperador que o investigou e depois o afastou das fileiras. Após a morte de Valentiano, seus filhos mandaram executar Teodósio em Cartago no final de 375. Depois de sua morte, seu filho voltou para a Hispânia.

⁹⁶ A partir do século IV, o cargo de *Magister Militum* se tornou o cargo militar mais importante do Império, com poderes menores apenas que os do Imperador. Existiram diversas variações deste título como o grau de *Magister Equitum* e o *Magister Peditum*. Além dessas variações havia também a variação de localidade de atuação, como é o caso de Lupicínio, *Magister militum per Orientem* (GOLDSWORTHY, 2007, p. 544).

moralmente e que a necessidade de reorganização bélica era fundamental. Zósimo nos dá uma ideia de como Teodósio modificou as fileiras (apesar de sabermos que Zósimo era um opositor do novo Imperador):

O Imperador Teodósio ao ver o forte descenso experimentado pelos contingentes militares, permitiu que viessem grandes quantidades de bárbaros transdanubianos, prometendo que inscreveria os refugiados nas unidades do exército. Estes aceitaram a proposta, se juntaram a ele e se mesclaram com os soldados [...]. Quando o Imperador viu que a massa dos refugiados sobrepujava a das tropas daquela zona, ao perceber que ninguém os deteria no caso deles se comportarem de maneira diferente à convencional, estimou preferível misturar parte deles nos efetivos que serviam no Egito e trazer parte das forças que constituíam os contingentes dali onde ele estava (ZÓSIMO. *História Nova*. IV, 30, 1-2).

Essa tentativa de reformulação por parte de Teodósio pode ser vista em outras diversas fontes, como nas leis do *Código Teodosiano* que tinham em seu texto várias normas contra fugas ao recrutamento, a deserção e auto-mutilação⁹⁷ (GOLDSWORTHY, 2010, p. 330). Essa maior aceitação dos "bárbaros" nas fileiras romanas é tema essencial para entendermos também a própria composição da *Epitoma rei militaris* que em nossa análise aponta aceitação e limitação da assimilação dos estrangeiros dentro dos quadros militares romanos. Apesar do período de composição da obra estar centrado mais durante a década de 390, ela é em nossa concepção uma resposta à abertura feita por Teodósio (que tinha precedentes durante todo o Império Romano). As perdas de 378 não poderiam ser compensadas pela conscrição em massa como aconteceu em Canas, já que a ameaça bárbara exigia resposta imediata. Essa aceitação por parte de Teodósio não significou, todavia, o fim dos embates militares entre Godos e Romanos. Os combates em grande escala se tornaram cada vez mais incomuns e as emboscadas e ataques de surpresa foram o tom das ações militares romanas contra os Godos até 382.

No Ocidente, um grupo comandado por Alortheu e Saphrax, ambos guardiões de Vilderico, ameaçou a Panônia. Em 380, as tropas de Graciano colidiram com este bando, que acabou sendo alocado como *foederati* na Panônia II, Sávia e Valéria. No Oriente, a multidão liderada por Fritigerno, que ameaçava a Macedônia e a

⁹⁷ Michael Grant narra um pouco da resistência dos romanos ao recrutamento ao pensar a progressiva desorganização militar: "A sua resistência assumia formas bizarras. Isto torna-se evidente pelas leis da época que revelam algumas das medidas desesperadas a que pessoas recorriam para escapar à convocatória imperial. Está registrado que muitos jovens chegavam a amputar os polegares para se tornarem incapazes. Foi decretado que, por estas ações, deviam ser queimados vivos. Mas Teodósio I estabeleceu que os prevaricadores não deviam continuar a ser sujeitos a este destino, devendo antes, e apesar da sua auto-mutilação, prestar serviço militar" (GRANT, 2009, p. 49).

Tessália, chegou a vencer Teodósio em batalha. Após algumas derrotas de ambos os lados, foi assinado um tratado de paz entre o *magister militum* Saturnino e os godos que permitia que os Greutungos e os Tervíngios se estabelecessem ao longo do Danúbio. Outra questão importante é a forma como os Godos foram incorporados: "bárbaros tinham sido admitidos no Império e no exército de Roma antes, mas eles tinham de se submeter ao comando e à disciplina romanos" (CURRAN, 1998, p. 102). Em menos de 20 anos já era a segunda vez que um inimigo romano se colocava em posição de ditar as normas de um tratado de paz (fato que como vemos no última parte deste capítulo ia diretamente de encontro à concepção romana de paz). No caso específico dos Godos, eles ficaram seis anos dentro do território romano executando constantes pilhagens.

As batalhas de maior escala não significavam um triunfo romano certo. A fracassada expedição na Pérsia, o disputado empate em *ad Salices* e a monumental derrota de Adrianópolis abalaram as estruturas militares romanas e fizeram com que Teodósio (que também sofreu reveses contra os Godos) repensasse questões como recrutamento e treinamento dos homens em armas. Sabe-se que o Império possuía ainda imensos recursos, mas o problema estava na canalização destes para os exércitos. As vitórias mais certas eram aquelas em excursões menores geralmente punitivas como as de Juliano no Reno, as de Valentiano contra os Quados e as de Valente e posteriormente Teodósio contra os Godos.

Mais problemas se acumularam sobre os ombros de Teodósio após os tratados com os "bárbaros". Em 383, Máximo⁹⁸ foi proclamado Imperador na Britânia e entrou na Gália que se manteve fiel a Graciano. Após uma escaramuça em *Lugdunum*, Graciano foi capturado e executado pelo usurpador junto com seus oficiais mais importantes. Após a morte de Graciano, Máximo convidou Valentiano II para se juntar a ele para que pudessem governar como uma família e mandou uma embaixada até Teodósio exigindo reconhecimento, que lhe foi dado em 384.

A situação política sofreu grandes mudanças em 387 quando Máximo atacou a Itália e tomou os territórios de Valentiano II que havia fugido para Tessalônica, cidade controlada por Teodósio. Este último tinha estabelecido laços fortes com a família de Valentiano II após se casar com sua irmã Gala e enviou uma expedição contra o usurpador em 388. Como nos relata Zósimo:

⁹⁸ *Comes Britanniarum*, ou seja, oficiais do exército romano tardio encarregados, neste caso, de regiões específicas. Segundo Goldsworthy, "*comes* significa literalmente 'companheiro' do Imperador e o título era também usado para uma série de postos" (GOLDSWORTHY, 2010, p. 544).

Uma parte do exército se lançou sobre os muros de Aquileia com grande impulso e forçou a entrada pelas portas (já que a guarnição por ser escassa não pôde oferecer resistência); foi derrubado do poder quando tinha começado a repartir dinheiro entre os soldados e teve as insígnias imperais tomadas, então Máximo foi conduzido até Teodósio. Este, depois de expor de forma a reprovar alguns dos crimes contra o Estado que Máximo havia perpetrado, o entregou ao carrasco para que a pena capital fosse aplicada (ZÓSIMO. *Nova História*. IV, 46, 2-3).

Depois da morte de Máximo, Teodósio restituiu Valentiano II ao poder. Arcádio (filho de Teodósio) havia sido elevado a *Augusto* alguns anos antes, mas o poder político e militar se concentrava nas mãos de seu pai. Após a morte de Justina (mãe de Valentiano II), Teodósio nomeou vários oficiais para ajudarem Valentiano II a governar a parte ocidental do Império. Arbogasto, que havia sido responsável por matar o filho de Máximo, se tornou o oficial mais proeminente e influente após assumir o cargo de *magister militum* sem o consentimento do Imperador do Ocidente. Descontente, Valentiano II o expulsou, no entanto Arbogasto declarou que "ele não o tinha escolhido para este comando, e não poderia privá-lo deste" (CURRAN, 1998, p. 109). Em maio de 392, Valentiano II foi encontrado morto no seu quarto e Arbogasto (que era franco de nascimento) nomeou *Augusto* Flávio Eugênio.

No início do ano seguinte, Teodósio nomeou seu filho mais novo Honório *Augusto*, em uma demonstração clara de que não aceitaria tal afronta de Arbogasto. Arcádio ficou tomando conta da parte oriental do Império, enquanto Teodósio escolheu Timásio e Estilício como generais e partiu para o Ocidente levando consigo Honório. As tensões militares foram acirradas nas margens do Rio Frígido, local que deu nome à batalha em que os exércitos de Teodósio venceram as forças de Eugênio e Arbogasto. Após a morte dos dois usurpadores, Honório foi designado por seu pai para tomar conta da parte Ocidental do Império sob a tutela de Estilício, que era *magister utriusque militiae*.

Poucos meses depois os problemas de saúde de Teodósio pioraram e o Imperador morreu. Novamente as grandes proezas militares de um Imperador romano se deram quando enfrentou outros romanos. A transmissão do poder é relatada por Zósimo: "O Império passou para as mãos de Arcádio e Honório; nominalmente era como se esses tivessem o poder, mas a direção do Império era exercida no Oriente por Rufino, enquanto no Ocidente se desdobravam as decisões de Estilício" (ZÓSIMO. *História Nova*. V, 1, 1). Teodósio deixou dois filhos muito jovens (Arcádio tinha 16

anos e Honório dez anos) e talvez por isso os oficiais ganharam tanta importância. Estilício, um oficial metade romano metade germano, se tornaria uma das figuras mais proeminentes dos próximos anos, assim como Alarico, um antigo aliado dos romanos, que acabaria por se voltar contra o Império. Nosso recorte é findado com a morte de Teodósio I, Imperador a quem Vegécio endereçou sua obra. Finalizado esse momento é importante entender como funcionava estruturalmente o exército romano durante a segunda metade do século IV.

2.2. O aparelho militar romano no final do IV século: uma máquina em mudança

Os exércitos romanos não formavam um instrumento uniforme ao longo do tempo. Muito pelo contrário, as estruturas militares imperiais sofreram pesadas transformações durante os vários séculos de sua existência. Sendo assim, os exércitos de Augusto não eram comparáveis aos de Marco Aurélio e os deste não eram iguais aos de Teodósio I. Durante este momento da dissertação nos ocupamos exatamente desta historicização do exército romano do final do IV século. Nossa grande preocupação é mostrar como estas hostes eram singulares e o que elas tinham de comum com suas antecessoras para podermos nos concentrar na análise da *Epitoma rei militaris* de Vegécio. Esse itinerário é importante porque o exército idealizado por Vegécio possui características de várias temporalidades, já que seu manual militar foi construído a partir da leitura de trabalhos escritos durante a República e Principado.

A legião romana nunca teve um tamanho uniforme e o número de 6100 soldados de infantaria e 730 cavaleiros fornecidos por Vegécio não era a própria tendência do final do século IV (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, VI). Para entendermos as apropriações feitas por Vegécio é necessário que recuemos até o século II a.C. Neste período, Políbio escreveu sobre a Segunda Guerra Púnica, momento em que as linhas de batalha eram preenchidas por soldados-cidadãos. Nenhum homem era obrigado a servir por mais de dezesseis anos e era o censo que decidia quem eram os homens capazes de lutar nas guerras. De forma geral, uma legião era formada por 4.200 infantes e 300 homens a cavalo.

Como nos mostra Adrian Goldsworthy, em *O Exército Romano*, a cavalaria (*equites*) era formada por dez tropas (*turmae*) de 30 cavaleiros comandadas por trinta decuriões (cada tropa tinha três decuriões). Políbio relata que os *equites* utilizavam

equipamento de estilo helenístico (*Histórias*. VI, XXV). Provavelmente "lutavam em formação cerrada, eram armados com uma lança e uma espada e protegidos com elmo, couraça e escudo circular" (GOLDSWORTHY, 2007, p. 27). O princípio censitário também regia a organização da legião junto com o fator idade. Os *uelites*, ou seja, a infantaria ligeira, eram recrutados entre os que tinham uma renda anual mais baixa e entre os homens mais jovens que não poderiam lutar na primeira linha de batalha. O equipamento dos *uelites* era formado por um feixe de dardos, uma espada e um escudo curvo. Se supõe que eles utilizavam capacetes, capuzes de peles de animais e seu número beirava os 1.200 homens em cada legião. Como nos mostra Políbio:

Quando os recrutas chegam ao lugar designado para a reunião, os tribunos militares escolhem dentre eles os mais jovens e pobres e os destinam aos *uelites*, as tropas com armamento leve; aqueles que os seguem em idade e posses formam os *hastati*, enquanto os homens em pleno vigor da força são colocados entre os *principes* e os mais velhos constituem os *triarii*. [...] Os soldados mais jovens ou *uelites* são encarregados de carregarem uma espada, dardos e um escudo (*parma*). [...] Os próximos em idade, chamados *hastati*, são obrigados a vestirem uma panóplia completa. [...] Os *principes* e os *triarii* são armados da mesma forma, exceto que ao invés da *pila*, os *triarii* carregam lanças longas (*hastae*) (POLÍBIO. *Histórias*. VI, XXI-XXIII).

A infantaria pesada formava o núcleo do exército polibiano, ou seja, homens lutando próximos uns dos outros em formação cerrada. Havia três linhas de infantes, sendo a primeira formada pelos *hastati*, composta por homens mais jovens que faziam frente ao adversário, a segunda pelos *principes*, homens entre 25 e 30 trinta anos e a última era formada pelos *triarii*, soldados mais experientes. É possível concluir que cada legião contava com 1.200 *hastati*, 1.200 *principes* e 600 *triarii*. Como mostra Goldsworthy (2007, p. 27) cada linha era dividida em 10 manípulos (unidade tática básica do exército com 120 homens) e o manípulo estava dividido em duas centúrias de 60 homens cada, comandadas por um centurião, um *optio* (espécie de segundo oficial), um *signifer* (porta-estandarte) e um *tesserarius* (oficial de guarda). Uma legião era formada por 30 manípulos.

Os armamentos desses soldados variavam de acordo com seu pertencimento às diferentes partes da máquina militar. Os *hastati* e os *princeps* usavam as *pila*, dardos feitos com uma haste de madeira de 120 centímetros, ligada a uma vara de ferro rígida de 60 centímetros, com uma ponta em forma de pirâmide. O *gladius* já havia sido adotado pelos romanos, assim como as diversas armaduras corporais e o *scutum*,

escudo da infantaria pesada semicilíndrico, que media 120 centímetros de comprimento e 76 de largura. Os *uelites* e os *equites* se utilizavam de escudos mais redondos e leves que possibilitavam uma melhor movimentação.

Na passagem do século II a.C. para o século I a.C., algumas transformações que vinham ocorrendo dentro das odes romanas levaram à criação de um exército profissional. As novas legiões se tornaram cada vez mais permanentes e acabou se desenvolvendo entre os soldados um espírito de pertencimento à sua legião. O Estado romano passou a fornecer o equipamento militar, as diferenças entre as diversas classes de soldados começaram a se esvaír e "todos os legionários eram agora infantaria pesada, armados com *pilum* e *gladius*" (GOLDSWORTHY, 2007, p. 47).

O manípulo não existia mais e em seu lugar se passou a empregar a coorte. Uma legião era formada por 10 coortes que eram compostas cada uma por 6 centúrias de 83 homens, ou seja, tínhamos 498 homens em uma coorte, enquanto encontrávamos 126 homens no manípulo. A coorte era uma unidade tática que trabalhava em conjunto, o que confluía para formar um destacamento mais coerente e mais flexível. Além disso, a coorte poderia se adaptar à situação tática exigida em campo de batalha e o comandante tinha um maior controle em campo de batalha devido ao menor número de centuriões a quem delegar ordens.

Com o início do período do Principado, o exército romano se converteu cada vez mais em uma instituição permanente e profissional. Cada legião adquiria número, nome e títulos, como é o caso da *I Adiatrix pia fidelis*, por exemplo. Com o transcorrer do tempo se criou uma individualização e um sentimento de pertencimento do soldado à sua unidade que era representada, por exemplo, pelos estandartes e símbolos nos escudos dos homens.

As diversas legiões estavam distribuídas em inúmeros cenários e havia entre as diferentes tropas uma hierarquia em que alguns corpos militares estavam subordinados a outros. Em primeiro lugar, podemos situar a guarnição de Roma, que durante o Principado era constituída por dez mil homens aproximadamente. O primeiro grupo era formado pelas coortes pretorianas⁹⁹, tropas sob ordens do Prefeito do Pretório que deveriam zelar pela segurança do soberano. Também na cidade de Roma, foram

⁹⁹ Segundo Yann Le Bohec: "as coortes pretorianas tomam o nome e sua origem do reduzido grupo de homens que acompanhavam os magistrados republicanos, conhecidos com o nome de Pretores quando estes partiam em campanha. [...] Foram criadas por Augusto, em 27 ou 26 a.C., numeradas de I a IX e receberam o escorpião como emblema; no ano de 2 a.C. se insituíram os Prefeitos do Pretório, que receberam como primeira missão prover as tropas de mando." (LE BOHEC, 2008, p. 28).

criadas as coortes urbanas (*urbaniciani*) que tinham por função principal assegurar a segurança da cidade¹⁰⁰. Outro grupo militar na cidade de Roma eram as sete coortes de vigilantes que deveriam vigiar Roma durante a noite e também servir como uma espécie de corpo de bombeiros da cidade¹⁰¹.

Depois de situarmos a guarnição de Roma é preciso que analisemos o exército de província. Além das legiões que já foram descritas por nós, havia o grupo dos auxiliares. Estes, além da função de acompanhar as legiões, podiam atuar de forma independente. Entre os próprios auxiliares havia subdivisões e "os documentos falam, de fato, de alas, de coortes e de *numeri*" (LE BOHEC, 2008, p. 36). As alas funcionavam como uma espécie de força de elite constituída pela cavalaria. As coortes eram tropas de infantaria que tinham sido compostas entre voluntários e cidadãos romanos, sendo que muitas vezes desfrutavam da mesma dignidade dos legionários. Na parte inferior da escala estão os *numeri*, que remete a duas acepções diferentes: qualquer unidade que não tenha sido citada até agora ou, em sentido mais estrito, a palavra *numerus* é aplicada a tropas que começaram a ser formadas mais maçicamente no começo do século II com Trajano¹⁰², que eram constituídas por "soldados não romanos que conservaram suas características étnicas (língua, uniforme, armamento)" (LE BOHEC, 2008, p. 38).

Esses exércitos romanos não deixaram de se transformar durante os séculos que se seguiram e a estrutura militar romana, durante o governo de Teodósio I, havia sofrido diversas mudanças. É sobre esse exército romano que nos desdobramos neste momento. Dessa forma podemos entender o exército projetado por Vegécio na *Epitoma rei militaris*.

O que podemos afirmar, em primeiro lugar, ao falarmos dos exércitos do final do IV século é que as legiões continuaram a ter papel essencial naquele momento. Brian Campbell, em um capítulo intitulado *The Army* na obra *The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire, A. D. 193-337*, afirma que elas eram ainda a espinha

¹⁰⁰ Depois foram instaladas tropas deste tipo em Lyon e Cartago.

¹⁰¹ A cidade de Roma possuía catorze distritos, o que equivale dizer que cada coorte de vigilantes seria responsável por dois distritos. Tais homens, "equipados com lanças para patrulhar de noite, com sifões, baldes e vassouras para lutar contra os incêndios; não parece que, em sua origem, foram considerados verdadeiros soldados; em qualquer caso, e como mostra Ulpiano, foram militarizados mais tarde, no início do século III" (LE BOHEC, 2008, p. 30).

¹⁰² Para Yann Le Bohec, a explicação para o surgimento desse grupo seria que: "no início do Império, os povos submetidos forneceram homens para as alas e as cortes; mas, pouco a pouco, atraídos por salários relativamente elevados, cidadãos romanos e indígenas romanizados se alistaram nessas unidades; como se tinha a intenção de utilizar os bárbaros, era preciso criar alguma coisa nova: os *numeri* são, no segundo século, o que no primeiro tinham sido as tropas auxiliares" (LE BOHEC, 2008, p. 38).

dorsal do exército romano. Para ele, "sua estrutura de comando, organização tática e métodos de lutar - baseada no uso da lança de arremesso (*pilum*) e na espada curta de perfuração - permaneceram substancialmente inalteradas" (CAMPBELL, 2008, p. 111).

Arther Ferril, na obra *A Queda do Império Romano: a explicação militar*, analisa como o aparelho militar romano se modificou com o decorrer dos anos. Ele nos fala de como, durante o século III, houve o abandono da segurança impeditiva em favor do sistema elástico de defesa. Segundo o próprio autor: "a ideia da defesa elástica é simplesmente buscar a força de ataque do inimigo e derrotá-lo logo que possível" (FERRIL, 1989, p. 33). Esse tipo de defesa parte do pressuposto de que as fronteiras não são impenetráveis e que a única saída possível para esse problema é a manutenção de fortificações poderosas ao longo das fronteiras e um exército móvel dentro do Império.

Essa mudança pode ser vista no número de soldados de infantaria pesada. Enquanto no final da República e início do Principado o número de soldados dentro de uma legião chegou a ficar entre os cinco e seis mil homens, o exército do IV século era composto por um maior número de grupos menores em que o tamanho típico de uma unidade era de 1000 ou menos homens. Essa diminuição de tamanho das legiões romanas se deu tanto no Ocidente quanto no Oriente, sendo atribuída a Constantino, que também foi responsável pela dissolução da famigerada Guarda Pretoriana, pois o exército móvel tornara aquele ramo militar uma máquina obsoleta.

A própria hierarquia militar dos oficiais não era a mesma do período do Principado. Yann Le Bohec nos mostra como funcionavam os cargos de comando durante o governo de Otávio (2008, p. 51). Logo abaixo do Imperador estava o Prefeito do Pretório e a frente dos exércitos de província estava o Governador e onde não havia legião estacionada ficava um Procurador da ordem equestre. Os Governadores, além das funções militares, deveriam cuidar da conservação dos templos e cuidar da arrecadação de impostos (função em que contavam com a ajuda dos Pretores).

A legião em si era comandada por um Legado Imperial Propretor (*tribunus prolegato*) que se subordinava ao Governador. Este oficial deveria cuidar para que as unidades marchassem de forma disciplinada. Abaixo na escala estava o Tribuno Laticlavio, que ordenava as práticas de manobras e substituíria seu superior em caso de necessidade. O cargo que se seguia era o de Prefeito de Acampamento, que como mostra Le Bohec tinha várias ocupações:

manutenção das defesas; como consequência, nas expedições era-lhe confiada a direção dos assédios; escolhe o local dos postos e se encarrega da construção; durante a marcha do exército supervisiona as bagagens e, no combate, dirige a artilharia; participa, em todos os momentos das deliberações do estado maior (LE BOHEC, 2008, p. 53).

Os próximos na hierarquia descendente eram os cinco Tribunais Angusticlavios. Estes eram responsáveis por cuidar cada um de duas coortes, ou seja, tinham a seu mando uns 1000 homens. Durante as reuniões militares ocupavam a posição de conselheiros e em períodos sem lutas presidiam os exercícios, cuidavam do aprovisionamento dos grãos, do funcionamento do hospital e chefiavam os exercícios militares. Como último oficial dessa hierarquia estava o Tribuno de seis meses (*sexmenstris*), responsável pela cavalaria legionária.

Os Senadores deixaram gradualmente de ter funções bélicas com uma "profissionalização" cada vez maior dos militares. O grande problema da Antiguidade Tardia é que os títulos militares não parecem seguir um modelo, como argumenta Adrian Goldsworthy. Como ele mesmo nos diz: "Os comandantes de unidades ostentavam um conjunto de títulos que nem sempre parecem seguir um modelo fixo" (GOLDSWORTHY, 2007, p. 202). Os cargos de Prefeito e Tribuno parecem ter abarcado uma ampla gama de responsabilidades e não mais somente a de comandar unidades.

A estrutura de comando dos exércitos romanos era diferente no Ocidente e no Oriente, como pode ser visto na *Notitia Dignitatum*. A. D. Lee relata que no Oriente existiam cinco exércitos de campo sob o comando do *magister militum*, sendo dois colocados próximos a Constantinopla e três espalhados a leste, na Trácia e em *Illyricum*. Na parte ocidental do Império, a estrutura de comando é mais centralizada ao mesmo tempo em que o número de pequenos exércitos regionais era maior. No comando geral estava o *magister peditum praesentalis* e abaixo dele estava o *magister equitum* na Gália e os *comites* em outras províncias, como África, Tingitânia, Hispânia, Britânia e *Illyricum* (LEE, 2008, p. 216).

Uma característica interessante, notada por M. Sylvain Janniard em sua Tese de Doutorado *Les transformations de l'Armée Romano-Byzantine (III - VI Siècles Apr. J.-C.): Le Paradigme de la Bataille Rangée*, é de que durante a Antiguidade Tardia o comando militar estava cada vez mais distanciado do comando civil, processo este concluído já durante o governo de Constantino. Para este autor, os corpos

expedicionários foram repartidos em duas categorias: os *ripenses*, sob autoridade dos *duces*, e os *comitatenses*, confiados a duas novas autoridades, os *magistri equitum* e *peditum*, denominados de forma genérica de *magistri militum* (JANNIARD, 2010, p. 451). Essa revisão do papel dos senadores e equestres junto às tropas começou, para Brian Campbell, com Galieno que "usou um equestre em áreas normalmente reservadas para senadores, como comandante de legião e como *dux* no controle de corpos de tropas" (CAMPBELL, 2008, p. 117). A. H. M. Jones, em *The Later Roman Empire (284-602)*, atribui essas mudanças principalmente a Constantino, o que concorda com a leitura de Sylvain Janniard:

Constantino parece ter sido o inovador que criou o exército do IV século. Ele aumentou de forma considerável a força do exército de campo móvel, particularmente ao retirar destacamentos permanentemente das forças de fronteiras e implantando *uexillationes* e unidades de um novo tipo, os *auxilia*. Para comandar este exército bem maior, os *comitatenses*, ele criou novos cargos, o de *magistri peditum* e o *magister equitum*: os Prefeitos do Pretório mantiveram somente responsabilidades administrativas, ou seja, recrutamento de soldados e provisão dos exércitos e suprimentos. Os exércitos de fronteira, *limitanei* ou *ripenses* como eram chamados em distinção dos *comitatenses*, foram reduzidos em força e perderam prestígio (JONES, 1986, p. 608).

Entre as diversas unidades *comitatenses* do exército romano estavam as legiões (que sofreram as diversas mudanças já relatadas), *alae* auxiliares e coortes. A cavalaria dos exércitos de campo formava as chamadas *uexillationes*. As *scholae* (regimentos de guarda imperial) em certos períodos auxiliavam os exércitos de campo. Entre os *limitanei* existia uma diversidade ainda maior em tipos de unidades. Como nota Adrian Goldsworthy: "havia coortes e *alae* auxiliares fora de moda, legiões, quase sempre divididas em destacamentos, assim como *uexillationes* de cavalaria e *cunei*, além de outras unidades com títulos menos específicos, como os *numeri*" (GOLDSWORTHY, 2007, p. 205).

A divisão entre *comitatenses* e *limitanei* ou *ripenses* é fundamental para que se entenda o funcionamento da máquina militar romana no IV século. Esse ganho de forças mais flexíveis é sinônimo de que os exércitos estavam cada vez menos comprometidos com batalhas em grande escala. O aumento de batalhas em menor escala não significa que os exércitos romanos abandonaram as guerras ofensivas. Peter Heather, em *Holding the Line: Frontier Defense and the Later Roman Empire* (HEATHER, 2010, p. 227), critica a tese apresentada por Edward Luttwak, durante a

década de 1970 que defendia que o Império Romano conscientemente se moveu de uma política baseada na expansão para outra apoiada na defesa em profundidade.

Outros autores apontam subdivisões dentro dessas tropas. Michael Whitby, em *The Army*, nos mostra que os *comitatenses* estavam divididos em três categorias: os comandados pelo *magister militum praesentalis* que se localizavam em Ravena e Constantinopla; os exércitos regionais, comandados pelo *magistri militum*; e um grupo comandado por um *comes* na África, Hispânia, Britânia e no oeste dos Balcãs. A hierarquia existia porque as unidades mais centrais tinham um maior prestígio apesar de não haver nenhuma indicação de distinção legal.

Uma outra mudança que se deu nesse momento foi o aparecimento de diversas unidades. Entre os *comitatenses*, podemos encontrar três tipos de regimento: esquadrões de cavalaria (*uexillationes*), que tinha um número aproximado de 500 homens recrutados entre populações não-romanas; *legiones* de 1 000 homens, recrutadas entre os habitantes do Império; e os *auxilia*, recrutados geralmente entre os germanos e que se tornaram a espinha dorsal militar. Entre as tropas de fronteiras, havia um maior número de tipos de unidades. Além das *alae*, legiões e *auxilia*, existiam unidades de cavalaria denominadas *cunei* ou *equites*. Podemos citar também a criação de um grupo chamado *scholae*¹⁰³, organizado para fazer a função da Guarda Pretoriana desmantelada por Constantino.

Ao pensar no uso feito dessas diversas unidades, Peter Heather mostra que apesar do uso da supracitada defesa elástica, os Imperadores lançavam mão de ações militares em território hostil. O principal propósito destas expedições era "forçar todos os líderes bárbaros de alto e médio nível das regiões afetadas a se submeterem formalmente à autoridade imperial" (HEATHER, 2010, p. 230). Isso significava que a autoridade militar romana deveria se certificar que do outro lado das fronteiras nenhum inimigo estivesse se transformando em uma grande ameaça militar. Existia também o perigo de que rivalidades entre diferentes líderes bárbaros transbordassem para dentro dos territórios romanos (como foi o caso gótico que culminou na Derrota de Adrianópolis). Além do uso da força, os romanos faziam uso de outros artifícios estratégicos, como a assinatura de acordos com alguns grupos bárbaros que permitissem a eles adentrar o território imperial.

¹⁰³ Segundo A. D. Lee: "Embora não formalmente parte do exército de campo - eles estavam sob a autoridade de um oficial civil, o *magister officiorum* - constituído, não obstante, por tropas de alta qualidade que, pelo mérito de estarem em qualquer lugar que o Imperador estivesse, tiveram um papel ativo em campanhas durante o século IV" (LEE, 2008, p. 214).

Esses acordos ficam evidenciados em vários momentos do IV século, como, por exemplo, nos tratados feitos por Teodósio com os Godos após a derrota de Adrianópolis, inimigos que acabaram se tornando aliados do Imperador durante as lutas contra os usurpadores nos anos seguintes. O caso dos Godos é emblemático porque nos leva a pensar em um novo tipo de tropas que foi se afirmando cada vez durante o governo de Teodósio I: os *foederati*.

A diferenciação entre tropas regulares e federados não está somente no fato de que as de segundo tipo possuem em seu corpo soldados de procedência não-romana. Isso porque desde o século I, pelo menos, existia entre os corpos militares regulares soldados de origem bárbara. Nas fontes, as tropas do primeiro tipo são tratadas como soldados, enquanto as segundas aparecem listadas como bárbaras ou com o nome tribal. Wolfgang Liebeschuetz, em *The end of the Roman army in the western empire*, nos mostra que mesmo essas tropas de federados não eram uma massa fluída de soldados de origem bárbara. Na leitura desse autor, existiam dois tipos de federados¹⁰⁴, um primeiro grupo que era formado por tribos instaladas ou simplesmente estacionadas em certas partes do Império que em troca da *annona* ajudavam o Império militarmente. O segundo grupo era formado por unidades constituídas entre grupos bárbaros para campanhas de certo período de duração (LIEBESCHUETZ, 2002, p. 266-267).

Esse mesmo autor trabalha com uma tese de fundamental importância para nossa percepção da situação militar no final do IV século. Ele estuda o começo do V século, mas muitas de suas palavras se enquadram perfeitamente em nossa visão do cenário de grandes mudanças bélicas: "no curso da primeira metade do quinto século, o exército regular, isto é, a classe das unidades listadas na *Notitia*, se tornaram sem importância se comparadas com os federados" (LIEBESCHUETZ, 2002, p. 267). Em nossa leitura, esse processo, que terá seu ápice na segunda metade do V século já havia se iniciado em 376 e após a Batalha de Adrianópolis com o projeto de reconstrução do exército implementado por Teodósio I, esse processo só foi se acentuando.

As causas dessa mudança estavam relacionadas com as dificuldades de recrutamento dentro do Império. A cidadania já não era um atrativo para o exercício

¹⁰⁴ Durante o século VI, as tropas de federados ganham outras características como o pagamento regular e o emprego permanente. Essa constante mutação da função das tropas é exemplificada também entre os *bucellarii*, tropas que durante o IV século têm por função servir de guardas do Imperador mas, no VI século, se tornam mais parecidos com soldados regulares (LEE, 2008, p. 12-13).

militar, já que depois de 212¹⁰⁵, a cidadania se tornou universal para todos os habitantes do Império, salvo os escravos. Se no II e III século, as fileiras romanas eram formadas entre os filhos de soldados e dos habitantes das províncias em que as unidades estavam estacionadas, os diversos conflitos militares no III século diminuíram de forma substancial a fonte de recrutas.

Cada vez mais bárbaros eram aceitos dentro das fronteiras romanas e estes acabavam se tornando *laeti* (assentados de propósito militar) ou *dediticii* (inimigos rendidos incapazes de receber cidadania), por exemplo. As fileiras romanas eram preenchidas progressivamente por soldados não-romanos e até naquelas tropas em que o número deles era menor, eles estavam lá. Concomitantemente a essa cada vez maior assimilação, havia também a desmilitarização crescente no Ocidente.

Wolfgang Liebeschuetz, em *Barbarians and bishops: Army, Church, and State in the Age of Arcadius and Chrysostom*, analisa como se deu o processo de abandono dos cargos militares no Ocidente: "Isto é sugerido pela questão repetida das leis, obrigando proprietários que se responsabilizaram pelo cultivo de terras abandonadas a se tornarem responsáveis pelas taxas devidas" (LIEBESCHUETZ, 1990, p. 19). Mesmo com a redução da população, teoricamente existiam braços suficientes para preencher os quadros militares. Nesse ponto emerge outro problema: "a provisão de recrutas se tornou uma taxa para os proprietários, que estavam divididos em *consortia* com a obrigação de fornecer certo número de recrutas" (LIEBESCHUETZ, 1990, 19). Todavia, essa medida era extremamente impopular entre os proprietários, que preferiam trocar essa obrigação pelo pagamento em dinheiro, que acabava sendo convertido em parte na contratação de mercenários.

A estrutura militar romana demandava valores muito altos e todo esse recurso era necessário para a manutenção da máquina militar. A. D. Lee calcula que o exército romano girava em torno do 500 000 homens e o grosso desses homens recebia seu pagamento em espécie. A isso chamamos de *annona militaris* que era constituída "principalmente de cereais, mas também de carne, azeite e vinho" (LEE, 2007, p.86). Paralelamente ao estabelecimento da *annona*, durante a Antiguidade Tardia foi estabelecida uma estrutura de arsenais estatais ou *fabricae*, responsáveis pela produção

¹⁰⁵ Ano da redação por Caracala da *Constitutio Antoniniana*, que concedia cidadania romana para todos os homens e mulheres livres dentro do Império. Segundo Dion Cássio: "ele (Caracala) tornou todos dentro do Império Romano cidadãos; nominalmente ele estava os honrando, mas seu real propósito era aumentar seus rendimentos por este meio, enquanto que como estrangeiros eles não pagariam por muitas destas taxas" (DION CÁSSIO. *História Romana*. LXXVIII, IX).

de armas e armaduras. As *fabricae* estavam distribuídas em relação de proximidade com as unidades militares, o que explica o grande número de *fabricae* espalhadas pelo Império. Com a padronização da produção de armas e armamentos, além do claro reflexo organizacional, houve também uma diminuição do risco de usurpação. Podemos citar a necessidade de providenciar vestimentas para os militares que ficava sob responsabilidade dos oficiais *comes sacrarum largitionum* e *comes rerum privatarum*. Houve necessidade, com o decorrer dos anos, de criação de uma taxa específica, conhecida como *uestis militaris*, para suprir a roupa dos militares (LEE, 2007, p. 85-94). Toda essa logística não envolvia períodos de campanha, a que tornava as coisas ainda mais complexas. Um exército de 10 000 homens demandava aproximadamente 23, 5 toneladas de alimentos por dia. Essa era uma questão tão difícil que durante o II século passou a existir o *praepositus copiarum*, ou seja, o Prefeito de suprimentos que se tornou o *praepositus annonae*.

Soma-se a esse cenário o fato de que entre os romanos o serviço militar era extremamente impopular. Artifícios como a auto-mutilação de dedos e mãos eram bastante comuns para que os jovens evitassem de servirem nas fileiras romanas. Até mesmo nas províncias mais ameaçadas pelos estrangeiros, não havia uma predisposição dos homens ao serviço militar. Por essas razões, cada vez mais o Império se tornou dependente de defensores bárbaros. Isso é exemplificado pelos vários germanos de origem, como Agilo, Victor e Arinteu que galgaram o cargo de *magister militum*. Arbogasto e Estilício se tornaram duas figuras proeminentes do cenário militar no final do IV e início do V século. Arther Ferrill chega a dizer que "barbarização, o emprego de germanos em escala tão vasta que o exército tornou-se mais germano do que soldados germanos se tornaram romanos, começa com Teodósio, o Grande" (FERRIL, 1989, p. 76). Achamos essa postura um pouco exagerada, na medida em que, como já anotamos, o processo de assimilação de não-romanos nas fileiras romanas foi gradual e teve início no Principado.

Essa breve apresentação do exército do final do IV século ambienta o leitor aos termos e às estruturas deste exército remodelado que Teodósio tinha em mãos. Durante nosso percurso, tentamos uniformizar as informações a fim de passar uma imagem mais unificada da máquina militar, contudo, estamos cientes das grandes diferenças entre as tropas ocidentais e orientais. Após entendermos um pouco das mudanças que o exército sofreu, se faz mister entendermos um pouco acerca da concepção de guerra presente na *Epitoma rei militaris*.

2.3. A concepção de guerra na *Epitoma rei militaris*

No início do terceiro livro de sua obra, Vegécio enuncia uma das máximas mais importantes e conhecidas dentro do campo dos estudos militares:

Portanto, quem desejar a paz, que prepare a guerra; quem ambicionar a vitória, que treine diligentemente os soldados; quem pretender desenlaces favoráveis, que lute com arte, não ao acaso. Ninguém ousa provocar, ninguém ousa agredir aquele que se percebe ser-lhe superior em caso de combate¹⁰⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, III, Pref.).

Esta enunciação passou por muitos usos durante o transcorrer dos séculos e ainda nos dias atuais ela é recorrente. Contudo, se faz necessário demonstrar que tal construção estava inserida dentro de um contexto específico do quarto século e fazia parte de um entendimento romano acerca do fenômeno militar¹⁰⁷. Apesar de Vegécio se utilizar de autores do final do período republicano e início do período imperial, ao mobilizar este passado, o autor procurava respostas para os problemas de seu próprio tempo.

Ao tratarmos de Vegécio, claramente estamos lidando com um autor cristão. Isso pode ser comprovado em várias passagens da obra, como naquela em que ele descreve a legião romana: "Penso que as legiões foram instituídas pelos Romanos não só por desígnio humano mas também por inspiração de Deus¹⁰⁸" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, II. XXI). Em outra passagem, o autor se refere aos juramentos que os soldados devem prestar: "juram por Deus, por Cristo e pelo Espírito Santo e pela majestade do Imperador, a qual, a seguir a Deus, deve ser estimada e honrada pelo gênero humano¹⁰⁹" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, II. V).

Ao escrever sobre guerra de um ponto de vista cristão, Vegécio nos mostra uma perspectiva típica do período pós-Constantino em contraposição à perspectiva anterior à ascensão daquele governante. Louis J. Swift, ao estudar os escritos de Basílio, Atânasio, Ambrósio e Agostinho, mostra como a questão da violência se modificou no

¹⁰⁶ "[Igitur qui desiderat pacem, praeparet bellum; qui uictoriam cupit, milites inbuat diligenter; qui secundos optat euentus, dimicet arte, non casu. Nemo prouocare, nemo audet offendere quem intellegit superiorem esse, si pugnet]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, Pref.)

¹⁰⁷ Com isso, estamos afirmando o caráter permutável das concepções de guerra romanas no transcorrer do tempo, embora não neguemos certas similaridades com concepções do período republicano e do século I.

¹⁰⁸ "[Non tantum humano consilio sed etiam diuinitatis instinctu legiones a Romanis arbitror constitutas]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XXI).

¹⁰⁹ "[Iurant autem per Deum et Christum et sanctum Spiritum et per maiestatem imperatoris, quae secundum Deum generi humano diligenda est et colenda]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, V).

século IV. Não se trata mais da certeza de que um cristão pode tirar a vida, mas sim em que condições tal ação se fazia necessária. Na visão de Swift, Agostinho apontava a massa de pecado como consequência do Pecado Original, sendo a ordem social um meio de punir e restringir o mal (SWIFT, 2007, p. 289).

Ocorreu uma grande transformação sobre os propósitos de travar guerra. Se antes do século IV havia uma impossibilidade de se lutar guerras com objetivos benevolentes, no período pós-Constantino, se tornou totalmente plausível lutar para ajudar o próximo. Segundo Swift: "violência e espírito interno de amor não eram incompatíveis" (SWIFT, 2007, p. 290). O ato de travar uma guerra (*ius ad bellum*) com autoridade legítima para expurgar injúrias não era incompatível com a conduta na guerra (*ius in bello*) em que a misericórdia deveria ser mostrada ao perdedor.

Além de pensar na realidade cristã em que Vegécio estava inserido, temos que buscar conceituar paz entre os romanos politeístas, nas fontes citadas¹¹⁰ por Vegécio. Nathan Rosenstein relata que para os romanos que viveram durante o período republicano a paz "era produto de guerra vitoriosa, algo imposto sobre o vencido, o produto de rendição, humilhação e uma destruição do espírito do inimigo" (ROSENSTEIN, 2007: 227). Para eles, qualquer outra forma de terminar uma guerra era vergonhoso, pois era preciso que o ato ritual da *Deditio* fosse realizado para que os vencidos estivessem submetidos à *fides* do general romano vitorioso. Giovanni Brizzi, em *O Guerreiro, o Soldado e o Legionário*, aponta para a mesma direção ao falar da raiz de *pax*: "significativo, a propósito, pareceu o fato de que o termo escolhido tenha a mesma raiz de *paciscor* e de *pactus*, ou seja, refira-se a uma condição não natural, mas negociada ou imposta" (BRIZZI, 2003, p. 94). Imperadores que negociaram com inimigos, como foi o caso de Domiciano com os Dácios, foram pesadamente censurados; já governantes que travavam guerras, como seu sucessor Trajano, representavam o ideal.

Essa concepção romana de não capitulação ante os inimigos e aceitar a paz somente como o lado vitorioso da guerra, nos parece estranha. Como Carlin A. Barton nos explica, a paz em nosso mundo está associada à justiça e oposta ao caos sem leis. Entre os romanos, todavia, somente a paz imposta ao derrotado era aceita como *pax*, o que implicava além da *deditio*, a *supplicatio* e a *deprecatio* do adversário. Contudo,

¹¹⁰ Entre os autores citados por Vegécio estão: Virgílio, Frontino, Catão-o-Antigo, Cornélio Celso, Paterno e as constituições de Augusto, Trajano e Adriano (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VI; I, VIII).

existiam duas esferas da *pax* entre os romanos: *domi* e *militae*. Na primeira, principalmente em contextos de guerras civis, *pax* era sinônimo de contrato (*pactio*, *sponsio*, *foedus*, *societas*, *stipulatio*), enquanto na segunda, *pax* se ligava à derrota, suplicação, confissão (*editio*, *supplicatio*, *confessio*) (BARTON, 2007, p. 248).

Esse esquema funciona muito bem para se entender Vegécio. Se a paz foi se modificando ao longo dos anos, pensamos que o contexto do quarto século possibilitava uma nova definição de guerra: *Igitur qui desiderat pacem praeparat bellum*.¹¹¹ Em um momento em que problemas militares com os povos bárbaros eram recorrentes, se fazia necessário que houvesse uma retomada do ideal da busca da paz por meio das armas.

Além da enunciação de que a guerra possui preponderância sobre a paz, é preciso avaliar o valor atribuído a esta segunda por Vegécio. Como o próprio autor nos informa:

E tal como sabemos pela prática e pela experiência, é a partir dessa causa que tantas derrotas foram causadas pelos nossos inimigos em toda a parte, quando uma longa paz deu azo a uma escolha mais negligente dos soldados, quando os jovens mais ilustres seguiam os cargos civis e quando os jovens que, indicados pelos proprietários por meio de favor ou desleixo dos recrutadores, se juntavam ao exército eram de tal espécie que até os seus senhores tinham repugnância em tê-los¹¹² (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I. VII).

Aqui são colocadas duas questões: a primeira é relativa à concepção de paz do autor; a segunda se liga a uma questão capital dos séculos IV e V, isto é, os problemas de recrutamento. Durante o período republicano, os romanos "associavam falta de tensão e atividade enérgica como ausência de espírito, falta de vitalidade. 'Paz' em nosso senso seria considerada enervante - e até mesmo perigosa" (BARTON, 2007, p. 246). A paz seria responsável por destruir a disciplina que preservava a organização romana e os preceitos morais que tornavam os romanos aqueles que dominavam grande parte do mundo conhecido. Durante a República, períodos de paz levavam a lutas civis, já no quarto século, após principalmente a Batalha de Adrianópolis, Vegécio acusava os problemas gerados pela paz como responsáveis pelas sucessivas "derrotas romanas"¹¹³. Como ele mesmo denuncia:

¹¹¹ Portanto, quem desejar a paz, que prepare a guerra (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, III).

¹¹² "[Et quantum usu experimentisque cognouimus, hinc tot ubique ab hostibus inlatae sunt clades, dum longa pax militem incuriosius legit, dum honestiores quique ciuilia sectantur officia, dum indicti possessoribus tirones per gratiam aut dissimulationem probantium tales sociantur armis, quales domini habere fastidiunt]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, VII).

¹¹³ Como Adrian Goldsworthy nos mostra, grande parte das derrotas romanas naquele momento eram feitas por assaltos de grupos bárbaros e não por batalhas de grandes proporções (GOLDSWORTHY, 2007, p. 182).

Nem se deve negar que, depois da fundação da sua cidade, os Romanos dela sempre partiram para a guerra. Mas, nesse tempo, não estavam enfraquecidos por nenhuns prazeres, por nenhuns luxos; a juventude lavava o suor acumulado na corrida e nos exercícios de campo nadando no Tibre; ao mesmo tempo guerreira e agricultora, trocava somente de tipo de armas; de tal forma isto é verdade que se sabe que a ditadura foi oferecida a Quíncio Cincinato enquanto este lavrava¹¹⁴ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I. III).

Enquanto paz está associada a defeitos e problemas, a guerra estava vinculada com as maiores virtudes romanas. Novamente nos alinhamos com Barton:

Palavras que nós associaríamos com paz e tranquilidade (*otium, inertia, desidia, ignavia, socordia*), estavam associadas com covardia, falta de determinação, energia efetiva, *virtus*. Palavras associadas com atividade enérgica e tensão (*labor, industria, exercitio, disciplina, duritia, studium, vigilantia*), assinalavam energia, vigor, vitalidade, melhoramento do ser (BARTON, 2007, 246-247).

Somente a atividade enérgica pode fazer com que os romanos retomem o poder romano como o idealizado por Vegécio. A ausência de atividade enérgica e tensão era vista como virtuosa enquanto existia paz com os deuses ou *concordia*¹¹⁵. São visíveis as ligações feitas por Vegécio opondo virtudes ligadas à guerra e defeitos ligados à paz:

Mas a segurança proporcionada por um longo período de paz conduziu os homens, em parte, ao prazer do ócio e, em parte, às carreiras civis. Assim, o cuidado com o treino militar foi, em primeiro lugar, encarado de uma forma mais negligente, depois abandonado, e, por último, há muito tempo que caiu no esquecimento, conforme se sabe. E que ninguém se admire que isto tenha acontecido na época precedente, sabendo-se que, depois da Primeira Guerra Púnica, se seguiu uma paz de mais de vinte anos, que adormeceu pelo ócio e pela desabitação das armas os Romanos que tinham vencido em toda a parte, de tal forma que, durante a Segunda Guerra Púnica, eles não puderam estar à altura de Aníbal¹¹⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I. XXVIII).

¹¹⁴ "[*Nec infitandum est post urbem conditam Romanos ex ciuitate profectos semper ad bellum; sed tunc nullis deliciis frangebantur, (sudorem cursu et campestri exercitio collectum iuuentus natans abluebat in Tiberi) idem bellator, idem agricola, genera tantum mutabat armorum; quod usque adeo uerum est, ut aranti Quinctio Cincinnato dictaturam constet oblatam*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III).

¹¹⁵ Como Kurt A. Raaflaub nos explica: "Em Roma, *pax* era conceitualmente importante sobretudo porque todo ato cultural tinha o propósito de assegurar 'paz com os deuses' (*pax deorum*), mas a personificação e culto seguia-se muito depois. Enquanto 'paz interna, concórdia (*concordia*) foi personificada e recebeu um templo já na metade da República, isto aconteceu com a paz somente na sequência da guerra civil desastrosa que destruiu a República, quando a paz foi imposta pelos vitoriosos e eventualmente se tornou a *Pax Augusta*" (RAAFLAUB, 2007, p. 14).

¹¹⁶ [*Sed longae securitas pacis homines partim ad delectationem otii partim ad ciuilia transduxit officia. Ita cura exercitii militaris primo neglegentius agi, postea dissimulari, ad postremum olim in obliuionem perducta cognoscitur, nec aliquis hoc superiore aetate accidisse miretur, cum post primum Punicum bellum uiginti et quod excurrit annorum pax ita Romanos illos ubique uictores otio et armorum*

Aqui ele nos dá um exemplo evidente da associação da paz com o ócio e ao abandono da carreira militar em detrimento das carreiras civis. A negligência está localizada no pólo oposto da disciplina e observamos o recurso ao topos da *Historia magistra vitae* para alertar os romanos quanto a esse perigo, no caso o exemplo da paz gerada após as primeiras Guerras Púnicas, que enfraqueceu os romanos ante Aníbal. Vegécio não nos deixa sem solução para esses problemas e busca na *aemulatio* a resposta para tal situação. As soluções só podem ser adquiridas através da leitura e repetição dos sucessos do passado: "Eu compilei a sùmula disto tudo neste livrinho com fidelidade e dedicação,[...] para que, se alguém quiser mostrar-se diligente na seleção e no treino dos recrutas, possa facilmente reforçar o exército pela imitação das antigas virtudes"¹¹⁷ (VEGÉCIO. *Compêndio da Arte Militar*, I. XXVIII).

Vegécio nos dá uma fórmula do sucesso militar romano: "Na verdade, nós vemos que o povo romano submeteu todo o Mundo por meio de nenhuma outra razão a não ser pelo treino das armas, pela disciplina dos acampamentos e pela experiência do exército" (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*, I. I). Três são os pilares do sucesso romano: treinamento, disciplina e experiência. Contudo, antes de todo o processo de disciplinarização, treinamento e ganho de experiência era essencial a presença de outra característica, também ligada à guerra: era primordial a presença da *uirtus*, que autores como John Lendon traduziriam como coragem agressiva (LENDON, 2005, p. 302). Como Vegécio afirma: "Portanto, devem ser rejeitados os menos úteis e devem ser escolhidos para o lugar deles os mais capazes. Na verdade, em todo o tipo de conflitos, não aproveita tanto a quantidade quanto a *uirtus*"¹¹⁸ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, VIII).

Interessante notar que a *uirtus* deveria estar em equilíbrio com a disciplina. Ambas as virtudes seriam complementares à formação do soldado, se ligariam ao pólo da guerra e deveriam ser expressas conjuntamente no momento do combate. A *uirtus* permitia que os homens se colocassem em posição de batalha, mas a *disciplina* -

desuetudine enervauerit, ut secundo Punico bello Hannibali pares esse non possent] (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, XXVIII).

¹¹⁷ "[Haec fidei ac deuotionis intuitu, imperator inuicte, de uniuersis auctoribus qui rei militaris disciplinam litteris mandauerunt in hunc libellum enucleata congeSSI, ut in dilectu atque exercitatione tironum si quis diligens uelit existere ad antiquae uirtutis imitationem facile corroborare possit exercitum]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, XXVIII).

¹¹⁸ [Repudiandi ergo minus utiles et in locum eorum strenuissimi subrogandi sunt. In omni enim conflictu non tam prodest multitudo quam uirtus] (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, VIII).

entendida como algo imposto e sentido em seus diferentes elementos (obediência, treinamento e labor) - é que tornava este exército mais competitivo.

Na concepção de Vegécio, a guerra tinha a função de transformar os jovens em soldados e torná-los mais valorosos. Além do aspecto meramente militar, a guerra, ao que nos parece, tinha como função discriminar o que era romano daquilo que não era. Se durante o período moderno a guerra se tornou algo indesejado e pensadores começaram a refletir sobre a possibilidade de não existirem futuras guerras, como Thomas Paine, Kant e Montesquieu, no Mundo Antigo, a guerra era encarada como inevitável e importante para a transformação do jovem (*tiro*) em adulto.

Como se dava essa transformação do jovem em adulto com fins militares ? Era através da seleção, recrutamento e treinamento que eram escolhidos aqueles que seriam os melhores para comporem as fileiras romanas. Um primeiro passo era escolher de que regiões deveriam ser recrutados, lembrando que para Vegécio "devem ser escolhidos nas regiões temperadas os recrutas cuja abundância de sangue basta para desprezar os ferimentos e a morte, mas também aos quais não falte a *prudentia*¹¹⁹" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, II). Os soldados escolhidos em regiões mais quentes eram considerados mais inteligentes, porém, tinham menos sangue, enquanto os soldados escolhidos em regiões setentrionais eram de inteligência desprestigiada, mas tinham mais sangue.

Outro importante pré-requisito para que o jovem se tornasse um bom soldado era o fato dele advir do campo. Havia uma oposição entre campo e cidade, em que a segunda era assimilada aos luxos, aos banhos e ao *otium*, enquanto o campo era associado com o vigor físico, com os trabalhos com o ferro, em que a atividade era a regra da sociedade. Tal antítese lembra muito a oposição guerra e paz, o que nos leva mais uma vez a aventar a hipótese de que para Vegécio a ausência de atividade era maléfica para o melhoramento da conduta militar, pois, "teme menos a morte aquele que conhece menos prazeres ao longo da vida"¹²⁰ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I,III).

Interessante notar que existiam traços visíveis num provável bom soldado. Vegécio nos fala das características físicas do jovem que possui a *uirtus*. Entre outras coisas, ele deve ter olhos vigilantes, cabeça erguida, braços fortes e ancas estreitas. Jovens pescadores, tecelões, passarinheiros são considerados inaptos ao trabalho militar

¹¹⁹ [*Tirones igitur de temperatioribus legendi sunt plagis, quibus et copia sanguinis suppetat ad uulnerum mortisque contemptum et non possit deesse prudentia*] (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, II).

¹²⁰ [*nescio quomodo enim minus mortem timet qui minus deliciarum nouit in uita*] (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III).

enquanto ferreiros, carpinteiros e caçadores são indicados ao recrutamento. Novamente, vemos que algumas atividades estavam ligadas à covardia, à incúria, enquanto outras estavam associadas à energia e ao vigor. Após esse processo de pré-seleção, o que vemos na *Epitoma rei militaris* são indicações para o treino dos soldados, individual e coletivamente. Era a isso que Vegécio atribuía a força do povo romano: "Na verdade, nós vemos que o povo romano submeteu todo o mundo por meio de nenhuma outra razão a não ser pelo treino das armas, pela disciplina dos acampamentos e pela experiência do exército"¹²¹ (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*. I, I).

O padrão de comportamento, ou seja, o conjunto de ações que configuravam o que era bem e mal aceito naquele momento tinha sua peculiaridade em torno das esferas da guerra e da paz. As atividades ligadas à guerra, assim como o treinamento e as punições tornavam os homens soldados melhores: "O medo dos castigos disciplina os soldados nos aquartelamentos; e, em campanha, a esperança de recompensa torna-os melhores"¹²² (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*. III, XXVI). A paz, por outro lado, transformava os homens em preguiçosos e indisciplinados, como o próprio Vegécio atesta ao lembrar o fim da Primeira Guerra Púnica: "[...] se seguiu uma paz de mais de vinte anos, que adormeceu pelo ócio e pela desabitação das armas os Romanos que tinham vencido em toda a parte, de tal forma que, durante a Segunda Guerra Púnica, eles não puderam estar à altura de Aníbal"¹²³ (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII).

Ao analisarmos a *Epitoma rei militaris* e a historiografia militar acerca de perspectivas para o entendimento do fenômeno bélico em Roma e consequentemente para o entendimento do que é a guerra, nos surpreendemos com as possibilidades abertas com a leitura da documentação. A guerra e a paz não eram encaradas como efeitos colaterais dentro de um universo em que as relações não eram bem sucedidas. Ao invés de ser o fim violento que as pessoas não desejavam, a guerra e as atividades ligadas a ela eram (principalmente na fonte trabalhada aqui) o que tornava os homens melhores naquela sociedade, pois era o fenômeno da guerra que punha os homens à prova. A paz, por outro lado, tinha um significado pejorativo e levava os indivíduos a se

¹²¹ [Nulla enim alia re uidemus populum Romanum orbem subegisse terrarum nisi armorum exercitio, disciplina castrorum usuque militiae] (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*, I, I).

¹²² [Milites timor et poena in sedidus corrigit, in expeditione spes ac praemia faciunt meliores] (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*. III, XXVI).

¹²³ "[Nec aliquis hoc superiore aetate accidisse miretur, cum post primum Punicum bellum uiginti et quod excurrit annorum pax ita Romanos illos ubique uictores otio et armorum desuetudine enervauerit ut secundo Punico bello Hannibali pares esse non possent]" (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII).

tornarem cada vez piores. Essa definição é contrária, por exemplo, à definição de guerra de William Tecumseh Sherman - Guerra é o inferno (FERRIL, apud: SHERMAN, 1997, p. 09) -, Vegécio e os romanos do IV século definitivamente não pensavam a guerra como destrutiva e desanimadora. Tais diferenças nos levam a ressaltar novamente que o fenômeno militar é culturalmente construído e representado.

Além da própria concepção de guerra, outros fatores diretamente ligados a ela são fruto de seu próprio tempo. A própria maneira como os homens percebem e concebem as inovações militares são historicamente determinadas. Essa concepção de inovação militar comum aos antigos gregos e romanos nos parece um tanto sem fundamento, mas é necessário nos lembrarmos que estamos vivendo sob um outro "Regime de Historicidade", para utilizar o conceito de François Hartog (1996, p. 95). O que iniciamos agora é um estudo de como Vegécio, um homem que viveu no contexto histórico repleto de conflitos militares, dava respostas aos problemas que vivia. Se no primeiro capítulo mostramos as possibilidades e limites da fonte e explicitamos nossa abordagem conceitual, na segunda parte de nosso trabalho nos concentramos em contextualizar o mundo em que Vegécio vivia, ou seja, "seu espaço de experiência". Feito esse trajeto, vamos nos centrar nas propostas do autor da *Epitoma rei militaris*, utilizando um arcabouço conceitual que nos permita entender como nesta obra são construídas certas identidades específicas que nos levam a pensar em um "modo romano de lutar".

CAPÍTULO 3

A DEFESA DE UM MODO ROMANO DE LUTAR NA *EPITOMA REI MILITARIS*

Neste capítulo, buscamos analisar a obra *Epitoma rei militaris* a partir da elaboração do conceito de modo romano de lutar pensado por nós ao analisarmos a fonte. Para tal, apresentamos uma discussão acerca da inviabilidade da utilização do conceito de modelo ocidental de guerra para se falar do exército romano no IV século e de nossa preferência pela adoção de um conceito mais particular para se pensar em identidades romanas na guerra. Após nos desdobramos na conceituação do modo romano de lutar, buscamos problematizar os quatro elementos fundamentais de sua constituição na *Epitoma rei militaris*: disciplina dos exércitos, uso da legião, bom funcionamento do exército em campanha e uso da *poliorcética*.

3.1. Do Modelo Ocidental de Guerra ao Modo Romano de Lutar

Um dos mais eminentes historiadores militares vivos, Victor Davis Hanson, desenvolveu uma das teses mais conhecidas e criticadas dentro do campo da História Militar na contemporaneidade, o "Modelo Ocidental de Guerra". Em sua obra intitulada *Por que o Ocidente Venceu: Massacre e Cultura - da Grécia antiga ao Vietnã*, esse autor constata que: "[...] nos últimos 2.500 anos, tem havido uma prática específica de guerra ocidental, uma base comum e uma maneira de lutar contínua que fizeram dos europeus os soldados mais mortais da história da civilização" (HANSON, 2004, p. 19). Aquilo que Hanson chama de Ocidente - uma vaga noção que engloba em si gregos, macedônios, romanos, francos, britânicos, espanhóis e estadonidenses - , teve sua superioridade bélica formada na Antiguidade Clássica e se espalhou por todo o hemisfério ocidental.

Num primeiro momento, essa superioridade poderia ser problematizada ao se pensar em derrotas acachapantes, como Carhae (53 a.C.) e Adrianópolis (378). Contudo, Hanson tenta nos convencer de que elas não eram capazes de afetar a superioridade militar ocidental (em nosso caso a romana), pois tais derrotas foram sofridas devido ao menor efetivo de soldados, ao fato de estarem longe de casa, por serem mal comandados e agirem em nome de impérios decadentes. Em nossa leitura,

tal interpretação não se aplica ao caso de Adrianópolis, que, como vimos, foi travada dentro dos limites do Império (província da Trácia) em um momento que os romanos agiam em nome de um Império que sobreviveria por pelo menos mais um século. A construção dessa idealização do exército romano é feita para argumentar no sentido de que não existiu nenhuma alteração fundamental do paradigma militar clássico no Ocidente que levou a sua superioridade marcial, mas sim sua "propagação gradual pela Europa e pelo hemisfério ocidental" (HANSON, 2004, p. 29).

Outro autor de língua inglesa que trabalhou na construção desse grande modelo militar tipicamente ocidental foi Doyne Dawson. Em *The Origins of Western Warfare*, Dawson argumenta que no Ocidente a guerra foi instrumento de justiça divina e terrestre, de política externa e de política interna. Diferente de outras civilizações, no Ocidente a guerra justa, a política entre estados e o militarismo cívico eram definitivas (DAWSON, 1996, p. 08). Isso quer dizer que diferente de sociedades orientais, no mundo ocidental as instituições sociais e religiosas responsáveis por impedir conflitos não os impediam, mas os estimulavam, em padrões muito dinâmicos.

O importantíssimo historiador John Keegan segue essa tendência, ao dizer que a cultura ocidental não reconhecia as limitações a guerra típicas do Oriente. Este autor elenca três elementos formativos da cultura militar ocidental que a tornaram tão destrutiva: o moral, o intelectual e o tecnológico. O primeiro era uma herança de gregos e romanos (civismo-militar), o segundo nasceu do intercâmbio com o Oriente Médio (ética da guerra santa) e o terceiro surgiu no século XVIII (revolução da pólvora).

Nos finais do século XX e início do XXI, diversos autores começaram a repensar o uso deste grande conceito. Em uma Dissertação de Mestrado intitulada *Dispositivos Táticos na Segunda Guerra Púnica e a questão do Militarismo Cívico na obra de Políbio: Uma Reflexão acerca do limite normativo do Modelo Ocidental de Guerra*, Henrique Modanez sintetiza vários elementos desse modelo e os critica. Modanez dialoga com Geoffrey Parker para encontrar os elementos formativos do "Modelo Ocidental de Guerra": tecnologia superior, capacidade rápida de resposta a possíveis melhoramentos bélicos, tradição militar agressiva, disciplina e a primazia da utilização do capital para a resolução de conflitos (MODANEZ, 2008, p. 15). Para se pensar o mundo antigo essa última característica não é válida, na medida em que não existe o que Modanez chama de economia global articulada. Nesse trabalho, cada um dos elementos formativos do grande modelo sofrem críticas que tornam inviável sua utilização.

Outro autor que sintetiza esse grande conceito é o pesquisador britânico Harry Sidebottom, que, em nossa opinião, consegue pensar como o "Modelo Ocidental de Guerra" era aplicado na Antiguidade Clássica: 1) desejo por batalhas decisivas em campo aberto que buscam a aniquilação do inimigo; 2) batalha conduzida por infantaria pesada lutando lado a lado; 3) a batalha é ganha com coragem instilada em parte por treinamento e disciplina; e 4) os combatentes possuem liberdade política e são proprietários de terras, o chamado militarismo-cívico (SIDEBOTTOM, 2004, p. 10).

Muito mais do que um conjunto de práticas em que a infantaria pesada instilada pelo treinamento e disciplina anseia por batalhas abertas e decisivas que buscam a aniquilação do inimigo, o "Modelo Ocidental de Guerra" é para Sidebottom uma ideologia forte que é "frequentemente reinventada e transformada em cada reinvenção" (SIDEBOTTOM, 2004, p. 10). A argumentação deste autor britânico é enriquecida quando ele nos mostra que nem sempre culturas clássicas lutavam em conformidade com este modelo, como é o caso da Guerra do Peloponeso ou da Guerra Civil, envolvendo Julio César e Pompeu, e que outras culturas desenvolveram um estilo de batalha similar ao ocidental, como é o caso dos povos que viveram por volta do século IV a.C de na ilha de Als, na atual Dinamarca, e dos Zulus no século XIX.

Pensando dessa forma, acreditamos que a ideia de que somente a civilização dita ocidental "desenvolveu uma tradição contínua de pensamento militar independente de controle social e religioso" (DAWSON, 1996, p. 08) perde sua viabilidade devido ao fato de homogeneizar a história. Ao se pensar a segunda metade do século XX, momento em que foi melhor desenvolvido o conceito e em que o mundo se polarizava na chamada Guerra Fria, percebemos como a "História" tem a função de fornecer perspectivas sobre as chamadas "carências de orientação" humanas. O "Modelo Ocidental de Guerra" é uma construção cultural, que busca entender o que é ocidental, organizado, racional e forte em oposição ao que não é ocidental (no caso oriental), desorganizado, irracional e fraco. Ele é mais um dos modelos que molda a documentação para que ela dê respostas desejadas, o que empobrece o trabalho do historiador e retira as dimensão da imprevisibilidade e da surpresa do seu trabalho.

Após mostrarmos a definição e as complicações de se pensar num grande modelo explicativo que englobe toda a história "ocidental", nos perguntamos se é possível que os povos antigos e especificamente os romanos (objeto de nossa inquietação) se diferenciasssem militarmente de outros povos. Começamos a explorar a documentação a fim de pensar em como os próprios romanos se identificavam do ponto

de vista militar e elaboramos várias perguntas. Ao lermos a obra *Epitoma rei militaris*, começamos a identificar ali elementos que nos levaram a pensar na definição guerreira romana para seu autor, ou seja, a defesa de um modo especificamente romano de lutar. Com a utilização desse termo, não queremos expressar que existisse uma maneira uniforme de lutar entre os romanos que os orientasse de Rômulo até Rômulo Augusto. O que defendemos aqui é que na *Epitoma rei militaris* podemos encontrar a defesa de um modo romano de lutar plausível para os homens do final do IV século.

Devemos entender o modo romano de lutar enunciado aqui como algumas das diversas identidades romanas construídas durante a Antiguidade Tardia. Como problematizado no primeiro capítulo, mais importante do que características étnicas que supostamente constituem um grupo humano, as identidades são características atribuídas e aceitas pelos indivíduos dentro de um contexto cultural particular. Vegécio escolhe a arena bélica como campo de definição do tornar-se (em vez de ser somente) romano, já que, como observamos, o que distinguia o romano do bárbaro era o conjunto de tradições identificadas como *mores*. Dessa forma, o manual militar escrito por esse autor pode ser analisado como um guia para que os romanos lutassem como deveriam, ou seja, trata-se de "um tipo de identidade criada pela rotina, um senso corporificado de si em vez de um grupo de conceitos abstratos" (WOOLF, 2012, p. 225).

Se no primeiro capítulo estudamos o processo inclusivo, ou seja, a abertura identitária idealizada por Vegécio para aumentar os números do exército romano, neste momento nos dedicamos à fase excludente do processo. Imaginamos que o modo romano de lutar (essas identidades bélicas) fosse importante porque forneceria um padrão a se seguir na guerra. Como veremos, o termo identidades é importante porque ao falarmos do caminho selecionado por Vegécio para estruturar a superioridade militar romana encontramos vários elementos constitutivos.

Na *Epitoma rei militaris*, a superioridade militar romana é garantida basicamente por três elementos: "pelo treino das armas, pela disciplina dos acampamentos e pela experiência do exército"¹²⁴ (VEGÉCIO. *Epitoma rei millitaris*. I, I). Para Vegécio somente esses três componentes compensariam a inferioridade numérica ante os gauleses, a diferença de estatura em relação aos germanos, a diferença de força física diante dos hispanos, a inferioridade ante as manhas e riquezas dos

¹²⁴ "[*armorum exercitio, disciplina castrorum usuque militae*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, I)

africanos e a diferença de engenhosidade quando se tratava dos gregos (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, I).

Pensamos que na construção de Vegécio, cada um dos quatro livros tratava de um assunto que ele considerava de vital relevância para a manutenção de um exército romano forte. Como o próprio autor enumera:

O primeiro livro ensina a seleção dos jovens, de que lugares ou que tipo de soldados devem ser aprovados, ou por meio de que exercícios devem ser treinados.

O segundo livro contém a tradição do antigo exército, segundo a qual um exército pedestre pode ser constituído.

O terceiro livro expõe todos os tipos de artes que parecem necessárias ao combate terrestre.

O quarto livro enumera todas as máquinas com as quais as cidades ou são atacadas ou são defendidas; e ainda acrescenta os preceitos da guerra naval¹²⁵ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. Pref.).

Acreditamos que o intuito de Vegécio ao colocar esta configuração da obra era selecionar os assuntos mais capitais em ordem de importância para a manutenção das forças militares romanas, já que os três últimos só foram escritos após a boa recepção do primeiro que versava sobre o assunto mais urgente, a seleção e treinamento de soldados. Essa linha de argumentação fica mais forte, por exemplo, no livro II, quando existe uma defesa da infantaria em relação à cavalaria e à marinha: "De onde se depreende que os mais necessários ao Estado são os infantes, que podem ser úteis em todo o lado [...]"¹²⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, I). Como já tratamos da seleção de recrutas no primeiro capítulo e diferenciamos essa fase como momento em que existe uma abertura identitária, dividimos o estudo do modo romano de lutar na *Epitoma rei militaris* em quatro partes: treinamento dos recrutas, preferência pelo uso da infantaria (especialmente a legião), organização do exército em campanha e domínio dos conhecimentos de como as cidades devem ser defendidas ou atacadas. Apesar da marinha ganhar 16 capítulos na obra, não a colocamos como constituinte do modo romano de lutar porque segundo o próprio Vegécio: "acerca das artes (navais) deste tipo de guerra pouco deve ser dito, pois, já há muito tempo pacificado o mar, é um combate

¹²⁵ "[Primus liber electionem edocet iuniorum, ex quibus locis vel quales milites probandi sint aut quibus armorum exercitiis imbuendi.

Secundus liber veteris militiae continet morem, ad quem pedestris institui possit exercitus.

Tertius liber omnia artium genera quae terrestri proelio necessaria videntur exponit.

Quartus liber universas machinas quibus vel oppugnantur ciuitates vel defenduntur enumerat; naualis quoque belli praecepta subnectit]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. Pref.)

¹²⁶ "[Ex quo intellegitur magis rei publicae necessarios pedites, qui possunt ubisque prodesse]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, I).

terrestre aquele que se trava com os povos bárbaros¹²⁷" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXXI). São essas as bases de um modo romano de lutar para Vegécio, ou seja, uma maneira de lutar que na argumentação de Vegécio diferencia os romanos de outros povos como os gauleses, hispanos, africanos e até mesmo os gregos e que tornava os primeiros mais fortes.

O regime de historicidade da *Historia magistra vitae* funciona muito bem para entendermos a construção militar feita na *Epitoma rei militaris*. O passado é o principal reservatório de *exempla* para Vegécio. Nas palavras do autor: "portanto, devemos recuperar o antigo costume, a partir dos livros de História ou de outros¹²⁸" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII). Apesar de citar Homero em algumas partes da obra (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, V), os autores romanos devem ter preponderância sobre os atenienses e outros gregos, já que foi o povo romano que "alargou o seu império a partir de territórios pequeníssimos quase até às regiões do sol e aos confins do próprio mundo¹²⁹" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII). Para Vegécio algumas obras eram muito importantes:

Esta necessidade obrigou-me, consultados os autores, a dizer o mais fielmente possível neste opúsculo aquelas coisas que o célebre Catão-o-Censor¹³⁰ escreveu sobre o sistema militar, aquilo que Cornélio Celso¹³¹ e Frontino¹³² pensaram que devia ser exposto, aquilo que Paterno, um defensor zelosíssimo do direito militar, redigiu em livros, aquilo que foi estabelecido pelas constituições de Augusto, de Trajano e de Adriano¹³³ (Vegécio. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

¹²⁷ "[de cuius artibus ideo pauciora dicenda sunt quia iam dudum pacato mari cum barbaris nationibus agitur terrestre certamen]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXXI).

¹²⁸ "[De historiis ergo uel libris nobis antiqua consuetudo repetenda est]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

¹²⁹ "[qui ex paruissimis finibus imperium suum paene solis regionibus et mundi ipsius fine distendit]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

¹³⁰ Marcus Porcius Cato (234-149 a.C.) foi um distinto cidadão romano que combateu os Cartagineses durante a Segunda Guerra Púnica, tendo exercido os cargos de Cônsul e Censor. Catão escreveu várias obras, entre elas *De re militari* que nos chegou fragmentada e *De Agri Cultura* que chegou completa. Catão é também conhecido como um dos principais defensores das tradições romanas.

¹³¹ Aulus Cornelius Celsus (25a.C.-50d.C.) foi um grande enciclopedista romano proveniente provavelmente da Gália Narbonense. Seu único trabalho que sobreviveu até a atualidade foram seus oito livros *De Medicina*, que era parte integrante, ao que tudo indica, de um trabalho maior denominado *Artes*, que conteria diversos assuntos, entre eles o militar.

¹³² Sextus Iulius Frontinus (35-104 d.C.) foi um grande político romano que exerceu cargos como o de Pretor Urbano, Cônsul e Governador da Britânia. Foi autor de diversas obras como o *De re militari*, que não sobreviveu ao transcorrer do tempo, o *Opuscula Rerum Rusticarum*, um trabalho sobre agrimensura e *Stratagemata*, uma coleção de estratégias que chegou até a contemporaneidade.

¹³³ "[Haec necessitas compulit euolutis auctoribus ea me in hoc opusculo fidelissime dicere quae Cato ille Censorius de disciplina militari scripsit, quae Cornelius Celsus, quae Frontinus perstringenda duxerunt, quae Paternus, diligentissimus iuris militaris assertor, in libros redegit, quae Augusti et Traiani Adrianique constitutionibus cauta sunt]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

A *Epitoma rei militaris* é concebida pelo seu autor como uma seleção de vários ensinamentos do passado que poderiam solucionar as problemáticas do contexto histórico em que Vegécio viveu. Por entendermos que Vegécio mobiliza vários contextos históricos que vão desde o III século a.C. e chegam ao II século d.C., a obra se insere dentro de um costume militar romano. Ao justificar sua obra ao Imperador, Vegécio defende a plausibilidade de seu modo romano de lutar da seguinte forma:

Portanto, se alguém deseja vencer os bárbaros em batalha campal, que peça por meio de todas as suas orações, com o assentimento de Deus e com a vontade do Imperador, que as legiões sejam restauradas com novos recrutas. E, em pouco tempo, recrutas cuidadosamente escolhidos e treinados diariamente, não só de manhã mas também à tarde, em todo tipo de conhecimento de armas e da arte da guerra, igualarão facilmente aqueles velhos soldados que submeteram o universo inteiro¹³⁴ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XVIII).

O caminho para que os romanos voltassem a vencer seus inimigos era o da recuperação e utilização da legião bem treinada que conhecesse os segredos das ações militares. Ele não nega que essa recuperação militar seria cara, contudo, somente o trabalho de recrutamento e treinamento seria capaz de trazer o costume que durante muitos séculos vigorou entre os romanos. É um trabalho de recuperação que só pode existir se tiver a benção divina, que nas palavras de Vegécio são visíveis nas ações do Imperador. A chave para o sucesso é a reapropriação do passado, a utilização do costume militar.

Como demonstrado por Eric Hobsbawm em a *Invenção da Tradição*, enquanto a tradição impõe práticas fixas baseadas na repetição, o costume tem função de motor e engrenagem, pois não descarta a inovação e a mudança (HOBSBAWM, 2002, p. 08). Estruturas republicanas, do Principado e da Antiguidade Tardia se misturavam para dar corpo ao exército ideal da *Epitoma*. Vegécio não se arrogava autoridade e dizia que organizou o que outros autores disseram. Pode parecer estranho falarmos de inovação e mudança aqui, mas é preciso lembrar que o passado era para os romanos a principal fonte de ensinamento para transformação de suas estruturas e mais importante do que uma novidade era a capacidade de selecionar *exempla* para resolver determinado problema.

¹³⁴ "[Si quis igitur pugna publica superari barbaros cupit, ut Diuinitatis nutu, dispositione imperatoris inuicti reparentur ex tironibus legiones uotis omnibus petat. Intra breue autem spatium temporis iuniores diligenter electi et exercitati cotidie non solum mane sed etiam post meridiem omni armorum disciplina uel arte bellandi ueteres illos milites qui orbem terrarum integrum subegerunt facile coaequabunt]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XVIII).

Dissemos isso tudo para mostrar a inviabilidade da utilização do "Modelo Ocidental de Guerra" e nossa opção por uma abordagem menos generalista, caracterizada pelo emprego do conceito de modo romano de lutar pensado a partir de nossa abordagem da *Epitoma rei militaris*. Agora se faz necessário iniciarmos a análise de seus elementos constitutivos: treinamento e disciplina militar, preferência pelo uso das legiões, logística no acampamento e campo de batalha, além do domínio da *poliorcetica*. A partir da análise destes quatro pontos é que nos desdobramos sobre a complexidade do modo romano de lutar encontrado na *Epitoma rei militaris*.

3.2. Treinamento e Disciplina Militar

Em um cenário em que recrutar homens se tornava cada vez mais uma tarefa complicada, era preciso tornar os homens à disposição os melhores possíveis. Isso fica claro nas palavras do próprio Vegécio, quando este nos relata que "não é tanto a multidão e a coragem sem instrução que costumam dar a vitória, mas a arte e o treino"¹³⁵ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, Introdução). Era necessário trabalhar com as ferramentas que se tinha a mão e, nesse caso, era prioritário utilizar os homens à disposição da melhor maneira possível em um ambiente que se encontrava sob ameaça de povos como os Godos, mas que também passava por dissidências internas, como as insurreições de Máximo e Eugênio nos mostram.

A resposta de Vegécio aos problemas contemporâneos passava por montar um exército organizado. Essa organização passaria por uma característica em especial: a disciplina militar. A guerra entre os Romanos passava por um processo de aprendizagem, assim como a matemática ou a literatura, por isso a necessidade do *exercitium*, ensino que tinha por objetivo fundamental "conferir ao soldado romano a superioridade sobre o bárbaro na batalha" (LE BOHEC, 2008, p. 143). A correta execução de ordens ou a obediência aos superiores deveriam ser ensinadas e o soldado sabia o que tinha que fazer porque havia repetido muitas vezes o procedimento, tendo assim confiança em si e nos seus superiores.

O que intentamos fazer agora é mostrar como é que se seguia o processo de ensino da disciplina. Para que um soldado fosse disciplinado, ele deveria passar por

¹³⁵ "[In omni autem proelio non tam multitudo et uirtus indocta quam ars et exercitium solent praestare uictoriam]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, Introdução).

inúmeras fases de treinamento que o tornariam um militar apto a integrar as fileiras romanas. Não nos deteremos aos processo de seleção dos recrutas (objeto do item 1.5 do Capítulo I), mas ao processo posterior de treinamento antes que os melhores recebessem as marcas distintivas. Em primeiro lugar, era necessário que esses homens tivessem uma motivação para prosseguir na dolorosa transformação de um recruta em soldado romano. Vegécio nos fala que é dever dos soldados a própria defesa da *res publica*. Enquanto o atleta, o caçador e o cocheiro buscam aumentar suas habilidades pela recompensa ou favores da plebe, os homens em armas devem defender a *res publica*, pois a hierarquia militar e a vontade do Imperador lhes davam riquezas e honras (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XXIV). Devido a essa necessidade de honrar o Exército e o Imperador é que esses homens deveriam estar sempre treinando e se preparando para nunca serem derrotados, nunca deixarem seus estandartes caírem em mãos inimigas.

Os soldados executavam dois tipos de atividades: as coletivas e as individuais. O autor norte-americano S. E. Stout nos mostra como existiam pontos essenciais no treinamento dos soldados: 1) recrutas deveriam ser cuidadosamente selecionados; 2) deveriam aprender a utilizar e cuidar de seu equipamento; 3) precisariam ser colocados no maior ponto de preparação física por exercícios diários; 4) careceriam tanto quanto possível ser colocados em contato com prováveis situações em campo de batalha e saber como enfrentar as adversidades; e 5) deveriam aprender a obedecer ordens e não fugir dos trabalhos (STOUT, 1921, p. 424). Muitas vezes as atividades coletivas e individuais se intercalavam durante o treinamento, visto que este era um processo contínuo. A primeira coisa que se deveria aprender para ser integrante das fileiras romanas é marchar. A marcha está no princípio da formação do soldado, como nos relata Vegécio:

Assim, os recrutas devem aprender a marcha militar no princípio da sua formação. Pois nada deve ser mais acautelado na coluna de marcha ou na linha de batalha do que todos os soldados manterem a ordem de progressão, o que só pode acontecer se aprenderem por meio de um treino regular a caminhar rápida e uniformemente. Na verdade, um exército dividido e desordenado corre sempre um perigo gravíssimo perante os inimigos¹³⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, IX).

¹³⁶ "[Primis ergo meditationum auspiciis tirones militare edocendi sunt gradum. Nihil enim magis in itinere vel in acie custodiendum est quam ut omnes milites incedendi ordinem servent, quod aliter non potest fieri nisi assiduo exercitio ambulare celeriter et aequaliter discant]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, IX).

Durante uma marcha militar, os homens deveriam andar vinte mil passos (seis quilômetros) em cinco horas e em ritmo acelerado vinte e quatro mil passos (aproximadamente sete quilômetros). Cada soldado deveria fazer o percurso com um peso de até 60 libras (20Kg) para se acostumar a carregar suas armas e sua anona (ração dada pelo Estado). Lembremos que depois da Reforma de Mário¹³⁷, que entre outras coisas pretendeu diminuir ao mínimo possível o número de ajudantes carregadores de bagagem militar, cada soldado ficou responsável por transportar seus pertences. Esse treinamento da marcha (*ambulatium*) deveria ser realizado três vezes por mês e além dos infantes, os cavaleiros deveriam participar. Durante a marcha eram feitos exercícios de avanço e recuo em diferentes tipos de terreno para que os exércitos nunca fossem surpreendidos (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXVII).

A força coletiva era a mais importante das características militares, Vegécio defendia que a legião era o fator de desequilíbrio entre os romanos e seus inimigos. Muito embora seu tamanho de cinco a seis mil homens durante o Principado tenha diminuído para aproximadamente mil homens, ela continuava sendo a unidade militar romana por excelência. Para Brian Campbell: "sua estrutura de comando, organização tática e métodos de lutar - baseada no uso da lança de arremesso (*pilum*) e na espada curta de perfuração - permaneceram substancialmente inalteradas" (CAMPBELL, 2008, p. 111).

Essa força coletiva precisava ser reforçada pelo treinamento voltado à individualidade. Um soldado bem treinado não temeria o combate, enquanto um soldado destreinado o evitaria (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XXIII). As atividades individuais também poderiam ser classificadas em duas categorias: atividades puramente físicas e ações propriamente militares. As atividades físicas tinham início com a prática da corrida para que os militares pudessem avançar ou ocupar suas posições mais rapidamente:

Mas os jovens devem ser habituados principalmente à corrida, para que avancem contra o inimigo com um ímpeto maior, para que, quando a necessidade surgir, ocupem rapidamente as posições convenientes, ou para que se antecipem aos adversários desejosos de

¹³⁷ Segundo Goldsworthy: "A criação de um exército profissional foi atribuída frequentemente a Caio Mário. No ano de 107 a.C. ele foi eleito Cônsul e foi enviado para substituir o comandante chefe da Guerra Númida, apesar de forte oposição senatorial. Após ter o direito de fomar novas legiões negado, foi permitido que Mário recrutasse somente voluntários. Em uma decisão sem precedentes, Mário recorreu aos cidadãos mais pobres, aqueles que não tinham meios econômicos que os qualificassem para o serviço militar. Estes, os *capite censi*, demonstraram ser soldados excelentes. O laço entre propriedade e serviço militar foi rompido de forma definitiva: a partir de então, os recrutados necessitavam ser apenas cidadãos, sendo procedentes cada vez mais de setores mais pobres" (GOLDSWORTHY, 2007, p. 46).

fazer o mesmo, para que realizem velozmente os trabalhos de exploração e para que deles regressem ainda mais rapidamente, para que apanhem mais facilmente os inimigos em fuga¹³⁸ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, IX).

Além da corrida necessária para aprimorar a *uelocitas*, o soldado deveria ser treinado também no salto, que possibilitaria aos homens em armas ultrapassar obstáculos no campo de batalha. Voltamos a Vegécio:

O soldado deve ainda ser treinado no salto, por meio do qual os fossos são ultrapassados ou algum obstáculo impeditivo é superado, para que, quando dificuldades deste tipo surgirem, eles a possam ultrapassar sem esforço¹³⁹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, IX).

O último exercício propriamente físico do qual tratamos é a natação. Uma das maiores dificuldades militares que os homens do Mundo Antigo enfrentavam ao se tratar de natureza era a travessia de rios. Um exemplo dessa dificuldade foi a travessia do Danúbio na parte oriental do Império por parte dos Godos com a ajuda romana. Um grande exemplo da necessidade do treino da natação é retirado da campanha do Imperador Juliano na Gália, quando este mandou seu tribuno Bainobaudes e um regimento de tropas auxiliares atravessarem o Reno a nado e atacarem de surpresa um grupo de Alamanos refugiados em uma ilha, plano muito bem sucedido (MONTEIRO, 2009, p. 386). Frontino, ao falar de emboscadas, cita um estratagema que envolve um dos comandantes de Julio César na Gália, Tito Labieno¹⁴⁰, interessante para termos ideia da importância da natação:

Tito Labieno, lugar-tenente de Caio César, estava ansioso por entrar em combate com os gauleses antes da chegada dos germanos, que acorriam a ajudá-los. Fingindo-se desencorajado, montou o seu acampamento do outro lado de um ribeiro e anunciou que partiria no dia seguinte. Os gauleses, pensando que ele batia em retirada, começaram a atravessar o rio. Labieno deu meia volta com suas tropas, apanhou os gauleses numa situação difícil, a meio termo de sua travessia e fê-los em pedaços (FRONTINO. *Estratagemas*. II, V).

O próprio Vegécio alerta para o risco da travessia dos rios:

Na travessia dos rios sucede com frequência uma grave contrariedade aos descuidados. Com efeito, se a corrente for mais forte ou leito do

¹³⁸ "[*Sed et cursu praecipue adsuefaciendi sunt iuniores, ut maiore impetu in hostem procurrent, ut loca oportuna celeriter cum usus advenerit occupent vel adversariis idem facere volentibus praeoccupent, ut ad explorandum alacriter pergant, alacrius redeant, ut fugientium facilius terga comprehendant*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, IX).

¹³⁹ "[*Ad saltum etiam, quo uel fossae transiuntur uel impediens aliqua altitudo superatur, exercendus est miles, ut cum eiusmodi difficultates euenerint possint sine labore transire*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, IX).

¹⁴⁰ Tito Labieno é famoso por ter abandonado Julio César em favor de Pompeu durante o início da Guerra Civil de 49 a.C. e por ter morrido na Batalha de Munda, batalha essencial para pôr fim àquela guerra.

rio mais largo, isso poderá muito bem submergir as bagagens, os moços e até os próprios combatentes mais fracos¹⁴¹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, VII).

Devido à periculosidade da travessia dos rios é que Vegécio exige a aprendizagem da natação. Contudo, em razão da adversidade climática, este tipo de exercício somente pode ser feito durante o período em que houvesse calor:

Todo recruta deve aprender igualmente, durante os meses do Verão, o hábito de nadar. Na verdade, nem sempre os rios são atravessados por pontes, pelo que o exército, ao avançar e ao retirar, é frequentemente obrigado a nadar. Muitas vezes, os rios transbordam por causa de chuvas ou de neves repentinas, e a ignorância da natação origina um grave perigo, que sobrevêm não só do inimigo como das próprias águas¹⁴² (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, X).

Nessa fase do treinamento, não só os recrutas eram treinados, mas até os cavalos e os *galliaros* (serventes). Vale lembrar que esta atividade era importante desde a formação da milícia de cidadãos romanos, já que o Campo de Marte era vizinho ao Rio Tibre, local onde os homens lavavam seu suor e praticavam o nado após o treinamento com armas (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, X). Aqui já abrimos espaço para a próxima fase deste trabalho: os exercícios militares propriamente ditos. Yann Le Bohec nos fala que a fase do treinamento físico propriamente dito envolve o endurecimento do corpo, enquanto a próxima fase envolve atividades relacionadas ao manejo de armas (BOHEC, 2008, p. 148).

A primeira informação que Vegécio nos fornece é acerca do treinamento nos postes. Para os recrutas eram dados escudos de vime que eram bem mais pesados que o *scutum* e maças de madeira mais pesadas que as espadas¹⁴³, para que fossem utilizados contra os postes em dois turnos: matutino e vespertino. Temos, mais uma vez, uma descrição detalhada por parte de Vegécio:

Cada um dos postes era espetado no chão por cada um dos recrutas, de tal modo que não pudesse se mexer e se elevar seis pés (aproximadamente 1,80 metros) acima do solo. Contra este poste, da mesma maneira que contra um adversário, o recruta exercitava-se com

¹⁴¹ "[In transitu fluuiorum grauis molestia neglegentibus frequenter emergit. Nam si aqua uiolentur fuerit aut alueus latior, impedimenta pueros et ipsos interdum ignauiores solet mergere bellatores]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, III, VII).

¹⁴² "[Natandi usum aestiuis mensibus omnis aequaliter debet tiro condiscere. Non enim semper pontibus flumina transeuntur, sed et cedens et insequens natare cogitur frequenter exercitus. Saepe repentinis imbribus uel niuibis solent exundare torrentes, et ignorantia non solum ab hoste sed etiam ab ipsis discrimen incurrit]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, X).

¹⁴³ No IV século d.C. as espadas longas continuaram a ser a principal tendência militar, pois as conhecidas *spathae* e o *gladius* parecem ter tido seu uso diminuído (BISHOP; COULSTON, 2009, p. 202).

aquele escudo de vime e com a maça, como se treinasse com o gládio e com o escudo comum, ora para procurar atingir o poste como a uma cabeça ou a um rosto, ora para o ameaçar pelos flancos, para por vezes tentar golpear os joelhos e as pernas, para recuar, para avançar, para saltar contra este poste como se de um adversário real se tratasse, para deste modo atacar o poste com todo o ardor e com toda a arte de combater. Neste treino, usava-se de uma tal cautela, de modo a que quando o recruta atacasse para infligir um golpe, não se expusesse ele próprio a um ferimento em alguma parte do corpo¹⁴⁴ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XI).

Essa simulação do confronto individual, feita para aprimorar as habilidades de esgrima e de uso de escudo, possuía particularidades em relação a recrutas e soldados experientes. Os recrutas deveriam treinar nos dois turnos, enquanto os soldados experientes eram treinados uma vez por dia, mas nunca poderiam deixar de treinar. Para Vegécio, o soldado destreinado era sempre um recruta (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XXIII). Nesse treinamento o futuro soldado aprendia a usar a espada de forma a dar estocadas, pois assim a espada penetraria os órgãos vitais e não deixaria o guerreiro desprotegido, enquanto o golpe com o gume dificilmente penetrava a armadura e os ossos e tinha a desvantagem de expor as fraquezas do romano ao adversário.

O próximo passo no treinamento dos recrutas era o ensinamento da *armatura*. Embora entre os autores antigos não tenha ficado muito claro o que era este tipo de exercício conduzido pelos *campidoctores*, sabe-se que este era essencial para o bom funcionamento das tropas. A proeminência deste exercício era tão grande para as forças bélicas que os homens que não progredissem nesta aprendizagem deveriam ser punidos com a troca de seu trigo por cevada, enquanto os bem sucedidos ganhavam o dobro da anona. Durante a *armatura*, segundo Vegécio, é que os soldados:

aprendem a manter as fileiras e seguem o seu estandarte no meio de situações tão caóticas, mesmo no combate simulado; e nenhum erro surge entre soldados treinados, ainda que seja grande a confusão da multidão de combatentes¹⁴⁵ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XXIII).

¹⁴⁴ "[A singulis autem tironibus singuli pali defigebantur in terram ita ut nutare non possent et sex pedibus eminerent; contra illum palum tamquam contra aduersarium tiro cum crate illa et claua uelut cum gladio se exercebat et scuto, ut nunc quasi caput aut faciem peteret, nunc a lateribus minaretur, interdum contenderet poplites et crura succidere, recederet adsultaret insiliret, quasi praesentem aduersarium, sic palum omni impetu, omni bellandi arte temptaret. In qua meditatione seruabatur illa cautela ut ita tiro ad inferendum uulnus insurgeret ne qua parte ipse pateret ad plagam]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, XI).

¹⁴⁵ "[illud uero maius est, quod seruare ordines discunt et uexillum suum in tantis permixtionibus in ipsa prolusione comitantur nec inter doctos aliquis error existit, cum multitudinis sit tanta confusio]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, II, XXIII).

A *armatura* seria a parte do treinamento responsável por não deixar que os soldados debandassem no meio de uma batalha. Um exército em fuga se tornava presa fácil para seu adversário. Por isso, era necessário colocar os recrutas no campo de treinamento e fazê-los repetir várias vezes as formações de batalha. Era preciso fazê-los entender que existia um espaço determinado entre uma fileira e outra para que não houvesse nenhuma brecha para a chegada inimiga. A *armatura* nos parece ser o momento em que o coletivo tinha a maior importância durante o treinamento e os vários exercícios feitos nesta fase do treinamento corroboravam para que se formasse uma legião coesa. Como podemos notar ao lermos a *Epitoma rei militaris*:

Portanto, os recrutas devem ser regularmente levados para o campo de treinos e devem ser dispostos em formação de batalha segundo a ordem de incorporação de modo a que, em primeiro lugar, a linha seja única e alongada e a que não tenha nenhuma saliência nem curvas para que assim um soldado distancie de outro um espaço idêntico e regular. Depois disso, ordena-se subitamente que eles dobrem a linha, de tal modo que a ordem que costumam assegurar seja mantida no combate real. Em terceiro lugar, ordena-se que constituam repentinamente uma formação em retângulo, posto que a linha deve ser transformada num triângulo, a que chamam 'cunha'; esta formação costuma ser muito útil na guerra. Ordena-se ainda que formem círculos, por meio dos quais, quando a força dos inimigos rompe a formação, os soldados experientes costumam resistir, evitando que o grosso do exército se ponha em fuga e incorra num grave perigo¹⁴⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXVI).

Com isso era possível antecipar a maior parte das formações em batalha e tornar os soldados menos receosos de surpresas em campo de guerra. Além de treinar os homens para o momento do encontro dos exércitos, era preciso fazer treinamentos mais específicos. Entre esses se destacavam o treinamento com armas de arremesso: os dardos, as setas, as pedras e os dardos de chumbo que recebiam o nome de *mattiobarbuli*. Quando deveria acontecer esse treinamento ? Vegécio nos diz que concomitantemente ao treino nos postes, que também serviria para aumentar a força dos braços. Vegécio novamente nos relata que:

O recruta que é treinado com a maça deve também ser obrigado a lançar contra o poste, tal como se fosse contra um homem, hastes com

¹⁴⁶ "[*Producendi ergo tirones sunt semper ad campum et secundum matriculae ordinem in aciem dirigendi, ita ut primo simplex et extenta sit acies, ne quos sinus, ne quas habeat curvaturas, ut aequali legitimoque spatio miles distet a milite. Tunc praecipendum, ut subito duplicent aciem, ita ut in ipso impetu is, ad quem respondere solent, ordo seruetur. Tertio praecipendum, ut quadratam aciem repente constituent, quo facto in trigonum, quem cuneum uocant, acies ipsa mutanda est. Quae ordinatio plurimum prodesse consuevit in bello. Iubetur etiam, it instruant orbis, quo genere, cum uis hostium interruperit aciem, resisti ab exercitatis militibus consuevit, ne omnis multitudo fundatur in fugam et graue discrimen immineat*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, XXVI).

um peso maior do que aquele que os verdadeiros dardos terão. Neste exercício, o mestre de armas está atento a que o recruta lance a haste com grande força e a que ele arremesse o dardo com pontaria contra o poste, ou muito perto dele. Com efeito, por meio deste exercício, não só aumenta a robustez dos braços como também se adquire a perícia e a experiência de lançar¹⁴⁷ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XIV).

Os recrutas que se mostrassem mais aptos para o uso deste tipo de armamento deveriam receber um treinamento diferenciado, com o uso de arcos de madeira:

Para este exercício, devem ser escolhidos instrutores especializados e deve ser empregue uma grande destreza para que os recrutas segurem o arco com sabedoria, para que o armem energicamente, para que a mão esquerda permaneça firme e para que a direita seja conduzida adequadamente, para que a vista e o espírito convirjam em relação àquilo que deve ser atingido, para que sejam ensinados a atirar setas com desembaraço, quer a cavalo quer a pé¹⁴⁸ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XV).

O lançamento de pedras com o uso de fundas também não foi esquecido por Vegécio. Tal tipo de arma era muito eficiente contra guerreiros com proteção corporal porque apesar de não penetrarem no corpo do adversário causavam muitos traumas:

Esta prática deve, por isso, ser aprendida por todos os recrutas por meio de um treino frequente, porque transportar a funda não dá trabalho nenhum. E acontece, por vezes, que o combate se trava em locais rochosos, que um monte qualquer ou uma colina têm de ser defendidos, ou que os bárbaros têm de ser afastados do ataque a fortes e cidades por meio de pedras e fundas¹⁴⁹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XVI)

Vemos como, para Vegécio, os soldados com armas de arremesso eram parte importante das legiões. Ao nos descrever a disposição em campo de batalha da legião, desde a primeira linha existiam combatentes utilizando o dardo de chumbo de

¹⁴⁷ "[Tiro, qui cum claua exercetur ad palum, hastilia quoque ponderis grauioris, quam uera futura sunt iacula, aduersum illum palum tamquam aduersum hominem iactare compellitur. In qua re armorum doctor adtendit, ut magnis uiribus hastile contorqueat, ut destinato ictu uel in palum uel iuxta dirigat missile. Eo enim exercitio et lacertis robur adcrecit et iaculandi peritia atque usus adquiritur]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, XIV).

¹⁴⁸ "[Et doctores ad hanc rem artifices eligendi, et maior adhibenda sollertia, ut arcum scienter teneant, ut fortitor inpleant, ut sinistra fixa sit, ut dextra cum ratione ducatur, ut ad illud, quod feriundum est, oculus pariter animusque consentiat, ut, siue in equo siue in terra, rectum sagittare doceantur]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, XV).

¹⁴⁹ "[Quae res ideo ab uniuersis tironibus frequenti exercitio discenda est, quia fundam portare nullus est labor. Et interdum euenit, ut in lapidosis locis conflictus habeatur, ut mons sit aliquis defendendus aut collis, ut ab obpugnatione castellorum siue ciuitatum lapidibus barbari fundisque pellendi sint]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, XVI).

pequeno porte conhecido como *mattiobarbuli* e também o *pilum*¹⁵⁰ (também chamado por Vegécio de *spiculum*), que era bem maior que a arma citada anteriormente. O destaque dado por Vegécio a este tipo de armamento se mostra maior ainda quando ele nos fala da importância da terceira linha em batalha, linha composta por *ferentarii* e *scutati*, que além de dardos possuía em seus corpos os arqueiros e os *funditores*, que lançavam pedras, e também os *tragularii*, que atiravam setas com *manuballistae*¹⁵¹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XV).

Outro tipo de exercício específico se relacionava à montaria. Um dado interessante é que Vegécio ressaltava que todos os recrutas e soldados experientes deveriam saber montar em cavalos. Apesar da infantaria ser colocada como o principal ramo da arte militar romana, a cavalaria aparece como campo primordial para o estabelecimento de um bom exército, assim como a marinha. Mas voltando ao treinamento de montaria:

Costumavam colocar-se cavalos de madeira debaixo de um teto, no Inverno, ou no campo de treino, durante o Verão; os jovens eram obrigados a subir para cima deles, em primeiro lugar sem armas, até que se habituassem, e depois armados. E tanto era o cuidado que aprendiam não só a montar como a desmontar, quer do lado direito quer do lado esquerdo, empunhando ainda gládios desembainhados ou varas¹⁵² (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XVIII).

A última fase do aprendizado do soldado, que tornaria o recruta um soldado realmente disciplinado segundo as normas organizacionais do exército romano, era o aprendizado da montagem dos acampamentos. Neste ponto aparece um dos conceitos mais importantes da *Epitoma rei militaris*: o de cidade amuralhada. Quando o acampamento era bem construído significava que todo o exército repousaria em segurança. Contudo, segundo Vegécio, o costume de erigir acampamentos foi sendo perdido com o passar dos anos pelos romanos e muitas derrotas romanas para o autor foram causadas devido a essa falta de cuidado com a montagem dos acampamentos. A escolha de um local seguro em que haja lenha, pastos e água à disposição sem um

¹⁵⁰ *Pilum*: "lança de arremesso composta por uma haste de ferro comprida e delgada presa a um cabo de madeira e munida com ponta afiada de forma piramidal. Trata-se de uma arma típica dos exércitos romanos, uma 'criação individual'" (FEUGÈRE, 2002, p. 80, apud: MONTEIRO, 2009, p. 406).

¹⁵¹ *Manuballistae*: "balistas de mão. [...] O sistema de propulsão assentava em dois braços metálicos de onde saíam as cordas já pré-torcidas. O sistema permitia aumentar a força de torção, fazendo os dardos chegar mais longe e com mais velocidade" (MONTEIRO, 2009, p. 432).

¹⁵² "[*Equi lignei hieme sub tecto, aestate ponebantur in campo; supra hos iuniores primo inermes, dum consuetudo proficeret, deinde armati cogeabantur ascendere. Tantaque cura erat, ut non solum a dextris sed etiam a sinistris partibus et insilire et desilire condiscerent, euaginato etiam gladios uel contos tenentes*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I, XVIII).

monte por perto, assim como o respeito da proporção entre número de soldados e bagagens, eram muito importantes quando se construía um acampamento.

A forma do acampamento também tinha certa relevância conforme a necessidade exigisse: quadrado, triangular ou semi-circular. A localização da *praetoria*, voltada sempre para o lugar onde se encontravam os inimigos ou a oriente, ou ainda a importância da *decumana*, porta para onde são levados os soldados faltosos para a punição, também são fundamentais. Tudo isso um recruta deveria saber, mas a maior exigência ao soldado era que ele soubesse fortificar um acampamento:

[...] a fortificação dos acampamentos comporta três formas diferentes. Na verdade, se não existe um risco premente, são arrancados torrões da terra e com eles é erguido como que um muro com a altura de três pés (40 cm) acima do solo, de modo a que, à sua frente, fique o fosso do qual foi extraída a terra; em seguida, dá-se à vala improvisada uma largura de nove pés (2,70 m) e uma profundidade de sete pés (2,10 m). Mas quando uma força mais aguerrida dos inimigos se aproxima, então convém fortificar o perímetro do acampamento com um verdadeiro fosso, de modo a que tenha a largura de doze pés (3,6 m) e uma profundidade de nove pés (2,7 m) 'abaixo da linha', tal como dizem; mas, em cima, a terra extraída do fosso é amontoadada de um lado e do outro, formando uma parede com mais quatro pés de altura (1,2 m). Daqui resulta que o fosso fique com uma altura total de treze pés (3,9 m) e uma largura de doze pés (3,6 m); ao cimo, são cravadas estacas de madeira muito fortes que os soldados costumam transportar. Para esta obra, convém ter sempre a postos enxadas, ancinhos, cestos e outros gêneros de utensílios¹⁵³ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXIV).

Após o acampamento ser erigido, três arautos anunciavam que suas centúrias haviam terminado seu trabalho e então os centuriões deveriam inspecionar o trabalho dos homens e os que tivessem sido negligentes no trabalho eram punidos. Somente após cumprir todas essas etapas de forma satisfatória, um recruta poderia se dizer um bom soldado romano, um soldado disciplinado que deveria passar pelo último teste: a batalha. Todo esse processo que vimos até aqui servia justamente para preparar esse homem para ficar frente à frente com o inimigo. Apenas depois de se tornar um soldado disciplinado, pois a disciplina aqui não é somente obediência cega às ordens,

¹⁵³ "[Castrorum autem diuersa triplexque munitio est. Nam si nimia necessitas non premit, caespites circumciduntur e terra et ex his uelut murus instruitur, altus tribus pedibus supra terram, ita ut in ante sit fossa, de qua leuati sunt caespites; deinde tumultuaria fossa fit lata pedes nouem et alta pedes VII. Sed ubi uis acrior inminet hostium, tunc legitima fossa ambitum conuenit munire castrorum, ita ut XII pedes lata sit et alta sub linea, sicut appellant, pedes nouem. Supra autem saepibus hinc inde factis, quae de fossa leuata fuerit, terra congeritur et crescit in altum IIII pedes. Sic fit, ut sit XIII alta et XII lata; supra quam sudes de lignis fortissimis, quas milites portare consueuerunt, praefiguntur. Ad quod opus ligones rastra qualos aliaque utensilium genera habere conuenit semper in promptu]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXIV).

mas é fruto de aprendizagem, um homem seria digno de integrar as fileiras das legiões romanas.

3.3. A Legião

Após formar o homem digno de integrar o exército romano, Vegécio define o tipo de formação que tornou os romanos o povo responsável por submeter os povos inimigos (gauleses, germanos, hispanos, africanos e gregos). Sabemos que desde a Antiguidade o campo militar tinha divisões e na *Epitoma rei militaris* podemos encontrar uma separação operada por Vegécio entre três ramos: cavalaria, infantaria e marinha¹⁵⁴. Enquanto a cavalaria deveria cuidar das planícies e a marinha deveria cuidar dos rios e frotas, a maior responsabilidade recairia sobre a infantaria, que deveria cuidar dos montes, das cidades e dos locais planos. Em razão dessa grande responsabilidade, Vegécio defende que os soldados mais necessários eram os peões, por um motivo duplo, já que poderiam ser úteis em vários locais e eram menos onerosos aos cofres romanos.

A infantaria, todavia, tinha na narrativa de Vegécio uma subdivisão muito importante. Como o próprio autor nos afirma: "os próprios peões foram divididos em duas partes, isto é em tropas auxiliares e legiões¹⁵⁵" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, I). Como já podemos observar durante o primeiro capítulo, especificamente no subcapítulo que tratou das identidades romanas, é difícil perceber no quarto século uma separação étnica entre romanos e não romanos, e ao se diferenciar as tropas auxiliares das legiões, isto fica bem explícito. Para Vegécio, a força da legião estava assentada em características morais, que cada recruta deveria ter para que pudesse adentrar as fileiras romanas. A ausência dessas características é responsabilizada na obra pelo próprio enfraquecimento militar do final do IV século:

O nome de "legião" subsiste no exército ainda hoje, mas a solidez dos tempos passados foi minada pela negligência, visto que a ambição ocupou o lugar da recompensa do mérito e foram promovidos pelo favor os soldados que costumavam ser promovidos pelo esforço¹⁵⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, III)

¹⁵⁴ "[*equites pedites classem*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, I).

¹⁵⁵ "[*Verum ipsi peditis in duas diuisi sunt partes, hoc est in auxilia et legiones*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, I).

¹⁵⁶ "[*Legionum nomen in exercitu permanet hodieque, sed per negligentiam superiorum temporum robur infractum est, cum uirtutis praemia occuparet ambitio et per gratiam promouerentur milites, qui promoueri consueuerant per laborem*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, III).

Além da negligência e da ambição, a falta de disciplina são as causas para o esvaziamento das legiões e o crescimento dos *auxilia*. Diferente das tropas auxiliares (*auxilia*), a fraqueza das legiões se devia principalmente à falta de características adquiridas com o treinamento e a convivência durante certo tempo, como o conhecimento dos movimentos necessários em uma batalha e o conhecimento pessoal dos homens. Durante um combate, isso poderia atrapalhar a movimentação das linhas e até causar a total fragmentação do exército. Os *auxilia* deveriam ser o grupo responsável por formar a infantaria ligeira, que daria apoio, mas seria coadjuvante no combate. Contudo, devido à instalação da negligência, da preguiça e da incúria, os *auxilia* se tornaram as tropas preferidas para alistamento, o que nos leva novamente ao problema da paz e da guerra.

Como observamos na última parte do capítulo II, a paz era pensada como algo que desequilibraria a capacidade militar romana. Apesar de sabermos do cenário conturbado do século IV - as lutas envolvendo os Godos na Trácia são um exemplo -, na *Epitoma rei militaris* fica claro como a grandeza romana esteve sempre relacionada com as vitórias militares. A certeza da superioridade romana era sustentada da seguinte forma:

Mas quando a legião se encontra preenchida com as suas próprias coortes, com a infantaria pesada (isto é os *principes*, os *hastati*, os *triarii* e os *antesignani*) e com infantaria ligeira (isto é os *ferentarii*, os *sagittarii*, os *funditores* e os *ballistarii*), e, por fim, quando tem também cavaleiros legionários próprios integrados nos mesmos arrolamentos, se fortificar o acampamento com um só espírito e de comum acordo, se dispuser o exército em linha de batalha e se travar combate, sendo perfeita em todos os aspectos e não tendo necessidade de nenhuma ajuda de fora, a legião costuma vencer qualquer número de inimigos. A prova disto é a grandeza dos romanos, que, combatendo sempre com legiões, venceu tantos inimigos quantos quis, ou quantos a natureza das situações o permitiu¹⁵⁷ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, II).

A legião bem organizada se tornava um aparelho bélico de grande força. A integração dos diversos ramos da *res militaris* deveria convergir na proteção desta unidade de combate. Todo o exército deveria lutar em função da legião e esta seria a

¹⁵⁷ "[*Legio autem propriis cohortibus plena cum grauem armaturam, hoc est principes hastatos triarios antesignanos, item leuem armaturam, hoc est ferentarios sagittarios funditores ballistarios, cum proprios et sibi insitos equites legionarios hisdem matriculis teneat, cum uno animo parique consensu castra muniat, aciem instruat, proelium gerat, ex omni parte perfecta, nullo extrinsecus indigens adiumento, quantamlibet hostium multitudinem superare consuevit. Documentum est magnitudo Romana, quae semper cum legionibus dimicans tantum hostium uicit quantum uel ipsa uoluit uel rerum natura permisit*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, II).

responsável por alcançar a vitória. Vegécio compara a legião bem treinada a uma cidade fortificada:

Portanto, tudo o que foi dito torna manifesto que uma legião bem treinada é como uma cidade altamente fortificada, que traz consigo por todo o lado tudo o que é necessário para o combate, que não recebia a chegada repentina do inimigo, que mesmo no meio dos campos se fortifica rapidamente com fossos e paliçadas e que inclui todo o tipo de soldados e de armas¹⁵⁸ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XVIII).

Para estruturar essa legião, vemos como o autor da obra recorre novamente ao artifício já explicitado da apropriação das várias camadas de tempo, um costume militar romano. A legião descrita não se enquadra inteiramente em nenhum período temporal específico, mas é a seleção de várias características. Catão-o-Antigo e Frontino são de grande importância para a construção de Vegécio de uma legião forte, pois na obra o autor afirma que apresentará "sucinta e fielmente, na medida que me for possível os ensinamentos e preceitos deles"¹⁵⁹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, III). Se pensarmos na distância temporal entre os dois autores - Catão viveu entre os séculos III e II a.C., enquanto Frontino viveu entre os séculos I e II d.C. -, esse período entre dois séculos não representa um estorvo para a construção de Vegécio, pois sua *Epitoma* busca compilar informações para que seja formado o melhor exército possível. Após definirmos a infantaria como campo da *res militaris* essencial para os romanos, é preciso conhecer a legião construída por Vegécio.

Estudamos no item 3.2 deste capítulo a fase do treinamento dos soldados antes de serem aceitos nas fileiras. Logo após esse período, que durava no mínimo quatro meses, os recrutas aceitos na *probatio* passavam por três formalidades antes de serem incorporados às tropas: "Com efeito, os soldados, marcados na pele com picadas de forma duradoura, quando são inseridos nos registros, costumam prestar juramentos que, por esse motivo são chamados sacramentos do serviço militar"¹⁶⁰ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, V).

¹⁵⁸ "[Ex his igitur apparet legionem bene institutam quasi munitissimam esse ciuitatem, quae omnia proelio necessaria secum ubique portaret nec metueret repentinum hostium superuentum, quae etiam in mediis campis subito fossa se ualloque muniret, quae omne genus militum, omne genus contineret armorum]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XVIII).

¹⁵⁹ "[Horum instituta, horum praecepta, in quantum ualeo, strictim fideliterque signabo]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, III).

¹⁶⁰ "[Nam uicturis in cute punctis milites scripti, cum matriculis inseruntur, iurare solent, et ideo militae sacramenta dicuntur]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, V).

As marcas distintivas faziam referência ao *signaculum* do período do Principado, quando um pedaço de metal suspenso por uma corda ficava em volta do pescoço do recruta recém-aprovado, o que mostrava sua pertença ao exército. Durante o IV século, porém, sabe-se que devido aos problemas de recrutamento, o *tiro* recebia uma tatuagem que permitia descobrir possíveis desertores (MONTEIRO, 2009, p. 385). A inserção nos registros apontaria o cargo e a localidade nos quais o soldado deveria ser integrado e o juramento era feito em honra ao Imperador e às divindades, que devido à opção monoteísta de Vegécio, deveria ser prestado em honra do deus cristão: "Também juram por Deus, por Cristo e pelo Espírito Santo e pela majestade do Imperador, a qual, a seguir a Deus, deve ser estimada e honrada pelo gênero humano¹⁶¹" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, V). Em um período de diversas tentativas de usurpação e em que a deserção se tornava cada vez mais frequente, se fazia necessário cada vez mais justificar a autoridade do Imperador e cercear a possibilidade de fuga das fileiras.

Na *Epitoma rei militaris* temos a informação de que uma legião completa era composta no mínimo por 6100 soldados de infantaria e 730 cavaleiros¹⁶² (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, V). Já vimos no segundo capítulo como a legião padrão do período da Antiguidade Tardia havia perdido essas grandes dimensões e possuía aproximadamente 1000 homens por unidade. Claramente aqui vemos a retomada do costume militar do final da República e principalmente do início do Principado, quando o número de homens em um exército atingia a cifra de 4980 homens divididos em 10 coortes, que haviam substituído o manípulo. No exército de Vegécio, assim como no exército romano do século I a.C., a coorte é a unidade fundamental da legião e claramente fica demonstrada uma hierarquia entre elas:

É sabido que numa legião devem existir dez coortes. Mas a primeira coorte precede, quer em número de soldados quer em prestígio, as restantes. Na verdade ela procura os homens mais excelentes quanto ao nascimento e quanto à instrução literária. Com efeito, esta primeira coorte toma a seu cargo a águia, que é sempre a principal e mais importante insígnia no exército romano e em toda a legião; esta coorte venera as imagens dos Imperadores, isto é, as insígnias divinas e favoráveis. Ela tem 1105 soldados de infantaria, 132 cavaleiros couraçados e chama-se coorte *miliaria*. Esta é a cabeça da legião; é a partir dela, quando chega o momento de combater, que a primeira linha começa a ser organizada. A segunda coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros, e chama-se coorte *quingentaria*. A terceira

¹⁶¹ "[Iurant autem per Deum et Christum et Sanctum Spiritum et per maiestatem imperatoris, quae secundum Deum generi humano diligenda est et colenda]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, V).

¹⁶² "[His decem cohortibus legio plena fundatur, quae habet pedites sex milia centum, equites septingentos triginta]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, V).

coorte tem igualmente 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros, mas nesta terceira coorte é costume admitir os mais fortes, porque ela toma posição no meio da batalha. A quarta coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros. A quinta coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros, mas também ela requer soldados corajosos, porque, tal como a primeira coorte, é colocada na ala direita, assim a quinta coorte o é na ala esquerda. Estas cinco coortes são ordenadas na primeira linha. A sexta coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros; mas também nela devem ser integrados recrutas capazes, porque esta sexta coorte toma posição na segunda linha, atrás da águia e das imagens. A sétima coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros. A oitava coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros e também ela requer homens corajosos, porque toma posição no centro da segunda linha. A nona coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros. A décima coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros e também ela costuma receber bons guerreiros porque o cupa a ala esquerda da segunda linha¹⁶³ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, VI).

Podemos perceber que esta legião descrita por Vegécio possui apenas duas linhas que podem se reorganizar no campo de batalha (vemos isto melhor quando tratamos das questões logísticas do exército). Notamos também como a coorte responsável pela ala direita, chamada de *miliaria*, tem o maior efetivo devido à fragilidade da ala esquerda inimiga e à importância desse lado para a vitória, embora a ala esquerda também mereça consideração. Além da reconhecida deficiência do lado esquerdo adversário, a coorte *miliaria* ficava encarregada de carregar a águia, emblema da legião que tinha a função prática de guiar os homens em campo junto com os instrumentos musicais. Os responsáveis por transportar a águia, os *aquiliferi*, eram considerados *principes* (oficiais) por Vegécio, devido à importância de sua função para o exército, pois perder a águia significava perder a batalha.

Somente um estandarte tornava a comunicação visual em campo de batalha extremamente difícil e em razão disso havia diversos outros estandartes, como

¹⁶³["Sciendum autem est in una legione decem cohortes esse debere. Sed prima cohors reliquas et numero militum et dignitate praecedit. Nam genere atque institutione litterarum uiros electissimos quaerit. Haec enim suscipit aquilam, quod praecipuum signum in Romano est semper exercitu et totius legionis insigne; haec imagines imperatorum, hoc est diuina et praesentia signa, ueneratur; habet pedites mille centum quinque, equites loricatorum CXXXII, et appellatur cohors miliaria; haec caput est legionis, ab hac, cum pugnandum est, prima acies incipit ordinari. Secunda cohors habet pedites DLV, equites LXVI, et appellatur cohors quingenaria. Tertia cohors similiter habet pedites DLV, equites LXVI, sed in hac cohorte tertia ualidiores probari moris est, quia in media acie consistit. Cohors quarta habet pedites DLV, equites LXVI. Cohors quinta habet pedites DLV, equites LXVI; sed et quinta cohors strenuos desideret milites, quia, sicut prima in dextro, ita quinta in sinistro ponitur cornu. Hae quinque cohortes in prima acie ordinantur. Sexta cohors habet pedites DLV, equites LXVI; in ipsa quoque enucleati adscribendi sunt iuniores, quia in secunda acie post aquilam et imagines cohors sexta consistit. Cohors VII. habet pedites DLV, equites LXVI. Cohors VIII. habet pedites DLV, equites LXVI; sed et ipsa animosos desiderat uiros, quia in secunda acie consistit in medio. Cohors nona habet pedites DLV, equites LXVI. Cohors X. habet pedites DLV, equites LXVI; et ipsa bona consuevit accipere bellatores, quia in secunda acie sinistrum possidet cornum"] (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, VI)

dragões¹⁶⁴ carregados por *draconarii*. Vegécio nos diz que cada centúria deveria ter sua própria insígnia para que quando as linhas estivessem em perigo, os soldados não perdessem contato com seus colegas e entrassem em desordem. Os próprios centuriões (*centenarii*) tinham penachos transversais nos capacetes para que fossem reconhecidos no campo de batalha e servissem de referência para os combatentes. Além disso, para que os soldados pudessem identificar seus companheiros de armas no meio do recontrole se pintavam sinais comuns a cada coorte nos escudos, os *digmata*, assim como o nome e a indicação da coorte ou da centúria a que este soldado pertencia (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XVIII).

A necessidade de coesão em campo de batalha era tanta que desde o período republicano, em que o exército era organizado em manípulos, colocavam-se os soldados em *contubernium*, o agrupamento de "um conjunto de seis a dez soldados" (MONTEIRO, 2009, p. 416). Na organização de Vegécio: "[...] as próprias centúrias foram divididas em *contubernia*, de tal forma que, aos dez soldados que viviam debaixo da mesma tenda, presidiu um como decano, que se chama *caput contubernii*"¹⁶⁵ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XIII). A união de onze *contubernia* formava uma centúria com sua própria insígnia.

Essa divisão em grupos era característica de um exército de grandes dimensões. Vegécio considerava duas legiões o número máximo para se colocar em campo de batalha. Mesmo com essa limitação, teríamos 12200 soldados de infantaria e 1460 cavaleiros e essa grande quantidade de homens exigia uma rede de oficiais que pudesse dar conta da tarefa de organizar esses homens durante as batalhas. O cargo de *magistri militum* estava logo abaixo do Imperador, já que este oficial tomava conta de várias legiões, mas segundo a *Epitoma rei militaris* o verdadeiro chefe da legião era o Prefeito da Legião. Todos os oficiais deviam obediência a ele, que tinha um grande leque de atribuições:

[...] a senha para as guardas noturnas ou para a marcha era requerida a ele; se um soldado tivesse cometido um crime qualquer, era enviado para o castigo por um tribuno, por autoridade do prefeito da legião; as armas de todos os soldados, da mesma forma que os cavalos, os vestuários e as anonas estavam a seu cargo; o rigor da disciplina e o treino tanto dos soldados de infantaria como dos cavaleiros

¹⁶⁴ Segundo N. P. Milner o dragão que inicialmente era um estandarte de cavalaria auxiliar se alastrou para todo o exército (MILNER, 1996, p.20).

¹⁶⁵ "[Rursus ipsae centuriae in contubernia diuisae sunt, ut decem militibus sub uno papillione degentibus unus quasi praeesset decanus, qui caput contubernii nominatur]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XIII).

legionários eram administrados cotidianamente por ele¹⁶⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, IX).

Imaginamos que devido às diversas atribuições do Imperador e do *magistri militum*, a legião ficava a cargo do Prefeito da Legião que cuidava da manutenção da ordem no exército. Esse oficial significava uma ponte entre o poder imperial e o exército, já que cuidava do abastecimento do acampamento. Devido à ausência do Imperador e do *magistri militum* nos acampamentos militares, o Prefeito da Legião era o oficial que tinha a fidelidade de seus homens. O mérito dos seus subordinados dependia diretamente do Prefeito assim como seu fracasso.

O próximo oficial na hierarquia descendente era o Prefeito do Acampamento, homem que diferente de seus superiores era promovido após mostrar um longo serviço militar. Enquanto o Prefeito da Legião cuidava da manutenção da ordem e da intermediação do poder imperial com o acampamento, o Prefeito do Acampamento tinha os olhos mais voltados para o bom funcionamento deste. Segundo Vegécio, suas atribuições eram:

[...] a escolha do lugar do acampamento e a orientação das paliçadas e dos fossos. As tendas ou barracas dos soldados, com todas, as bagagens, eram administradas sob o seu comando. Além disso, estavam sob a sua responsabilidade os companheiros doentes e os médicos pelos quais estes eram tratados, assim como os pagamentos. Ele velava para que nunca faltassem carroças e animais de carga, nem sequer ferramentas com as quais a madeira é serrada ou cortada, com as quais os fossos são escavados e a paliçada e os aquedutos são construídos, e ainda para que não faltassem nem madeira nem palha, nem aríetes, ónagros, balistas e outros tipos de engenho¹⁶⁷ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, X).

O cargo de Prefeito do Acampamento ganhou destaque após o governo de Galieno, que diminuiu o número de cargos militares reservados aos Senadores e acentuou o afastamento deste conselho do exército. Todavia, essa ascendente "profissionalização das forças armadas" criava laços cada mais fortes entre os oficiais e a soldadesca, o que aumentava o risco de usurpações, algo que se tornou comum no

¹⁶⁶ "[Vigiliarum siue profectionis tessera ab eodem petebatur. Si miles crimen aliquod admisisset, auctoritate praefecti legionis a tribuno deputabatur ad poenam. Arma omnium militum, item equi uestes annona ad curam ipsius pertinebat. Disciplinae seueritas, exercitatio non solum peditum sed etiam equitum legionariorum praecepto eius cotidie curabatur]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, IX).

¹⁶⁷ "[ad quem castrorum positio, ualli et fossae aestimatio pertinebat. Tabernacula uel casae militum cum impedimentis omnibus nutu ipsius curabantur. Praeterea aegri contubernales et medici a quibus curabantur, expensae etiam, ad eius industriam pertinebant. Vehicula sagmarum nec non etiam ferramenta quibus materies secatur uel caeditur quibusque aperiantur fossae, contextitur uallum, aquae ductus, item ligna uel stramina, arietes onagri ballistae ceteraque genera tormentorum ne deessent aliquando procurabat]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, X).

final do IV século. Abaixo do Prefeito do Acampamento havia o Prefeito dos Engenheiros, oficial responsável por manter em ordem todas as construções do acampamento e os armamentos, sendo sua função nunca deixar nada faltar para os soldados.

Enquanto o Prefeito dos Engenheiros (*praefectus fabrorum*) cuidava das ferramentas e das construções, os Tribunos dos Soldados lidavam diretamente com os homens. Havia Tribunos escolhidos pelo Imperador, chamado tribuno maior (*tribunus maior*) e Tribunos escolhidos entre os homens das tropas (*tribunus minor*). Para Vegécio: "o cuidado e o trabalho do tribuno são elogiados quando o soldado marcha de uniforme resplandecente, bem protegido por armas reluzentes, instruído nos conhecimentos e na prática do exercício"¹⁶⁸ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XII). Os Tribunos olhavam mais de perto o treinamento dos soldados e eram diretamente responsáveis pela perícia militar de seus homens. Para integrar a coorte *miliaria*, o Tribuno teria que se notabilizar por seu físico, intelecto e costumes, já que nesta coorte estavam os melhores homens.

Os Centuriões não são esquecidos por Vegécio ao se falar dos oficiais que integravam uma legião. Cada um destes oficiais com penachos nos elmos eram responsáveis por cento e dez peões. Além de servir de referencial para seus subordinados no campo de batalha, ele possuía atribuições importantíssimas em um campo de batalha:

ele que arremessa as lanças e os dardos com perícia e com vigor, que sabe combater com o gládio e rodar habilmente o escudo, que aprendeu toda a *armatura*, que é atento, prudente e ágil, mais preparado para fazer aquilo que lhe ordenaram do que para falar, que compele seus homens à disciplina e que os obriga ao treino das armas, para que estejam bem vestidos e calçados e para que as armas de todos sejam limpas e reluzam"¹⁶⁹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XIV).

Dentre todos os oficiais descritos na *Epitoma rei militaris*, o Centurião era aquele que possuía o caráter mais prático. Ele deveria ir à frente nos exércitos para guiar o ritmo das batalhas e por isso deveria ter grande perícia nas armas para servir de modelo para seus comandados. Para que chegasse até a coorte *miliaria*, um Centurião

¹⁶⁸ "[Tribuni autem sollicitudo, tribuni laudatur industria, cum miles uestes nitidus, armis bene munitus ac fulgens, exercitii usu et disciplina eruditus incedit]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XII).

¹⁶⁹ "[qui hastas uel missibilia perite iaculetur et fortiter, qui dimicare gladio et scutum rotare doctissime nouerit, qui omnem artem didicerit armaturae, uigilans sobrius agilis, magis ad facienda quae ei imperantur quam ad loquendum paratus, contubernales suos ad disciplinam retineat, ad armorum exercitium cogat, ut bene uestiti et calciati sint, ut arma omnium defricentur ac splendeant]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XIV).

deveria passar por todas as outras coortes, formando um círculo que o tornaria respeitado em toda a legião. O Centurião com grau mais alto da hierarquia era chamado *primus pilus* e, segundo Yann Le Bohec, cumpria pelo menos vinte anos de serviço (BOHEC, 2008, p. 59).

Após descrevermos todo o sistema de funcionamento de uma legião para Vegécio, com os graus de comando e divisões, se faz necessário que estudemos a disposição da legião no campo de batalha. Como já observamos, a coorte *miliaria* é a primeira a se colocar em campo de batalha e assim é seguida até a quinta coorte para formar a primeira linha de batalha. Esta primeira linha de combatentes que ficavam em volta dos estandartes eram chamados de *principes* e eram equipados com capacetes, catafractas, grevas, escudos, *spathae*, dardos e a lança denominada *pilum*¹⁷⁰. A segunda linha tinha início na sexta coorte e ia até a décima e se chamava linha dos *hastati*. A seguir tínhamos a infantaria ligeira - chamados de *excultores*, *armaturae* e *scutati* -, os arqueiros, fundibulários e os *tragularii* (que atiravam com *manuballistae*). A última linha era a dos *triarii*, equipados de forma análoga aos *principes*, mas que só entravam em combate se as primeiras linhas fossem derrotadas (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XV-XVI).

Quando o combate tinha início era o grupo da infantaria ligeira que tomava a iniciativa da batalha, avançando diante das duas primeiras linhas enquanto estas permaneciam imóveis. Se conseguissem por os inimigos em fuga, avançavam, caso contrário, voltavam a seu lugar de origem e a infantaria tomava conta da batalha:

Então a infantaria pesada prosseguia o combate e permanecia como um muro de ferro, por assim dizer, e combatiam não só com dardos mas também com gládios, corpo-a-corpo. E se pusessem em fuga os adversários, a infantaria pesada não os perseguia para não perturbar a sua linha e ordenação e para que os inimigos, ao voltarem para trás, não os surpreendessem dispersos e em desordem; mas a infantaria ligeira com fundibulários e arqueiros, acompanhada por cavaleiros, perseguia os inimigos em fuga¹⁷¹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XVII).

Todo o treinamento e processo de ganho de disciplina servia para dar um funcionamento quase mecânico que não permitiria que ela se desfizesse em nenhum

¹⁷⁰ Dardo com um ferro triangular de 22,5 cm e com um cabo de 1,65m.

¹⁷¹ "[Excipebat autem proelium grauis armatura et tamquam murus ut ita dicam ferreus stabat, et non solum missilibus sed etiam gladiis comminus dimicabant. Et si hostes fugassent, non sequebatur grauis armatura, ne aciem suam ordinationemque turbaret et ad dispersos recurrentes hostes incompósitos opprimerent, sed levis armatura cum funditoribus sagittariis et equitibus fugientes sequebatur inimicos]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XVII).

momento da luta. Apesar da infantaria ligeira possuir um papel importante ao desorganizar o exército adversário, os holofotes da batalha ficam todos sobre a infantaria pesada, já que dificilmente um exército seria derrotado no primeiro recontro. Essa força legionária organizada contra seus inimigos remonta a própria adoção da coorte em desfavor do manípulo se vincula ao período de estadia de Cipião na Hispânia, quando os romanos tiveram de enfrentar formações bem particulares, inimigos com armamentos melhores e inimigos com um ímpeto ofensivo maior. Segundo Giovanni Brizzi, com a coorte "cada soldado pode novamente contar com a proteção e ajuda dos companheiros de linha; enquanto os bárbaros, habitualmente privados da necessária malícia tática, dificilmente serão capazes de romper a solidez da ordem cerrada" (BRIZZI, 2003, p. 90). A legião era o fator de desequilíbrio militar para Vegécio e para ele essa organização era legitimada junto aos romanos por vontade divina: "Penso que as legiões foram instituídas pelos Romanos não só por desígnio humano mas também por inspiração de Deus¹⁷²" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XXI). Diferente de outras formas de combate, a legião foi legada por forças divinas para os romanos e as vitórias só seriam alcançadas quando se retomasse o costume militar de utilizá-las em campo de batalha.

3.4. O Funcionamento do Exército

Após estudarmos a preparação dos homens para o exército e a preparação das fileiras romanas, se faz necessário que estudemos os desdobramentos dos ensinamentos de Vegécio em combate. Este é o momento em que o *classicum*, som emitido pelos instrumentos de metal, soava e tinha começo a batalha. Nos desdobramos sobre os cuidados necessários para que as legiões não sejam derrotadas durante a campanha e sobre as regras que guiariam o modo romano de lutar na *Epitoma rei militaris*. Ao tratar do funcionamento do exército, ganha destaque um personagem que até o livro III tinha pouco destaque, o *dux*¹⁷³, na medida em que era ele o responsável

¹⁷² "[Non tantum humano consilio sed etiam Diuinatatis instinctu legiones a Romanis arbitror constitutas]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XXI).

¹⁷³ Importante falarmos também que o termo *dux*, que no período da Antiguidade Tardia significava um alto oficial que tomava conta de toda uma região e sua guarnição de *limitanei*, ganha muito destaque no livro três. Isto porque diferente dos livros I e II, muitas das questões abordadas por Vegécio envolviam escolhas que o chefe militar deveria fazer. Não percebemos em nossa leitura, o uso da palavra *dux*, com este significado específico da Antiguidade Tardia, mas percebemos que Vegécio o usa de uma forma mais

por tomar as decisões que decidiriam o futuro das tropas. Enquanto os recrutadores e os oficiais eram bem mais evidenciados nos dois primeiros livros, as atenções para o bom funcionamento do exército voltam-se para o general. As questões importantes para o funcionamento do exército, que integravam o modo romano de lutar, eram: definição do número de homens de uma campanha, construção e manutenção do acampamento, colocação do exército em marcha e, por último, utilização do exército em batalhas.

O primeiro ponto que ganha destaque na narrativa vegeciana é a questão do número de soldados. Fica claro que exércitos de dimensões muito grandes possuem muitas fraquezas devido às dificuldades de abastecimento, à grande probabilidade de emboscadas e à vulnerabilidade das linhas de batalha em caso de necessidade de retirada. Em decorrência dessas fraquezas, Vegécio define um número de homens para guerras mais rápidas e outro para guerras com inimigos mais numerosos:

E, assim, eles acreditaram que, nas guerras mais rápidas, uma só legião com tropas auxiliares misturadas, isto é, dez mil peões e dois mil cavaleiros, podia ser suficiente, força essa que pretores ou generais de categoria inferior conduziam frequentemente em campanha. Mas se constasse que as tropas dos inimigos eram numerosas, era enviada uma autoridade consular, como um conde de primeira ordem, com vinte mil peões e quatro mil cavaleiros¹⁷⁴ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, I).

Se considerarmos os números apresentados no livro dois, a legião teria 6830 soldados, sendo 6100 infantes e 730 cavaleiros, então teríamos um número de 5170 soldados de infantaria ligeira, sendo 3900 soldados de infantaria e 1270 cavaleiros. Em caso de grandes ameaças e lutas com inimigos numerosos, esses números deveriam ser dobrados, atingindo o número máximo de legiões que Vegécio acreditava ser prudente para se levar em uma guerra (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, IV). Se houvesse necessidade de uma força maior que essa, deveriam ser enviadas tropas com comandantes separados e que poderiam agir em conjunto. Um princípio que não deveria ser esquecido era de nunca levar um número de *auxilia* superior ao número de cidadãos romanos.

vaga, que conseguimos encontrar o significado no *Oxford Latin Dictionary*: "um líder na guerra, comandante, general" (OXFORD LATIN DICTIONARY, 1968, p. 582).

¹⁷⁴ "[Itaque in leuioribus bellis unam legionem mixtis auxiliis, hoc est decem milia peditum et duo milia equitum, crediderunt posse sufficere, quam manum praetores uel minores duces ad expeditionem saepe ducebant. Quod si magnae hostium copiae dicerentur, consularis potestas cum uiginti milibus peditum et quattuor milibus equitum tamquam comes maior mittebatur]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, I).

Definido o número de homens que deveriam ser levados ao combate era preciso que se levantasse o acampamento. A escolha do local deveria ser decisão do Prefeito do Acampamento, oficial que deveria optar por um lugar e pela forma do acampamento. O risco de uma má escolha poderia levar à instalação do exército em lugares sem proteção, que poderiam proporcionar oportunidades de ataque aos inimigos. Para uma boa escolha:

Ao inspecionar o terreno para um acampamento, não basta escolher um bom lugar, a não ser que não possa ser encontrado outro ainda melhor. Isto para que, posto de lado pelos nossos um lugar mais vantajoso e ocupado este pelos adversários, não advenha daí nenhum inconveniente. Também se deve evitar, na altura do Verão, estar próximo de águas insalubres ou longe de águas potáveis. E, no Inverno, convém que não falem a forragem e a lenha e que o campo, em que se deve permanecer, não costume ser inundado por tempestades repentinas. Também é conveniente que não esteja em lugares escarpados e isolados, os quais, quando cercados pelos adversários, oferecem uma retirada difícil, e ainda que, até ele, não cheguem os dardos arremessados pelos inimigos a partir de pontos mais altos¹⁷⁵ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, VIII).

Somente após observar as possibilidades de ataque inimigo e a possibilidade do aprvisionamento de água é que um acampamento deveria ser construído. Este poderia ter variados formatos (quadrado, circular, triangular ou oblongo), dependendo da superfície oferecida. Para que não existisse nenhum risco de congestionamento ou dispersão das tropas, se fazia necessário que a largura do acampamento tivesse um terço das medidas de comprimento. Após essa escolha, a primeira coisa a se fazer era definir o tipo de acampamento que seria erguido. Se fosse construído para a passagem de uma única noite, se cavariam valas e com os torrões dessas valas se construiria uma pequena muralha em volta do acampamento, com varas e postes de madeira. Caso o terra escavada fosse muito solta, deveria ser construído um fosso com 1,50 metros de largura e 90 centímetros de altura completado com uma trincheira do lado de dentro. Contudo, um acampamento fixo exigia um cuidado maior. Cada centúria ficava responsável por uma área específica e os combatentes abrem um fosso entre 2,7 e 3,9 metros, mas se existir uma ameaça inimiga um fosso de mais de 5 metros pode ser aberto. Depois desse primeiro fosso, uma trincheira seria levantada enquanto os cavaleiros e alguns peões

¹⁷⁵ "[In metandis castris non sufficit locum bonum legere, nisi talis sit, ut alter eo non possit melior inueniri, ne ultior praetermissus a nobis et ab aduersariis occupatus adportet incommodum. Cauendum quoque, ne per aestatem aut morbosa in proximo aut salubris aqua sit longius, hieme, ne pabulatio desit aut lignum, ne subitis tempestatibus campus, in quo manendum est, soleat inundari, ne sit in abruptis ac deuiis et circumsedentibus aduersariis difficilis praestetur egressus, ne ex superioribus locis missa ab hostibus in eum tela preueniant]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, VIII).

vigiavam a construção. Com a construção do acampamento, os estandartes devem ser levados para seus lugares e junto deles o depósito pecuniário que continha metade do soldo dos soldados. A tenda para o general é montada, os pavilhões dos tribunos são levantados e os lugares do acampamento são distribuídos de acordo com as graduações (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, VIII).

A saúde dentro do acampamento deve ser uma das principais prioridades dos Prefeitos da Legião e do Acampamento. A água ingerida pelos homens deve ser da melhor qualidade e os homens doentes devem ser tratados pelos médicos. O exercício das armas nunca deve ser abandonado, na medida em que na concepção de Vegécio, "o exercício diário das armas era mais útil para a saúde dos soldados do que os médicos"¹⁷⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, II). Várias doenças eram atribuídas à permanência das tropas no mesmo lugar por um longo tempo, o que deveria ser evitado.

De grande importância para o exército também era o aprvisionamento de forragens e cereais, já que "a fome é mais cruel do que o ferro"¹⁷⁷ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, II). Evitar a falta de aprvisionamentos era tão importante que estava inserido entre as máximas militares descritas no final do livro III. Era preciso que se evitasse a carência de lenha, forragem, trigo, vinagre, vinho, sal e água e para tal era preciso que as cidades que fornecessem esses suprimentos estivessem sempre protegidas pelos soldados menos aptos ao campo de batalha.

O acampamento depois de ser levantado e abastecido deveria funcionar sem conflitos internos. Para evitar o risco de motim e aumentar a disciplina, os soldados deveriam ser obrigados a praticar vários exercícios, como o lançamento de setas e dardos, arremesso de pedras, as manobras da *armatura*, corrida, salto e nado. Em caso de identificação de homens desordeiros, a solução apresentada por Vegécio é muito interessante:

Mas o general deve estar atento de forma a conhecer, pelos tribunos, pelos seus vicários e pelos oficiais, em todas as legiões, tropas auxiliares e *uexillationes*, se existem soldados desordeiros ou sediciosos, não por inveja dos informadores mas pela verdade dos fatos. E por meio de uma decisão muito prudente, o general deve encarregar aqueles que assim foram afastados do acampamento de fazer algo que a eles próprios se afigure preferível ou de guardar castelos e cidades, de tal forma que a eles pareça terem sido

¹⁷⁶ "[plus cotidiana armorum exercitia ad sanitatem militum putauerunt prodesse quam medicos]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, II).

¹⁷⁷ "[et ferro saeuior fames est]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, II).

escolhidos quando na verdade foram afastados¹⁷⁸ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, IV).

Os *duces* que conseguem disciplinar seus homens mediante o trabalho e não pelos castigos parecem ser o melhor modelo para Vegécio. Ao lermos os *Estratagemas* de Frontino, especificamente o livro IV em que se fala da moralização imposta por Cipião ao exército que sitiava a Numância, fica flagrante o tipo de modelo de comandante escolhido por Vegécio. Cipião instituiu um sentido de responsabilidade nos soldados através de uma rotina descrita por Frontino: "Durante as frequentes marchas que os mandava executar, ordenava-lhes que transportassem rações para vários dias e fê-los marchar em condições que os habituaram ao frio, à chuva e a atravessar rios" (FRONTINO. *Estratagemas*. IV, I). Diferente de generais, como o espartano Clearco, que segundo Frontino comandava pelo medo, na *Epitoma rei militaris* o modelo de chefe está mais voltado para o chefe disciplinador.

Por mais que o acampamento fosse bem localizado e aprisionado, durante certas partes do ano, como o outono e o verão, permanecer no mesmo local por muito tempo acarretaria doenças. Em razão dessa fragilidade, os exércitos deveriam estar sempre marchando, mas essa movimentação constante também levava a diversos perigos. Diferente de um embate frente à frente, em que os homens estavam preparados para lutar, durante a marcha o exército como um todo se encontra disperso e mais suscetível a cair em emboscadas. O tema das emboscadas a exércitos em marcha era comum entre os manuais militares, como, por exemplo, a emboscada dos Boêmios com árvores cortadas quando os romanos atravessavam a floresta de Lítana (FRONTINO. *Estratagemas*. I, VI).

O primeiro detalhe importante para o sucesso de uma marcha estava no conhecimento por parte do comandante dos itinerários das regiões em que o exército estivesse envolvido. Através dos itinerários era possível identificar as distâncias, os possíveis atalhos, a qualidade das estradas e a existência de rios. O recrutamento de guias com promessas de castigos ou recompensas, dependendo de seu comportamento, também era essencial. O número de guias deveria ser sempre maior que um, de forma que o erro de alguém não atrapalhasse o sucesso de todo o corpo militar.

¹⁷⁸ "[Dux autem esse debet adtentus, ut in omnibus legionibus siue auxiliis uel uexillationibus a tribunis uicariis principiisque, si qui turbulenti uel seditiosi sunt milites, non pro inuidia suggerentum sed pro rerum ueritate cognoscat eosque prudentiori consilio segregatos a castris ad agendum aliquid, quod ipsis prope uideatur optabile, aut ad castella urbesque deputet muniendas atque seruendas, tanta subtilitate, ut, cum abiciuntur, uideantur electi]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, IV).

As informações do caminho que será percorrido pelo exército devem ser mantidas em sigilo, já que o risco de espionagem era muito grande. Somente alguns poucos homens montados, os batedores, deviam explorar com a autorização do chefe do exército os locais em que as tropas iriam passar. Com relação a isto, Vegécio também dá uma dica importante: "Mas é mais seguro os batedores atuarem de noite que de dia, pois, de certa maneira, revela-se como traidor a si próprio o general cujo batedor for aprisionado pelos adversários¹⁷⁹" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, VI). Dessa forma, os homens que iniciavam a marcha eram os cavaleiros, seguidos pela infantaria pesada, acompanhados em seguida pela infantaria e cavalaria ligeiras. O grupo responsável pelas bagagens ficava no meio protegido em ambos os lados e em caso de ataque mantinha certa distância dos combatentes, para não atrapalhar o desenlace da batalha.

O conhecimento dos hábitos inimigos era outra maneira de se evitar ataques. As fraquezas inimigas deveriam ser conhecidas, caso o inimigo atacasse no período noturno se fazia necessário ter as forças preparadas, se utilizassem melhor a cavalaria ou a infantaria era importante neutralizar a força principal do adversário. A parte que conhecesse melhor o lado inimigo teria melhores oportunidades de realizar uma marcha tranquila.

Outra preocupação comum do comandante deveria ser com a travessia de grandes rios. Como o próprio Vegécio narra: "Com efeito, se a corrente for mais forte ou o leito do rio mais largo, isso poderá muito bem submergir as bagagens, os moços e até os próprios combatentes mais fracos¹⁸⁰" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, VII). Se a profundidade do rio permitisse a travessia dos homens, então duas linhas de cavaleiros, uma a montante e outra a jusante, se formavam e as bagagens e os infantes iam no meio, já que os cavaleiros quebravam o ímpeto da água e recolhiam os que fossem derrubados. Caso isso não fosse possível e o território que a água corresse fosse plano, era possível escavar fossos e dividir o fluxo de água. Ainda era possível utilizar os *monoxyli*, que segundo a definição de Vegécio eram "canoas um pouco mais largas, escavadas de um só tronco e muito leves devido ao tipo de madeira e à sua

¹⁷⁹ "[Tutius autem operantur exploratores noctibus quam diebus; nam quodammodo ipse sui proditor inuenitur cuius speculator fuerit ab aduersariis comprehensus]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, VI).

¹⁸⁰ "[Nam si aqua uiolentior fuerit aut alueus latior, impedimenta pueros et ipsos interdum ignauiores solet mergere bellatores]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, VII).

delgadeza¹⁸¹[...]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, VII). Em caso de necessidade de atravessar várias vezes o mesmo lugar, era importante que se construísse uma ponte que deveria ser acompanhada de trincheiras para a sua defesa de ambos os lados. Durante toda a travessia era necessário que guardas armados protegessem ambas as margens, já que o risco de ataques era muito grande durante esse momento da marcha.

Após a marcha e a montagem do acampamento, começava outra fase do cotidiano da legião: a escolha da natureza do combate que será empreendido. O combate aberto e a luta por emboscadas são as opções apresentadas na *Epitoma rei militaris*. Claramente Vegécio prefere o segundo tipo de combate: "É melhor dominar o inimigo pela fome, por ataques de surpresa ou pelo terror do que pelo combate, no qual a sorte costuma ter mais peso do que a coragem¹⁸²" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XXVI). Como em boa parte da obra Vegécio reclama das dificuldades de preencher as fileiras romanas, é compreensível que existisse uma preferência por formas de lutar que não comprometessem a vida dos soldados.

Quando voltamos nossos olhares para a *Epitoma rei militaris*, podemos observar, contudo, que a escolha por um combate aberto que acabaria com as esperanças de um dos lados ou pela guerra por emboscadas cabia ao *dux*. Após reunir seus melhores homens e avaliar se o exército inimigo era mais forte que o seu, abriam-se duas possibilidades:

E se se achar ele próprio superior em muitos aspectos, não deve adiar o início de um combate vantajoso para si. Mas se, pelo contrário, ele perceber que o inimigo é mais forte, deve evitar um combate em campo aberto; com efeito, exércitos menos numerosos e menos fortes, fazendo ataques imprevistos e emboscadas sob as ordens de bons generais, conseguiram alcançar muitas vezes a vitória¹⁸³ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, IX).

É muito clara a preferência pelo uso das emboscadas. Isso porque além do imperativo de manter o maior número de soldados possível, o uso das emboscadas e dos ataques de surpresa era comum entre os romanos. Sabemos que durante os cinco anos em que Juliano lutou na Gália, a única batalha intensa que o exército romano travou foi a famosa Batalha de Estrasburgo (GOLDSWORTHY, 2010, p. 279). Grande parte das

¹⁸¹ "[Sed commodius repertum est ut monoxylis, hoc est paulo latiores scafulas ex singulis trabibus excavatas, pro genere ligni et subtilitate leuissimas]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, VII).

¹⁸² "[Aut inopia aut superuentibus aut terrore melius est hostem domare quam proelio, in quo amplius solet fortuna potestatis habere quam uirtus]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XXVI).

¹⁸³ "[Si uero aduersarium intellegit potioerem, certamen publicum uitet; nam pauciores numero et inferiores uiribus superuentus et insidias facientes sub bonis ducibus reportauerunt]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, IX).

lutas no IV século eram batalhas de pequenas proporções e daí a grande importância do uso das emboscadas. Caso o *dux* optasse por iniciar um combate aberto, várias condições deveriam ser observadas por ele nos dias que antecedessem o combate. Ele deveria averiguar a experiência e o ânimo de seus soldados, deveria tirar partido de toda a travessia até o exército inimigo e tentar semear a discórdia entre os inimigos.

Depois que todos os preparativos eram feitos, se fazia necessário escolher o campo adequado para que o combate fosse realizado. As opções variavam devido à superioridade da infantaria ou da cavalaria:

Se confias numa vitória dos teus peões sobre os cavaleiros inimigos, debes escolher lugares íngremes, acidentados e montanhosos; mas se procuras, com os teus cavaleiros, a vitória sobre os peões adversários, então debes ocupar posições algo elevadas mas planas e abertas, sem estorvo de bosques ou de pântanos¹⁸⁴ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XIII).

A luta em campo aberto parecia ser mais vantajosa para exércitos em que a cavalaria fosse mais forte, porque facilitava a locomoção dos cavaleiros e deixava a infantaria mais desprotegida. De forma inversa, os terrenos acidentados apresentavam maiores possibilidades defensivas aos peões, além de tornar possível a desorganização dos cavaleiros. Tanto para os exércitos com a cavalaria mais forte quanto para os que possuísem uma infantaria fosse mais forte, valia a regra de que nunca se deveria optar por iniciar o combate do lado mais baixo do terreno. Os homens que têm de avançar por um declive sofrem mais com os projéteis e sofrem mais fisicamente, já que enfrentam a geografia.

Ao bom *dux* era aconselhável também que ele se atentasse ao sol, à poeira e ao vento. Isto porque "o sol no rosto tira-nos a visão; o vento contrário desvia ou trava os teus projéteis, mas ajuda os dos inimigos; o pó lançado à cara invade os olhos e obriga-os a se fecharem¹⁸⁵" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XIV). Diferente das questões geográficas, esses três aspectos sofriam alteração durante a batalha e por isso essas mudanças deveriam ser bem utilizadas pelo general. As últimas preocupações antes do início da batalha eram com a alimentação e as condições físicas dos soldados e

¹⁸⁴ "[Sed illa distantia est, quod, si de peditibus tuis uictoriam speras contra equites hostium, loca aspera inaequalia montuosa debes eligere, si uero de equitibus tuis contra aduersarii pedites uictoriam quaeris, sequi debes paulo quidem editiora loca sed plana atque patentia, neque siluis neque paludibus impedita]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris* III, XIII).

¹⁸⁵ "[Nam sol ante faciem eripit uisum; uentus contrarius tua inflectit ac deprimit, hostium adiuvat tela; puluis a fronte congestus oculos implet et claudit]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XIV).

dos animais. Não se deve levar homens que comeram demais para o campo de lutas e nem se deve obrigar soldados e cavalos cansados após longas marchas a lutar.

Encerrado todos os preparativos, era necessário ordenar a linha de batalha.

A disposição do exército é assim descrita por Vegécio:

A regra da disposição é que, na primeira linha, sejam colocados soldados adestrados e experientes, a que antes chamavam *principes*; na segunda linha, devem ser colocados arqueiros protegidos por catafractas e soldados excelentes munidos de dardos ou lanças, a que antigamente chamavam *hastati*. E cada um dos soldados por si costuma ocupar, em linha reta, três pés¹⁸⁶, isto é, em mil passos são dispostos; ao comprimento, 1666 soldados de infantaria para que a linha não deixe passar nem um raio de sol mas haja espaço para manejar as armas. Mas entre as costas de uma linha e a frente da linha seguinte quiseram que houvesse uma distância, em profundidade, de seis pés¹⁸⁷, de modo a que os combatentes tivessem espaço para avançar e para recuar; com efeito, em salto e em corrida, os projéteis são arremessados com mais força. Nestas duas primeiras linhas, são dispostos os mais maduros em idade, os mais experientes e resolutos, protegidos com o equipamento mais pesado; na verdade, estes são obrigados, à maneira de um muro, a nunca recuar nem avançar para não perturbarem as fileiras, mas deve receber os adversários e, mantendo-se firmes e combatendo, devem repeli-los ou pô-los em fuga. A terceira linha é composta de soldados muito rápidos, de arqueiros jovens. E a quarta linha é formada por soldados muito ligeiros munidos de escudos, por arqueiros jovens e por aqueles que lutam energicamente com dardos leves ou com dardos de chumbo a que se chama *plumbatae*; a todos estes dava-se o nome de infantaria ligeira.[...] Por vezes, na quinta linha eram dispostas *carroballistae*, *manuballistarii*, *fundibulatores* e *funditores*. [...] A sexta e última linha, atrás de todas as outras, era constituída por combatentes muito fortes munidos de escudos e equipados com todo o tipo de armas, a quem os antigos chamavam *triarii*¹⁸⁸ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XIV).

¹⁸⁶ 90 centímetros.

¹⁸⁷ 1,80 metros.

¹⁸⁸ "[Instructionis lex est, ut in primo exercitati et ueteres milites conlocentur, quos antea principes uocabant, in secundo ordine circumdati catafractis sagittarii et optimi milites cum spiculis uel lanceis ordinentur, quos prius hastatos uocabant. Singuli autem armati in directum ternos pedes inter se occupare consueuerunt, hoc est, in mille passibus mille sescenti sexaginta sex pedites ordinantur in longum, ut nec acies interluceat et spatium sit arma tractandi; inter ordinem autem et ordinem a tergo in latum sex pedes distare uoluerunt, ut haberent pugnantibus spatium accedendi atque recedendi; uehementius enim cum saltu cursuque tela mittuntur. In his duobus ordinibus et aetate maturi et usu confidentes et muniti etiam grauioribus armis conlocantur. Hi enim ad uicem muri nec cedere nec sequi aliquando cogendi sunt, ne ordines turbent, sed uenientes aduersarios excipere et stando pugnandoque repellere uel fugare. Tertius ordo disponitur de armaturis uelocissimis, de sagittariis iuuenibus, de bonis iaculatoribus, quos antea ferentarios nominabant. Quartus item ordo construitur de scutatis expeditissimis, de sagittariis iunioribus, de his, qui alacriter uerutis uel mattiobarbulis, quas plumbatas nominant, dimicant, qui dicebantur leuis armatura. [...] In quinta acie ponebantur interdum carroballistae manuballistarii fundibulatoresfunditores.[...] Sextus ordo post omnes a firmissimis et scutatis et omni genere armorum munitis bellatoribus tenabatur, quos antiqui triarios appellabant]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XIV).

Nesta descrição de Vegécio, várias peculiaridades do exército idealizado por ele podem ser apontadas. Diferente das descrições republicanas, como por exemplo a de Políbio, Vegécio coloca a infantaria ligeira na quarta fileira, pois assim ela estaria protegida dos inimigos até quando sua movimentação fosse estritamente necessária. Os *uelites* eram colocados por Políbio na primeira fileira e só depois de seu primeiro ataque é que recuavam atrás dos *principes* e dos *hastati*. Sublinhamos aqui uma preocupação presente na *Epitoma rei militaris* com a manutenção desses soldados. A quarta e a quinta fila saíam de seus lugares para fustigar os adversários e voltariam progressivamente até seus lugares, mas caso o inimigo atacasse primeiro, as duas primeiras linhas suportariam o ataque (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XIV).

A quinta linha era essencial porque ali estavam os homens que faziam ataques à distância. Para isso, eram utilizados variados armamentos como balistas grandes, colocadas sobre uma estrutura com rodas, e que deveriam ser operadas por 11 homens (*carroballistae*), as balistas de mão (*manuballistas*), fundas com cabos de madeira e fundas de mão. Os homens colocados nesta linha não possuíam escudos devido à necessidade de concentrarem sua força no arremesso de setas ou pedras e pelo fato de terem sido incorporados ao exército depois de seus companheiros. Somente depois de todas essas linhas é que os *triarii* podiam ser encontrados. Esses soldados com larga experiência ficavam ajoelhados e se as primeiras linhas fossem derrotadas, eles davam reinício ao combate.

Estas seis linhas de combatentes ainda não eram suficiente para Vegécio. Uma lição aprendida com os espartanos era fundamental: manter tropas de reserva, caso existisse a ameaça de rompimento de uma das linhas, acorreriam em ajuda e preencheriam as lacunas encontradas. Essas tropas serviriam também para completar o número de homens necessários para se mudar a formação de batalha. Entre os diversos exemplos dessas formações podemos citar a cunha¹⁸⁹, a tenaz¹⁹⁰, a serra¹⁹¹ e o *globus*¹⁹².

Como pode ser visto pela utilização das diversas formações, não havia uma maneira única de lutar. São enumerados sete tipos de combater por Vegécio, que davam ao exército inúmeras possibilidades e que tinham em comum o fato de posicionar os

¹⁸⁹ A cunha era formada quando uma grande quantidade de peões avançava de forma mais fina à frente e mais larga atrás (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XIX).

¹⁹⁰ A tenaz seria a formação mais adequada para rechaçar uma cunha, já que ela a recebia e a fechava por ambos os lados, formando um V em campo de batalha (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XIX).

¹⁹¹ A serra era utilizada para frear o ímpeto adversário para que uma linha desarrumada pudesse se reorganizar (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XIX).

¹⁹² O *globus* era usado quando uma parte do grupo deveria se separar da sua az e empreender um ataque móvel, ajudado depois por outro destacadamente maior (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XIX).

melhores homens no local em que o combate teria início (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XXI). Todas as possibilidades tinham em comum o fato de que o inimigo nunca deveria ser cercado e que um caminho de fuga, para que os riscos de danos às tropas fossem diminuídos, fosse sempre traçado.

3.5. Utilização da *Poliorcética*

O último pilar do modo romano de lutar pensado por Vegécio é exatamente a boa utilização da *poliorcética*. David Paniagua Aguilar, em seu artigo *La arenga militar desde la perspectiva de la tradición polemológica greco-latina*, define que a *poliorcética* se "ocupava da explicação das manobras e procedimentos militares relativos aos assédios a cidades e fortes protegidos" (PANIAGUA AGUILAR, 2007, p. 02). A primeira obra "ocidental" que se tem notícia a versar especificamente sobre a defesa de cidades é datada do período entre 400 e 360 a.C. e foi escrita por Eneas, o Tático, um personagem muito obscuro até a contemporaneidade e que se chama *Poliorcética*.

Para Eneas, o Tático, a luta longe de suas fronteiras mesmo em caso de derrota não ameaçava a cidade da qual os soldados partiam, assim como tornava a aniquilação algo improvável. Contudo, os homens se arriscam para "conservar seus mais preciosos bens, seus templos, sua pátria, seus protetores, sua prole e todas as demais possessões, a luta não é igual" (ENEAS, O TÁTICO. *Poliorcética*. I, Pref.). Esse grande perigo representado por esse tipo de guerra era compensado em caso de vitória pela certeza de que os inimigos pensariam duas vezes antes de infligir novos ataques a uma cidade que, por ser muito preparada, seria capaz de rechaçar qualquer inimigo.

Esse conhecimento que nasceu entre os povos de língua grega, povos dos quais Vegécio tirou muitas lições, e apesar de Vegécio não utilizar o termo *poliorcética*, acreditamos que ela também tornava os romanos diferentes de seus vizinhos das fronteiras ao norte do Danúbio. Sabemos disso, por exemplo, pela leitura de Amiano Marcelino. Este nos relata como, após vencerem a Batalha de Adrianópolis não conseguiram tomar a cidade de Constantinopla (AMIANO MARCELINO. *História*. XXXI, 16, 3) devido à sua incapacidade de utilizar as práticas de cerco. Entre os

inimigos de Roma, os únicos povos capazes de fazer um bom uso da *poliorcética*, no século IV, eram os Persas, que venceram o exército de Juliano. A sua organização era tal que dentro de seus exércitos existiam "engenheiros necessários para construir e operar torres, estacas e catapultas" (GOLDSWORTHY, 2007, p. 185).

Pensamos que Vegécio não se atentava muito para os vizinhos Persas, pois os grandes inimigos do povo romano durante o período de vida de Vegécio eram os grupos de origem germana. Exatamente por essa diferença relacionada à prática da *poliorcética* no que concerne aos germanos, que pensamos este ramo da *res militaris* como parte do modo romano de lutar. O grande exemplo usado para justificar a importância da manutenção das defesas da cidade é dado pelo próprio Vegécio:

Mas o quanto são úteis as decisões de Vossa Clemência no que diz respeito à construção cuidadosa de muralhas comprova-se pelo exemplo passado de Roma, que salvou a vida dos cidadãos por meio da defesa do Capitólio para que possuísse depois, de uma forma mais gloriosa, o império de todo o mundo¹⁹³ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.).

Apesar de Roma ter sido cercada pelos Gauleses liderados por Breno em 390 a.C., ela tinha resistido a esta dificuldade e após esta vitória não havia mais sido ameaçada. Para Vegécio, que escrevia antes de 410 (ano do saque dos Godos), era Roma o grande modelo de cidade a ser seguido do ponto de vista defensivo. Os conhecimentos da *poliorcética* deveriam também ser usados para fins ofensivos. Como observamos até aqui, o modelo romano de lutar encontrado na *Epitoma rei militaris* buscava também a guerra ofensiva. Para que um exército fosse vitorioso utilizando-se da *poliorcética*, era importante que ele dominasse os seguintes pontos: construção das defesas de uma cidade, manutenção dos aprovisionamentos e por último, e não menos importante, o sítio a cidades inimigas.

Antes de iniciarmos o estudo das diversos assuntos acima referidos é preciso que se faça uma distinção entre os dois tipos de cercos que Vegécio relata. O primeiro consistia na instalação de um posto em local propício que permitisse o impedimento da entrada de suprimentos em uma cidade até sua rendição (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, VII). O outro tipo é caracterizado por Vegécio como o mais arriscado, porque existe a possibilidade de haver grande derramamento de sangue, pois os atacantes se lançam contra a fortaleza (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, VII). Uma

¹⁹³ "[Sed dispositionibus uestrae clementiae quantum profecerit murorum elaborata constructio Roma documentum est, quae salutem ciuium Capitolinae arcis defensione seruauit ut gloriosius postea totius orbis possideret imperium]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, Pref.).

cidade deve estar preparada para se defender de ambas as possibilidades, assim como um general deve poder optar pela maneira que ele pensa ser mais interessante de se atacar.

Na *Epitoma rei militaris*, existiam duas formas de proteção das cidades: pela natureza ou por iniciativa humana. A proteção do primeiro tipo era proporcionada a partir de locais de difícil acesso, como rios, pântanos e até mesmo o mar. As do segundo tipo eram proporcionadas pela construção de fossos e muralhas. Em relação às proteções de primeiro tipo, não há muito a acrescentar, então vamos nos concentrar nas de segundo tipo.

Os muros de uma cidade nunca poderiam ser construídos sem curvas, pois isto a deixaria muito mais exposta a máquinas inimigas. Por isso, era necessário fechar as cidades com curvaturas sinuosas com a presença de torres nos cantos, de forma a inibir a ação de invasores. Não obstante essas primeiras informações, após a construção da muralha, era necessário que duas paredes fossem construídas do lado de dentro da muralha com um intervalo de 6 metros. Então, a terra retirada dos buracos feitos para a construção das paredes era colocada entre o vão de forma a dificultar ações inimigas (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, III).

Com a muralha construída, era necessário que se tomasse cuidado com os acessos da cidade. Devido à fragilidade das portas, estas deveriam ser revestidas de couro e ferro e terem grades instaladas, para que em caso de invasão elas fossem rebaixadas e matassem os invasores. Por último, era necessário que fossos fossem escavados de uma maneira que não permitisse nivelamento ou atulhamento pelos atacantes. Para Végécio, só existiam duas formas de impedir os trabalhos de abertura de caminhos subterrâneos pelos inimigos: "Assim, existem duas maneiras de impedir os trabalhos de sapa de serem concluídos: pela profundidade e pela inundação dos fossos"¹⁹⁴ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, V). Também deveriam ser colocados mantos e tapetes nas ameias para reduzir o risco de que flechas chegassem até os defensores da muralha (devidamente protegidos por escudos).

Quando o sítio é feito da primeira forma, ou seja, com a privação dos suprimentos, é importante que a cidade tenha fontes de água perenes. Caso contrário, fossos deviam ser cavados e a água extraída. Se o veio de água ficar fora das muralhas, ele deve ser protegido por todo o tipo de armas arremessáveis para que seu acesso esteja

¹⁹⁴ "[Nam duplici modo opus subterraneum peragi, earum altitudine et inundatione, prohibetur]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, V).

sob controle. Mas se a fonte de água estiver fora da cidade e longe do alcance das armas, deveria ser construída uma pequena fortificação, o *burgus*, que habitado por arqueiros e balistas protegeria a água dos inimigos (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, X).

Quanto aos outros suprimentos, é preciso priorizar aqueles que eram essenciais à sobrevivência humana. Os animais que não pudessem ser criados encerrados em pequenos espaços com pouca alimentação deveriam ser mortos e salgados, como é o caso do porco. Vinho, azeite, vinagre, cereais e frutos deveriam ser armazenados de forma que os inimigos não pudessem capturá-los. As hortaliças deveriam ser plantadas nas praças públicas e nos jardins de todas as casas. O mais importante era que a distribuição fosse feita de forma equilibrada para evitar que os cidadãos passassem fome e que as pessoas incapazes de combater fossem deixadas de fora das cidades (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, VII).

Se o cerco fosse de segundo tipo, eram necessárias diversas ferramentas e máquinas de defesa. Como Vegécio enumera: "contra tudo isto, os sitiados costumam defender-se usando balistas, ónagros, escorpiões, bestas, fustíbalos, arqueiros e fundas¹⁹⁵" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXI). Todas as armas eram usadas para arremessar peças de artilharia sobre os adversários. Os equipamentos inimigos de destruir as muralhas deveriam ser rechaçados por cordas e colchões que absorveriam o impacto dessas armas. A muralha era tão importante defensivamente que, caso homens inimigos adentrassem uma cidade, a única forma de manter a defesa viva era através da manutenção das muralhas, para depois rechaça-los (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXV).

Quanto ao lado que atacava, era importante ter em mente que deveria se evitar grandes perdas humanas. Um bom estratagema enunciado por Vegécio para proveito dos atacantes era o ataque subterrâneo em que minas eram construídas pelos atacantes. O desfecho da ação se dava com a entrada na cidade e morte dos sitiados ou com a destruição dos alicerces da muralha (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXIV). O uso de máquinas também era essencial para os atacantes. As principais ele mesmo enumera: "Na verdade, aproxima-se das muralhas tartarugas, aríetes, ganchos,

¹⁹⁵ "[Aduersum haec obsessos defendere consueuerunt ballistae onagri scorpiones arcuballistae fustibali sagittarii fundae]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XXII).

uinea, mantas, manteletes e torres¹⁹⁶ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XIII). Essas armas são importantes porque são os principais instrumentos para se fazer um bom cerco.

As tartarugas, os aríetes e os ganchos¹⁹⁷ deveriam ser usados para arrancar as pedras da muralha atacada. Os aríetes e os ganchos eram acoplados a estrutura da tartaruga que tinha uma viga retrátil que ora recuava ora avançava sobre a muralha, por isso o nome de tartaruga (*testudo*). Era muito importante que esta máquina estivesse revestida por couro e peles de cabra, para não haver risco de incêndio.

Um uso diferente tinham as *uinae*, máquinas de madeira que mediam 2,4 metros de largura por 4,8 metros de comprimento e eram utilizadas para proteger os sitiadores que fossem destruir os alicerces dos muros. Os defensores da cidade deveriam ser acossados por homens armados com flechas e fundas que estariam sobre máquinas construídas com proteções de abóbadas de vime. Havia também os manteletes que deveriam funcionar como removedores menores das proteções das muralhas. A arma usada na *poliorcética* que se tornou mais famosa foi, contudo, a torre móvel e Vegécio não esquece de sua importância:

Mas a cidade fica em perigo iminente se a torre se aproximar da muralha. Na verdade, ela possui muitas escadas e procura abrir caminho de diversas maneiras. Com efeito, a torre possui um aríete no seu patamar inferior, cujo impacto destrói os muros; aproximadamente na parte do meio, ela tem uma ponte feita de duas traves e com um tapume de vime que é subitamente estendida e colocada entre a torre e a muralha e pela qual os guerreiros, que saem da máquina, acedem à cidade e ocupam as muralhas; além disso, no patamar superior da torre, são colocados lanceiros e arqueiros, que derrubam os defensores da cidade a partir de cima com lanças, mísseis e pedras¹⁹⁸ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XVII).

As torres móveis eram as máquinas que decidiam o final do cerco. Ou eram incendiadas e o ímpeto dos atacantes se esvanecia, ou tinham sucesso e tomavam a

¹⁹⁶ "[Admouentur enim testudines arietes falces uinae plutei musculi turres]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XIII).

¹⁹⁷ A tartaruga era uma máquina construída de madeira e revestida de couro ou peles de cabras e com uma viga do lado de dentro fixada a um pedaço de ferro curvo, o gancho, que ora se retraía ora avançava na muralha para arrancar pedaços de pedra (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XIV). O aríete era outra máquina construída com madeira com a ponta de ferro e bronze para derrubar os muros da muralha com o impacto gerado pelo encontro do metal com a parede.

¹⁹⁸ "[Praesens autem periculum ciuitatis est, si ad murum fuerit turris admota. Plures enim accipit scalas et diuerso genere conatur inrumpere. Nam in inferioribus habet arietem, cuius impetu destruit muros, circa mediam uero partem accipit pontem, factum de duabus trabibus saeptumque de uimine, quem subito prolatum inter turrem murumque constituunt et per eum egredientes de machina bellatores in ciuitatem transeunt et occupant muros. In superioribus autem turris illius partibus contati et sagittarii collocantur, qui defensores urbis ex alto contis missilibus saxisque prosternant]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. IV, XVII).

cidade pretendida. Essa máquina era tão impressionante que sua altura entre 12 e 15 metros deveria ser maior do que a da muralha, para que os sitiadores pudessem atacar a cidade de forma menos arriscada. Essa máquina somente seria incendiada se fosse tomada em assalto e depois incendiada, ou se fossem usados projetéis com as pontas incendiadas de forma que fosse possível penetrar o couro de proteção.

O ataque e a defesa das cidades eram procedimentos muito complexos em sua realização cotidiana. Antes da preocupação em tomar a iniciativa ou se defender era preciso que o aprisionamento de suprimentos fosse realizado. Mais importante que um ataque bem sucedido, era a manutenção da água, já que como foi visto no Livro III (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XXVI), a vitória pela fome era um plano melhor do que vencer pelas armas.

Com esta última explanação sobre o sítio de cidades, encerramos o presente capítulo. Após estudarmos todos os quatro elementos constitutivos do modo romano de lutar, podemos entender a complexidade deste conceito. Vegécio utiliza vários *exempla*, de diferentes períodos históricos, para dar corpo ao seu exército romano ideal. Autores como Santo Mazzarino afirmam que as propostas de Vegécio não eram passíveis de realização no final do IV século e de certa forma não estão errados. Contudo, nossa preocupação com esse trabalho era afirmar outra coisa: a plausibilidade do modo romano de lutar. Como demonstrado em todo o capítulo III, as colocações de Vegécio não eram meras quimeras, afirmações jogadas aos sete ventos que não poderiam sequer ser proferidas, mas argumentos baseados em todo um costume militar romano. O treinamento e a disciplina dos homens, a utilização das legiões, a organização em campanha e o domínio da *poliorcética* eram, em nossa opinião, soluções aceitáveis para os contemporâneos de Vegécio, já que sua obra foi muito divulgada e copiada no transcorrer dos anos, além claro de ser uma leitura muito agradável. O modo romano de lutar identificado por nós na *Epitoma rei militaris*, contudo, não tem a pretensão de ser um conceito absoluto e fechado, pois nossa preocupação desde o começo deste estudo era com possíveis identidades romanas no período histórico analisado. Por outro lado, a utilização deste conceito como uma chave interpretativa para entendermos esse mundo em estado de mutação constante em que o ser romano não era mais identificado com o simples fato de nascer dentro ou fora dos territórios romanos. Era muito mais importante que um sujeito adquirisse características morais romanas e quando falamos do campo militar, os *mores* estavam relacionados à disciplina, à legião, ao bom funcionamento do exército e ao bom uso da *poliorcética*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passemos às considerações finais... Enquanto manual militar, entendemos a obra *Epitoma rei militaris* como um documento de grande valor para o estudo do IV século e da Antiguidade Tardia como um todo. Tendo em vista o grande número de possibilidades a serem escolhidas para o estudo desta fonte, nos concentramos num tema específico: um estudo sobre a construção de identidades romanas no campo bélico. Tentamos demonstrar aqui a viabilidade deste conceito para uma análise do contexto histórico do final do IV século, assim como a importância do exército como *locus* de constituição identitária romana.

Uma de nossas grandes preocupações foi problematizar aspectos técnicos de composição, transmissão e tipologia da fonte para entendermos seu valor como documento histórico. Os manuais militares, como um tipo específico de fonte, têm uma relação pragmática com o passado, como é possível observar, por exemplo, na organização em tópicos destas fontes e na ausência de períodos muito longos. Entre os diversos subgêneros de manuais militares, a *Epitoma rei militaris* se enquadra dentro do grupo de trabalhos voltados à *ars militaris*, ou seja, obras voltadas para vários aspectos preceptivos do combate. A inovação militar neste tipo de fonte se liga com a recriação dos feitos anteriores selecionados entre várias fontes. Homero e Frontino, por exemplo, são contemporaneizados por Vegécio a partir da premissa de que se deve recuperar o antigo costume em prol do bem-estar da República. Devido a essa grande generalidade de assuntos e de camadas temporais presentes na produção se torna inviável uma análise meramente factualista da fonte, mas se abrem grandes possibilidades.

Entre as diversas questões que poderiam ser abordadas escolhemos a que trata do conceito de identidades. Em nosso entedimento, existe na fonte analisada uma constante busca por resolução dos problemas bélicos daquele contexto histórico. Entre os problemas apontados por Vegécio, a falta de homens capacitados para servirem nos exércitos é fundamental para o mal funcionamento do aparelho bélico no IV século. Por viver em um momento em que a cidadania romana já havia adquirido um significado menos restritivo, a própria percepção do que é ser romano era bastante peculiar. Adotamos por isso uma conceituação de identidades que priorize a ideia do compartilhamento de ideias que geram pertencimento a um grupo e não a polarização entre romanos e não-romanos. Acreditamos, porém, que esse pertencimento não se dava de forma monolítica, mas sim através da existência de várias culturas em coexistência.

De forma pragmática, adotamos a ideia de que na *Epitoma rei militaris* existe uma clara abertura identitária no que envolve o recrutamento de braços para servir nos exércitos. Não percebemos a existência de um núcleo étnico imanente entre os romanos do IV século, que os particularizassem. O que transformava um sujeito qualquer em romano eram as qualidades, como a *honestas* e *uerecundia*. A *romanitas* era o que modificava o status de um sujeito e do ponto de vista militar o exército era o local em que acontecia essa transformação. Qualidades como velocidade, robustez, confiança e a *uirtus* eram assimiladas via treinamento. A disciplina era o meio de se garantir que todas essas qualidades necessárias fossem adquiridas pelos recrutas. Percebemos aqui um processo identitário inclusivo, ou seja, ocorre cada vez mais a aceitação nos exércitos de grupos que até então eram marginalizados. Contudo, essa aceitação se dava de forma controlada, pois o treinamento que funciona como elemento de aceitação de grupos antes excluídos, também funciona como momento de exclusão. Certas características deveriam ser assimiladas pelos novos soldados para que eles pudessem lutar de forma romana, era preciso que os recrutas aprendessem o modo romano de lutar.

Para entendermos as formulações de Vegécio em relação a definição de um modo romano de lutar tivemos de entender antes o contexto histórico da segunda metade do IV século. Nossos marcos temporais foram definidos a partir da *Epitoma rei militaris*: a ascensão do Imperador Graciano e a morte de Teodósio I (Imperador a quem Vegécio dedicou sua obra). O período em que Graciano se tornou um dos governantes do Império é muito importante porque foi durante aquele momento que os romanos sofreram um de seus principais revezes militares: a Batalha de Adrianópolis e seus desdobramentos. Além de perder muitos de seus homens na Trácia, os exércitos romanos saíram humilhados moralmente. O que se seguiu durante os anos seguintes, principalmente durante o governo de Teodósio I foi uma tentativa de reorganização militar romana. A liberdade de entrada de grupos originalmente não romanos nos exércitos é visível nas políticas teodosianas em relação aos *foederati*. Isso porque além das constantes incursões godas, Teodósio I conviveu com sucessivas insurreições.

A máquina militar romana também passava por diversas transformações naquele momento. Apesar de continuarem a ser a unidade básica da força bélica romana e de possuir uma estrutura de comando, organização tática e métodos de lutar inalterados, o tamanho das legiões havia mudado. Isso porque ocorreu progressivamente o abandono da ideia de segurança impeditiva em favor do sistema elástico de defesa, em

que o exércitos móveis ganhavam destaque. Essa transformação é evidente na divisão das tropas entre *comitatenses* e *limitanei*, ou seja, tropas móveis e tropas de fronteira. Além disso, destaca-se também um progressivo afastamento dos grupos senatoriais de funções militares em favor dos homens que emergiam do próprio exército. A transformação mais importante (no âmbito deste trabalho) se deu, contudo, ao nível dos soldados que estavam a serviço do Império. Os *foederati* a partir do governo de Teodósio I foram ganhando cada vez mais espaço militarmente, em detrimento do enfraquecimento dos exércitos regulares.

Uma outra peculiaridade desse período histórico, analisado principalmente na *Epitoma rei militaris* é a concepção de guerra, ou seja, a significação da guerra para esses homens. Notamos como o ato de travar uma guerra (*ius ad bellum*) com autoridade legítima e com objetivo de expurgar injúrias era compatível com a conduta na guerra (*ius in bello*). A guerra era um meio de se alcançar a paz e para os romanos esta somente deveria ser alcançada pela capitulação de seus inimigos (*deditio*, *supplicatio* e *deprecatio*). O fenômeno bélico tem valor por si próprio, na medida em que as qualidades romanas essenciais somente poderiam ser mantidas pelo constante exercício. A paz, por outro lado, estava associada a defeitos e problemas que para Vegécio são culpados pelo progressivo enfraquecimento do poder bélico romano. A transformação de jovens recrutas em homens valorosos se dava pela guerra e exatamente por isso, esta levaria os romanos a uma vitória étnica e identitária sobre seus inimigos. A guerra não representaria uma vitória meramente militar, ela traria à tona a vitória dos *mores* romanos.

No cenário conturbado da segunda metade do século IV, em que as ameaças inimigas eram constantes e que os exércitos flexibilizavam o processo de aceitação de recrutas em seu corpo se fazia necessário a reafirmação de características romanas na guerra. Isso porque a possibilidade de obliteração da forma de conduzir a guerra romana pela absorção de táticas e estratégias desses novos integrantes dos exércitos era cada vez maior. Apesar de não acreditarmos em um modo romano de lutar uniforme em toda a história deste povo, pensamos que Vegécio escolhe alguns elementos que diferenciavam a maneira dos romanos conduzirem a guerra em relação aos seus contemporâneos. A denominação do modo romano de lutar nasce neste ponto, pois apesar de não ser formalmente encontrado na fonte, é interessante para abarcar algumas das preposições encontradas na *Epitoma rei militaris*. Pensamos nesta denominação de forma a criticar grandes modelos explicativos, como o "modelo ocidental de guerra", que escondem as

peculiaridades dos diversos exércitos em diferentes períodos históricos. O modo romano de lutar encontrado na *Epitoma rei militaris* se caracteriza por utilizar de um costume militar romano (os bons *exempla* do passado) e dar forma a um exército a partir de quatro elementos: treinamento e disciplina militar, preferência pelo uso das legiões, bom funcionamento do exército e domínio da *poliorcetica*. Se durante o recrutamento existe uma abertura, durante a assimilação dos recrutas e soldados ao modo romano de lutar passam a existir limitações na maneira de conduzir a guerra e consequentemente, limitações identitárias.

Durante o período de treinamento em que os homens adquiriam a disciplina militar necessária, existiam atividades individuais e coletivas. Diversas fases se seguiam para que individualmente se formasse um soldado forte mas principalmente um grupo coeso. Existia também uma divisão entre atividades meramente físicas, como a natação e a corrida, e atividades militares como a *armatura*. Os homens deveriam ter tal proximidade com seus colegas em armas que juntos formariam no acampamento uma cidade amuralhada. A disciplina tornaria o homem capaz de integrar as fileiras da legião e receber as picadas distintivas. Após receber as marcas distintivas, os soldados estavam prontos para se integrarem à legião. Para Vegécio, esta forma de organização militar era legitimada por vontade divina e os romanos deveriam utilizar das legiões, assim como os bárbaros utilizavam de ordas e os gregos de falanges. Além de ser a forma mais barata de proteger os romanos, este tipo de infantaria era útil em vários campos de guerra, diferente da cavalaria e da marinha, por exemplo. Na *Epitoma rei militaris*, todo o exército deveria se organizar de forma que a legião assumisse o papel de protagonista na batalha. O bom funcionamento do exército em campanha e nos acampamentos também era fundamental. O número de homens certo para a campanha, a melhor forma e lugar da montagem do acampamento, os cuidados com a saúde dos homens e aprovisionamento de alimentos, o controle dos soldados e o conhecimento dos hábitos dos adversários eram cuidados essenciais antes do combate. Durante a peleja, a figura do *dux* era essencial para organizar seu exército em batalha e todo o processo de treinamento era posto em teste. A *poliorcética*, como parte da arte militar que se relacionava com aos assédios a cidades e muralhas, também é fundamental na construção de Vegécio. Isso porque as técnicas de sítio são uma herança dos gregos para os romanos que a maioria de seus inimigos não dominavam.

Em nossa opinião, a adoção de um modo romano de lutar é uma resposta plausível que Vegécio encontra para os problemas militares do período histórico em que

ele viveu. Por um lado, temos uma maior flexibilização no que tange às questões de recrutamento e, por outro, temos uma maior exigência na utilização dos *mores* romanos nos exércitos formados. Ao nosso ver, trata-se de uma tentativa de tornar o campo militar um universo menos dispendioso para os cofres romanos do que a contratação de mercenários, ao mesmo tempo que se procura formar homens com mais sentimento de pertencimento a uma ideia do que seja romano, que no caso militar se manifesta neste modo romano de lutar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A) DOCUMENTOS TEXTUAIS

AMIANO MARCELINO. *History*. Trad. John C. Rolfe. Londres: William Heinemann LTD, 1982. 3v. (The Loeb Classical Library)

ANÓNIMO. *Sobre Asuntos Militares*. Trad. Álvaro Sánchez-Ostiz. Pamplona: Ediciones Universidade de Navarra, 2004.

DION CÁSSIO. *Roman History*. Trad. Ernest Cary. Londres: William Heinemann LTD, 1914. (The Loeb Classical Library)

ENÉAS, O TÁTICO. *Poliorcética*. Trad. José Vela Tejada. Madri: Gredos, 1991.

FRONTINO. *Estratagemas*. Trad. Miguel Mata. Lisboa: Sílabo, 2005.

La Notitia Dignitatum. Trad. Concepción Neira Faleiro. Madri: Universidad Complutense de Madri, 1998.

ONASSANDRO. *Do General*. Trad. Luíza Monteiro de Castro Silva Dutra. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010.

PLUTARCH. *Parallel Lives*. Trad. Bernadotte Perrin. Londres: William Heinemann LTD, 1919. V. 08. (The Loeb Classical Library)

POLÍBIO. *História*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

POLIENO. *Estratagemas*. Trad. Francisco Martín Garcia. Madri: Gredos, 1991.

POLYBIUS. *The Histories*. Trad. W. R. Paton. Harvard: Harvard University Press, 1927. (The Loeb Classical Library)

VEGÉCIO. *Epitoma Rei Militaris*. Trad. M. D. Reeve. Oxford: Clarendon Press, 2004.

VEGÉCIO. *Compêndio da Arte Militar*. Trad. J.G. MONTEIRO e J. E. BRAGA. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VEGÉCIO. *Epitome of Military Science*. Trad. N. P. Milner. Liverpool: Liverpool University Press, 1996.

VEGÉCIO. *Compendio de técnica militar*. Trad. David Paniagua Aguilar. Madri: Cátedra, 2006.

ZÓSIMO. *Nueva Historia*. Trad. José M^a. Candau Morón. Madri: Gredos, 1992.

B) OBRAS DE REFERÊNCIA

BISHOP, M. C.; COULSTON, J. C. N. *Roman Military Equipment: from the Punic Wars to the Fall of Rome*. 2^a ed. Oxford: Oxbow Books, 2009.

BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; CAMERON, A. (Ed.). *The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire 193-337*. 2^a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 110-130.

CAMERON, A.; GARNSEY, P. *The Cambridge Ancient History: The Late Empire, A.D. 337-425*. Vol. XIII. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

____. *The Mediterranean World in Late Antiquity AD 395-600*. Londres: Routledge, 2001.

CAMPBELL, Brian. *The Roman Army 31BC-AD 337: A Sourcebook*. Londres: Routledge, 1994.

HANSON, V. D. (Org.). *Makers of Ancient Strategy: from the Persian Wars to the Fall of Rome*. Princeton: Princeton University Press, 2010.

JONES, A. H. M. *The Later Roman Empire 284-602: A Social, Economic, and Administrative Survey*. Volume I. Baltimore: Basil Blackwell, 1964.

OXFORD LATIN DICTIONARY. Oxford: University Press, 1968.

RAAFLAUB, K. A. (Ed.). *War and Peace in the Ancient World*. Oxford: Blackwell, 2007.

RICH, J; SHIPLEY, G. *War and Society in the Roman World*. Londres: Routledge, 2002.

WHITBY, M.;SABIN, P.; VAN WEES, H. *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare: from the Late Republic to the Late Empire*. Volume II. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

C) OBRAS GERAIS

ADLER, Eric. *Valorizing the Barbarians: Enemy Speeches in Roman Historiography*. Texas: University of Texas Press, 2011.

ALLMAND, Christopher. *The De Re Military of Vegetius: The Reception, Transmission and Legacy of a Roman Text in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BAKER, Simon. *Roma: Auge y Caída de un Imperio..* Barcelona: Ariel, 2007.

BAKER, Patricia A. Medicine, Death and Military Virtues. In: MARCO SIMÓN; PINA POLO; REMESAL RODRÍGUEZ (Ed.). *Formae Mortis: El Tránsito de la Vida a la Muerte en las Sociedades Antiguas*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2009. p. 25-37.

BARBERO, Alessandro. *9 de agosto de 378: o Dia dos Bárbaros*. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

BARBOSA, Pedro Gomes. Os Bárbaros às Portas do Império. Aspectos do fazer-a-guerra Germânico. In: SANTOS, A. R. dos; VARANDAS, J. *A Guerra na Antiguidade II*. Lisboa: Caleidoscópio, 2008. p. 239-255.

BARNES, T. D. Notes and Discussions: the Date of Vegetius. *Phoenix*, Vol. 33, N. 03, 1979, p. 254-257.

BARTHÉLEMY, Dominique. Os Guerreiros Bárbaros. In: _____. *A Cavalaria: Da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 21-92.

BARTON, Carlin A. The Price of Peace in Ancient Rome. In: RAAFLAUB (Ed.), *War and Peace in the Ancient World*. Oxford, Blackwell: 2007. p. 245-255.

BLOCKLEY, R. C. The Dynasty of Theodosius. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. *The Cambridge Ancient History: The Late Empire, A.D. 337-425*. . Cambridge: Cambridge University Press, 1998., v. 12, p. 111-137.

BROWN, Peter. *The Making of the Late Antiquity*. Harvard: Harvard University Press, 1978.

_____. *O Fim do Mundo Clássico*. De Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Verbo, 1972.

BRIZZI, Giovanni. *O Guerreiro, o Soldado e o Legionário: os Exércitos no Mundo Clássico*. São Paulo: Madras, 2003. 155p.

CAMPBELL, Brian. Introduction. In: _____. *The Roman Army 31BC-AD 337: A Sourcebook*. Londres: Routledge, 1994. p. 01-08.

_____. The Army. In: BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; CAMERON, A. (Ed.). *The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire 193-337*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 110-130.

CARLAN, Claudio Umpierre. Os inimigos de Roma: estratégia e formação militar na Antiguidade Tardia. In: FUNARI, P. P.; CARVALHO, M. M. de; CARLAN, C. U.; SILVA, E. C. M. da. *História Militar do Mundo Antigo: Guerras e Identidades I*. São Paulo: Annablume, 2012. p. 191-202.

CARRIÉ, J. M. Introduction 'Bas Empire' ou 'Antiquité Tardive'? In: ____; ROUSSELE, A. *L'Empire Romain en mutation, des Sévères à Constatin 192-337*. Paris: Éditions du Seuil, 1999. p. 9-25.

CARVALHO, Margarida Maria de. *Paideia e Retórica no Séc. IV D.C.: A construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*. São Paulo: Annablume, 2010. 180p.

____; GONÇALVES, Bruna Campos. Amiano Marcelino e os Construtos Identitários nos Relatos sobre os Imperadores Militares: Juliano, Joviano e Valentiano I (365-375). In: FUNARI, P. P.; CARVALHO, M. M. de; CARLAN, C. U.; SILVA, E. C. M. da. *História Militar do Mundo Antigo: Guerras e Identidades I*. São Paulo: Annablume, 2012. p. 203-222.

____. Um caso político-cultural na antiguidade tardia: o Imperador Juliano e seu conceito de educação. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 32, nº 01, 2010, p. 27-39.

CAVALLO, Guglielmo. Libros y público a fines de la Antigüedad. In: _____. *Libros, editores y público en el Mundo Antiguo: Guía histórica y crítica*. Trad. Juan Signes Codoñer. Madri: Alianza Editorial, 1995. p. 109-168.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre Práticas e Representações*. Alges: Difel, 1987. 244p.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CORNWELL, Bernard. *O Rei do Inverno*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CURRAN, John. From Jovian to Theodosius. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. *The Cambridge Ancient History: The Late Empire, A.D. 337-425*. Vol. XIII. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 78-110.

DAWSON, Doyne. *The Origins of Western Warfare: militarism and morality in the Ancient World*. Oxford, Westview Press: 1996.

DEBROHUN, Jeri Blair. The Gates of War (and Peace): Roman Literaty Perspectives. In: RAAFLAUB, K. A. (Ed.). *War and Peace in the Ancient World*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 256-278.

DUTRA, Luíza Monteiro de Castro Silva. *Do General, de Onassandro: Tradução e estudo*. 2010. 173f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ELIAS, Norbert. A Civilização como Transformação do Comportamento Humano. In: _____. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2v.

ELTON, Hugh. Military forces. In: WHITBY, M.;SABIN, P.; VAN WEES, H. *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare: from the Late Republic to the Late Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, V. 02, p. 270-309.

FERRIL, Arther. *The origins of War: From the Stone Age to Alexander the Great*. Londres: Westview, 1997.

_____. *A Queda do Império Romano: a explicação militar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

FINLEY, Moses. O declínio da escravidão antiga. In: _____. *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

FRIGHETTO, Renan. *Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras Numa Época de Transformações (Séculos II-VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012.

GIACOMONI, Marcello Paniz. *Ecos de uma tradição: a ideia de decadência na obra Epitoma Rei Militares, de Flavius Vegetius Renatus*. 2011. 170f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GIBBON, Edward. *History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Londres: Penguin, 2001.

GOFFART, Walter. The Date and Purpose of Vegetius 'De Re Militari'. *Traditio*, vol. 33, 1977, p. 65-100.

____. Rome, Constantinople, and the Barbarians. *The American Historical Review*, Bloomington, vol. 86, nº. 03, p. 275-306, 1981.

GORDON, C. D. Vegetius and His Proposed Reforms of the Army. In: EVANS, J. A. S. (Ed.). *Polis and Imperium: Studies in Honour of Edward Togo Salmon*. Toronto: Hakkert, 1974. p. 35-58.

GOLDSWORTHY, Adrian. *El Ejército Romano*. Madrid: Akal, 2007.

____. *Roman Warfare*. Phoenix: Orion Books, 2007.

____. *O Fim do Império Romano: o lento Declínio da Superpotência*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010.

GORDON, C. D. Vegetius and His Proposed Reforms of the Army. In: EVANS, J. A. S. (Ed.). *Polis and Imperium: Studies in Honour of Edward Togo Salmon*. Toronto: Hakkert, 1974. p. 35-58.

GRANT, Michael. *Roma: A Queda do Império*. Lisboa: Presença, 2009.

____. *The Collapse and Recovery of the Roman Empire*. Nova York: Routledge, 1999.

GUARINELLO, Noberto Luiz. Antiguidade Tardia. In: _____. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 161-172.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANSON, Victor Davies. The Modern History of Ancient Warfare. In: SABIN, P.; WESS, V. W.; WHITBY, M. (Ed.). *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*. Cambridge: University Press, 2007. p. 3-21.

____. Introduction: Makers of Ancient Strategy. In: ____ (Org.). *Makers of Ancient Strategy: from the Persian Wars to the Fall of Rome*. Princeton: Princeton University Press, 2010. p. 1-10.

____. *Por que o Ocidente venceu: Massacre e cultura - da Grécia Antiga ao Vietnã*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

____. *Uma guerra sem igual*. Rio de Janeiro: Record, 2012. 517 p.

____. The Status of Ancient Military History: Traditional Work, Recent Research, and On-Going Controversies. *The Journal of Military History*, Lexington, vol. 63, nº. 02, p. 379-413, 1999.

HARTOG, François (Org.). *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

____. Tempo, História e a Escrita da História: a Ordem do Tempo. *Revista de História*, São Paulo, v. 148, n. 01, p. 09-34, 2003.

HEATHER, Peter J. Holding the Line: Frontier Defense and the Later Roman Empire. In: HANSON, V. D. (org.). *Makers of Ancient Strategy: From the Persian Wars to the Fall of Rome*. Princeton: Princeton University Press, 2010. p. 227-246.

____. *La caída del imperio romano*. Barcelona: Crítica, 2006.

____. The barbarian in late antiquity: image, reality and transformation. In: MILES, R. (Org.). *Constructing Identities in Late Antiquity*. Nova York: Routledge, 1999. p. 234-258.

____. *Empires and Barbarians: The Fall of Rome and the Birth of Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

____. Goths and Huns, c. 320-425. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. *The Cambridge Ancient History: The Late Empire, A.D. 337-425*. Vol. XIII. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 487-515.

HINGLEY, Richard. Diversidade e Unidade Culturais: Império e Roma. In: GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P.; PINTO, R. (Org.). *O Imperialismo Romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Annablume, 2010. p. 67-104.

HUSKINSON, Janet. Looking for culture, identity and power. In: ____ (Ed.). *Experiencing Rome: Culture, Identity and Power in the Roman Empire*. Londres: Open University, 2005. p. 03-27.

JANNIARD, Sylvain. *Les Transformations de l'armée Romano-Byzantine (III-IV Siècles Apr. J. -C.): Le paradigme de la Bataille Rangée*. 2010. 535f. Tese (Doutorado em História) - Escola de História e Civilização, EHESS, Paris, 2010.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2004.

JONES, A. H. M. The Army. In: _____. *The Later Roman Empire 284-602: A Social, Economic, and Administrative Survey*. Baltimore: Basil Blackwell, v. 01, p. 607-686, 1964.

KAGAN, Donald. *On the Origins of War: and the preservation of Peace*. Nova Iorque: First Anchor Books, 1996.

- KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- KULIKOWSKI, Michael. *Guerras Góticas de Roma*. São Paulo: Madras, 2008.
- LE BOHEC, Yann. *El Ejército Romano*. Barcelona: Editora Ariel, 2008.
- LE GLAY, Marcel. *Grandeza y caída del Imperio Romano*. Madri: Cátedra, 2002.
- LE ROUX, Patrick. *Império Romano*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- LEE, A. D. *War in Late Antiquity: A Social History*. Oxford: Blackwell, 2007.
- _____. The Army. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. *The Cambridge Ancient History: The Late Empire, A.D. 337-425*. Vol. XIII. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 211-237.
- LENDON, J. E. *Empire of Honour*. Oxford: University Press, 2000.
- _____. *Soldiers and Ghosts. A history of battle in classical antiquity*. New Heaven and London: Yale University Press, 2005.
- LIEBESCHUETZ, Wolfgang. The end of the Roman army in the western empire. In: RICH, J; SHIPLEY, G. *War and Society in the Roman World*. Londres: Routledge, 2002. p. 265-276.
- _____. *Barbarians and Bishops: Army, Church, and State in the Age of Arcadius and Chrysostom*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- LIMA, Luiz Costa. *História, Ficção, Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LORAUX, Nicole. Elogio do anacronismo em história. In: _____. *A tragédia de Atenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p.187-204.
- _____. A democracia em confronto com o estrangeiro (Atenas, Paris). In: ____; LORAUX, N.; CASSIN, B. *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros: A Cidade e seus Outros*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p. 11-33.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *A Arte da Guerra*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- MATYSKAK, Philip. *Legionario: el Manual del Soldado Romano No Oficial*. Madri: Akal, 2010.

- MAZZARINO, Santo. *O Fim do Mundo Antigo*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MILES, Richard. Introduction: constructing identities in late antiquity. In: ____ (Org.). *Constructing Identities in Late Antiquity*. Nova York: Routledge, 1999. p. 01-15.
- MILNER, N. P. Introduction. In: VEGÉCIO. *Epitome of Military Science*. Liverpool: Liverpool University Press, 1996.
- MODANEZ, Henrique. *Dispositivos Táticos na Segunda Guerra Púnica e a questão do Militarismo Cívico na obra de Políbio: Uma Reflexão acerca do limite normativo do Modelo Ocidental de Guerra*. 2008. 93f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- PAGDEN, Anthony. *Mundos em Guerra: a luta de mais de 2500 anos entre o Oriente e o Ocidente*. Osasco: Novo Século Editora, 2010.
- PANIAGUA AGUILAR, David. “Escribir Polemologia em Roma”. *El Futuro del Pasado*. Salamanca, v. 01, nº 01, p. 203-221, 2010.
- ____. La arenga militar desde la perspectiva de la tradición polemológica greco-latina. *Talia Dixit*, Extremadura, v. 2, 1-25, 2007.
- ____. *El Panorama Literario Técnico-Científico en Roma (Siglos I-II D.C): Et docere et delectare*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2006.
- PEIXOTO, Raul Vitor Rodrigues. *As Obras de Polieno e Frontino: Proposta de uma Tipologia dos Manuais Militares Romanos no Principado*. 2011. 206f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.
- PEREA YÉBENES, Sabino. ...in bello desideratis. Estética y Percepción de la Muerte del Soldado Romano Caído en Combate. In: MARCO SIMÓN; PINA POLO; REMESAL RODRÍGUEZ (Ed.). *Formae Mortis: El Tránsito de la Vida a la Muerte en las Sociedades Antiguas*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2009. p. 39-87.
- PESCHANSKI, Catherine. Os bárbaros em confronto com o tempo (Heródoto, Tucídides, Xenofonte). In: ____; LORAUX, N.; CASSIN, B. *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros: A Cidade e seus Outros*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p. 56-74.
- RAAFLAUB, Kurt A. Introduction: Searching for Peace in the Ancient World. In: ____ (Ed.). *War and Peace in the Ancient World*. Oxford: Blackwell, 2007. p.01-33.

RANCE, Philip. Battle. In: WHITBY, M.; SABIN, P.; VAN WEES, H. *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare: from the Late Republic to the Late Empire*. Volume II. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 342-378.

REEVE, Michael D. The Transmission of Vegetius's *Epitoma Rei Militaris*. *Aevum*, Cambridge, nº 74, p. 243-354, 2000.

RICHARDOT, Phillipe. *La fin de l'armée romaine (284-476)*. Paris: Economica, 2002.

____. *Végèce et la Culture Militaire au Moyen Age (V-XV siècles)*. Paris: Economica, 1998.

ROSENSTEIN, Nathan. War and Peace, Fear and Reconciliation at Rome. In: RAAFLAUB, K. A. (Ed.). *War and Peace in the Ancient World*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 226-244.

RUSSEL, P. E. The Medieval Castilian Translation of Vegetius, *Epitoma de rei militaris*: An Introduction. In: MACKENZIE, A. L. (ed.). *Spain and its Literature. Essays in Memory of E. Alisson Peers. Part I: From the Middle Ages to the Siglo de Oro*. Liverpool: Liverpool University Press, 1997. p. 49-63.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SHRADER, Charles R. The Influence of Vegetius' *De re militari*. *Military Affairs*, Washington, V. 45, No. 4, p. 167-172, 1981.

SIDEBOTTOM, Harry. *Ancient Warfare: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SOUTHERN, Pat. *The Roman Empire: from Severus to Constantine*. Nova York: Routledge, 2001.

STOUT, S. E. Soldiers for the Roman Legion. *The Classical Journal*, Flórida, V. 16, No. 7, p. 423-431, 1921.

SWIFT, Louis J. Early Christian Views on Violence, War, and Peace. In: RAAFLAUB, K. A. (Ed.). *War and Peace in the Ancient World*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 279-296.

WALLACE-HADRILL, Andrew. Culture, identity and power. In: _____. *Rome's Cultural Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 3-37.

WALTZ, Kenneth N. *O Homem, o Estado e a Guerra: Uma Análise Teórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WARD-PERKINS, Bryan . *The Fall of Rome: and the End of Civilization*. Nova York: Oxford, 2005.

WHETHAM, David. The Epitome of Military Science. In: _____. *Just wars and moral victories: surprise, deception and the normative framework of European war in the later Middle Ages*. Boston: Brill, 2009. p. 114-165.

WHITBY, Michael. The Army, c. 420-602. In: ____; CAMERON, A.; WARD-PERKINS, B. (Ed.). *The Cambridge Ancient History: Late Antiquity: Empire and Successors, A.D. 425-600*. Volume XIV. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 288-314.

____. War. In: ____; SABIN, P.; VAN WEES, H. *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare: from the Late Republic to the Late Empire*. Volume II. Cambridge: Cambridge University Press, v. 02, p. 310-341, 2007.

____. *Rome at War AD 293-696*. Wellingborough: Osprey, 2002.

WILCOX, Peter; TREVIÑO, Rafael. *Barbarians Against Rome: Rome's Celtic, Germanic, Spanish and Gallic Enemies*. Oxford: Osprey, 2002.

WITTHAKER, Dick. Landlords and warlords in later Roman Empire. In: RICH, J.; SHIPLEY, G. (Ed.). *War and Society in the Roman World*. Londres: Routledge, 2002. p. 277-302.

WOOLF, Greg. Saving the Barbarian. In: GRUEN, E. (Ed.). *Cultural Identity in the Ancient Mediterranean*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2011. p. 255-271.

____. *Tales of Barbarians: Ethnography and Empire in the Roman West*. Oxford: Blackwell, 2011.

____. *Rome: an Empire's Story*. Nova York: Oxford University Press, 2012.

VARANDAS, José. O Hoplita e a Falange. O Triunfo da Infantaria Simétrica no Mundo Antigo. In: In: SANTOS, A. R. dos; VARANDAS, J. *A Guerra na Antiguidade III*. Lisboa: Caleidoscópio, 2010. p. 175-196.

VEYNE, Paul. *O Inventário das Diferenças: História e Sociologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ANEXOS

ANEXO I

ANEXO I

Mapa I- O Império de Valentiano e Valente



Retirado de: GOLDSWORTHY, 2010, p. 305.